



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

MANIFESTAÇÃO CULTURAL – ALTERAÇÕES AO LONGO DO TEMPO

Estudo de Caso – Festa da Pinha

Laura Neves Carlos

Dissertação para obtenção do
Grau de Mestre em Gestão Cultural

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Orientador: Prof. Doutor Pedro Ferré

Co-orientação: Prof^a Doutora Mirian Tavares

2013

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

MANIFESTAÇÃO CULTURAL – ALTERAÇÕES AO LONGO DO TEMPO

Estudo de Caso – Festa da Pinha

Laura Neves Carlos

Dissertação para obtenção do
Grau de Mestrem Gestão Cultural

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Orientador: Prof. Doutor Pedro Ferré

Co-orientação: Prof^a Doutora Mirian Tavares

2013

MANIFESTAÇÃO CULTURAL – ALTERAÇÕES AO LONGO DO TEMPO

Estudo de Caso – Festa da Pinha

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Copyright Laura Neves Carlos

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Orientador Prof. Doutor Pedro Ferré por ter aceite esta tarefa, confiado em mim mesmo sem antes ter sido sua aluna. Pela praticidade que me incutiu no direcionamento do estudo. Foi um privilégio.

À minha Coorientadora Prof^a Dr.^a Mirian Tavares pela sua resposta positiva aquando da proposta inicial nesta área de estudo, pelo seu incentivo e compreensão, e por me ter direcionado ao meu orientador.

À Dr.^a Dália Paulo pela sua generosidade humana, académica e profissional de partilha de saberes. Pelas suas orientações e principalmente pelo seu encorajamento, entusiasmo e sentido de valor dado ao estudo.

Ao Dr. Rui Parreira sobretudo pela ajuda na escolha da área de estudo para a dissertação, as suas opiniões e esclarecimentos, e pela generosidade e amizade.

Ao Dr. Pedro Barros pelo seu contributo na cedência de fotografias, na partilha de informações acerca da manifestação e esclarecimentos sobre Farrovilhas.

À Dr.^a Aurelie Quintanilha pela sua amizade e ajuda preciosa nos cálculos do tratamento dos inquéritos.

Ao amigo Dr. António Salustiano Lopes de Brito pelo tempo que despendeu a conversar comigo; ainda em miúda, já falávamos na importância das tradições. Pelo seu trabalho com as Memórias Paroquiais, e por fazer das horas uma aventura no Arquivo Distrital de Faro.

Às amigas Dr.^a Maria Fernanda Pacheco Mealha, à Dr.^a Manuela Camacho e D. Gracinda pelas memórias partilhadas, pelo humor e sabedoria de vida.

À Madre Maria José, e Irmãs do Convento do Carmelo no Patação pelo carinho.

Ao mestre Aurélio Martins pelas palavras de sabedoria e confiança.

À minha mãe, sempre, pela ajuda nas lides com o clero, o acompanhamento nas várias frentes de pesquisa e durante todo o meu percurso.

E finalmente, mas especialmente, aos entrevistados Dr. António Paula Brito e D. Conceição Morais e a todas as pessoas que disponibilizaram o seu tempo, atenção e conhecimentos para responder ao inquérito ou conceder informação.

RESUMO

A presente dissertação situa-se no campo científico do Património Cultural Imaterial e no âmbito da Gestão Cultural, tomando a forma de estudo de caso da manifestação cultural Festa da Pinha, da Freguesia de Estoi do Concelho de Faro.

Pretende-se com este trabalho registar e aprofundar o conhecimento sobre a manifestação e contribuir para a sua salvaguarda; caracteriza-se por uma investigação das origens, das alterações ao longo do tempo e da forma como a Festa é vivida hoje, e ainda a análise da relação entre o fenómeno e seu contexto.

O estudo foi dividido em quatro partes, a primeira enfoca a Freguesia através da sua caracterização Geográfica, Histórica e Sociocultural. Na segunda fazemos o enquadramento da Festa nos Rituais de Primavera, a descrição pormenorizada da mesma e examinamos os seus componentes confrontando-os com factos históricos decorrentes da nossa pesquisa. A terceira parte consiste na exposição do Trabalho de Campo realizado (inquéritos), como parte fundamental da nossa investigação, que resulta numa análise da forma atual da manifestação. Por último, na quarta parte, baseada nas considerações formuladas ao longo do estudo, fazemos uma reflexão de modo a contribuir com uma proposta de criação de um Espaço de Memórias.

Palavras-chave: Património Cultural Imaterial (PCI), Manifestação Cultural, Estoi, Festa da Pinha.

ABSTRACT

This dissertation is in the scientific field of Intangible Cultural Heritage and within the scope of Cultural Management, under taking the form of a case study of a cultural manifestation, a festive event called Festivity of the Pinecone (“Festa da Pinha”), located in the parish of Estoi, the Faro county.

The aim of this study is to register and deepen the knowledge about the manifestation and contribute to its safeguarding; it is characterized by a research of its origins, its changes over time and the way that the Festivity is lived/practiced today, and the analysis of the relationship between the phenomenon and its context.

The study has been divided into four parts, the first focuses on the parish through its Geographical, Historical and Sociocultural characterization. In the second we do the framing of the festival within the Spring Rituals, a detailed description of it and examine its components by confronting them with historical facts derived from our research. The third part consists of the exposition of the Fieldwork done (surveys) as a fundamental part of our investigation, which results in an analysis of the current form of manifestation. Ultimately, in the fourth part, based on the considerations discussed throughout the paper, we do a reflection in order to contribute with a proposal for the creation of an Space of Memories.

Keywords: Intangible Cultural Heritage (ICH), Cultural Manifestation, Estoi, Festivity of the Pinecone (Festa da Pinha).

ÍNDICE

LISTA DE ABREVIATURAS.....	6
LISTA DE FIGURAS	7
INTRODUÇÃO	10
Estado da Arte	10
Registo e salvaguarda do Património Cultural Imaterial	12
Metodologia.....	18
I A FREGUESIA DE ESTOI.....	21
1.1 ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO	21
1.2 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO.....	22
1.3 PATRIMÓNIO CULTURAL.....	25
1.3.1 Ruínas de Milreu e Casa Rural Quinhentista.....	25
1.3.2 Igreja Matriz	26
1.3.3 Ermida do Pé da Cruz.....	26
1.3.4 Palácio de Estoi	27
1.3.5 Casa de Emiliano da Costa	28
1.4 ASSOCIAÇÕES, ENTIDADES E EQUIPAMENTOS CULTURAIS	28
1.5 EVENTOS E FESTIVIDADES	31
II A FESTA DA PINHA	37
2.1 RITUAIS DE PREPARAÇÃO DA PRIMAVERA E SIMBOLISMOS DA FESTA DA PINHA.....	37
2.1.1 Maio.....	39
2.1.2 As Flores.....	40
2.1.3 O Fogo e a Fogueira	40
2.1.4 A Pinha	42
2.1.5 O Traje adotado	43
2.1.6 Os sentidos associados à Festa	45
2.2 UMA PERDA PARA A MANIFESTAÇÃO CULTURAL	47
2.3 FESTA DA PINHA - DESCRIÇÃO PORMENORIZADA.....	47
2.3.1 Reunião dos participantes no picadeiro	48
2.3.2 Cortejo	49
2.3.3 Vivas	50
2.3.4 Almoço convívio no Ludo	51
2.3.5 Os Jogos tradicionais e o Baile.....	52
2.3.6 O Regresso a Estoi.....	53
2.3.7 O Fogo-de-artifício	53
2.3.8 Chegada à Ermida: Fogueira	55
2.3.9 Jogos Florais	56
2.3.10 Encerramento das festividades no dia 3 de Maio.....	56

2.4	O HINO DA FESTA DA PINHA	57
2.5	HISTÓRIA DA MANIFESTAÇÃO	58
2.5.1	Alterações da Festa ao longo dos tempos	58
2.5.2	Datas de origem da Festa - resultados do inquérito vs factos históricos.....	59
2.5.3	Notas em periódicos: Festa da Pinha e outras Festividades	63
2.6	O ALMOCREVE – O SUJEITO CENTRAL DA MANIFESTAÇÃO	64
2.7	O ‘LUDO’	68
III	TRABALHO DE CAMPO E ANÁLISE DE RESULTADOS	74
3.1	METODOLOGIA E INSTRUMENTOS DE INVESTIGAÇÃO.....	74
3.1.2	Entrevistas	76
3.2	O INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO.....	77
3.2.1	Apresentação dos resultados.....	79
3.2.2	Discussão dos resultados.....	98
3.2.3	Conclusões.....	102
IV	GESTÃO CULTURAL.....	104
4.1	A IMPORTÂNCIA DA INFORMAÇÃO ACERCA DA MANIFESTAÇÃO.....	104
4.2	O QUE DISTINGUE A FESTA DA PINHA DAS ‘FESTAS MEDIEVAIS’?.....	106
4.3	PROPOSTA: UM ESPAÇO DE MEMÓRIAS.....	107
4.3.1	RELAÇÃO ENTRE MUSEU E TURISMO CULTURAL EM ESTOI.....	113
	REFLEXÕES FINAIS	118
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	122
	DOCUMENTOS ADF	125
	PERIÓDICOS	125
	LEGISLAÇÃO.....	126
	RECURSOS DA INTERNET	126
	ILUSTRAÇÕES BNP - FICHAS BIBLIOGRÁFICAS.....	129
	FOTOGRAFIAS.....	129
	VÍDEO.....	129
	MÚSICA.....	129
	ANEXOS	130
	ANEXO A - Descrição visual da Festa da Pinha (fotografias e mapas).....	131
	ANEXO B – Vistas da Aldeia de Estoi (fotografias)	173
	ANEXO C - Cartaz do Programa da Festa da Pinha 2013	187
	ANEXO D - Documento da “Confraria de N ^a S ^a do Pé da Cruz 1875 – 1877”	188

ANEXOS em CD:

E1 - Inquéritos - Resultados Sector Feminino Anexo
E2 - Inquéritos - Resultados sector Masculino
E3 - Inquéritos - Resultados sectores Feminino e Masculino
F1 - Transcrição da Entrevista 1 - Dr Brito - Presidente JF Estoi

F2- Transcrição da Entrevista 2 – D. Conceição Morais
G – Inquéritos digitalizados
H – Hino da Festa da Pinha (Ficheiro Mp4)
I – Vídeos da Manifestação Cultural
J – Lenda da Festa da Pinha

Lista de Abreviaturas

ACESTOI – Associação Cultural e Recreativa de Estoi

ADF – Arquivo Distrital de Faro

BNP – Biblioteca Nacional de Portugal

CCDRAlg – Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve

DBC – Departamento de Bens Culturais

DGPC – Direção-Geral do Património Cultural

DPIMI – Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial

DRCAlg – Direção Regional de Cultura do Algarve

DRCLVT – Direção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo

ICOM – Conselho Internacional de Museus

IGESPAR – Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico

IMC – Instituto dos Museus e da Conservação

ONU – Organização das Nações Unidas

PCI – Património Cultural Imaterial

RMA – Rede de Museus do Algarve

RPM – Rede Portuguesa de Museus

TASA – Projeto Técnicas Ancestrais, Soluções Atuais

UNESCO – Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

Lista de Figuras

Mapas:

Mapa 1 – Mapa da localização geográfica de Estoi (no Algarve Central).....	21
Mapa 2 – Identificação do percurso do cortejo da Festa e principais pontos de referência.....	48

Figuras:

Fig. 2 – Ruínas de Milreu (EP, 2009)	25
Fig. 3 – Casa Rural de Milreu (EP, 2009).....	25
Fig. 4 – Igreja Matriz de Estoi (2013)	26
Fig. 5 – Interior da Igreja Matriz de Estoi (EP, 2012)	26
Fig. 6 – Ermida do Pé da Cruz (2013).....	26
Fig. 7 – Vista interior da Ermida do Pé da Cruz (2012)	26
Fig. 8 – Palácio de Estoi (EP, 2009)	27
Fig. 9 – Sala interior do Palácio de Estoi (EP, 2009).....	27
Fig. 10 – Casa de Emiliano da Costa (2013)	28
Fig. 11 – Casa de Emiliano da Costa (à Esq.) e Ermida do Pé da Cruz (à Dir.) (2013).....	28
Fig. 12 – Edifício Cinema Ossónoba (2013)	31
Fig. 13 – “Maios” em frente a moradia particular (Rua de Faro) (2013)	32
Fig. 14 – “Maios” (Largo Ossónoba) (2013).....	32
Fig. 15 – Fachada do edifício “Casa de Estoi” (Rua Eng. Joaquim Lopes Belchior).....	43
Fig. 16 – Ornamento em forma de “pinha”, pormenor da platibanda (referente à Fig. 15).....	43
Fig. 17 – Cavaleiro com traje da Festa da Pinha (2011).....	44
Fig. 18 – Senhora com traje da Festa da Pinha.....	44
Fig. 19 – D. Ana e o seu burro João à Saída do picadeiro (2011).....	49
Fig. 21 – Participante com trator enfeitado, à saída do picadeiro (2011)	49
Fig. 22 – Pormenor da carrinha da “Rádio Simão”	50
Fig. 23 – Cortejo (cavaleiros) (2011).....	50
Fig. 24 – Cortejo (charrete) (2011).....	50
Fig. 25 – Cortejo (camião) (2011)	50
Fig. 26 – Cruzamento Stª Bárbara de Nexxe (2011).....	51
Fig. 27 – Cruzamento Stª Bárbara de Nexxe (alunos da escola primária a assistirem) (2011)	51
Fig. 28 – Travessia da Ponte “Caminho Árabe” (2013)	51
Fig. 29 – Passagem pelo “Memorial à Festa da Pinha” (Ludo) (2013)	51
Fig. 30 – Palco no pinhal do Ludo (2012).....	52
Fig. 31 – Um grupo de participantes (piquenique no Ludo) (PB, 2013)	52
Fig. 32 – “Puxos de corda” (PB, 2013)	52
Fig. 33 – Baile no Ludo após piquenique (2011).....	52

Fig. 34 – Lançamento do foguete que marca o início do cortejo de regresso (PB, 2013)	53
Fig. 35 – Banda filarmónica à espera do cortejo (PB, 2013)	53
Fig. 36 – Cavaleiros erguendo as tochas acesas (PB, 2013)	53
Fig. 37 – Fogo-de-artifício a marcar a entrada do cortejo na aldeia (PB, 2013)	54
Fig. 38 – Espetadores à espera do cortejo na escadaria e adro da Igreja Matriz (2011)	54
Fig. 39 – Concentração de espetadores no Largo da Liberdade, Igreja Matriz e ruas adjacentes (2013) ...	54
Fig. 40 – Fogueira em frente ao cruzeiro da Ermida do Pé da Cruz (2013)	55
Fig. 41 – Participantes a atirarem as tochas para a Fogueira (PB, 2013).....	55
Fig. 42 – Arraial com baile no Largo Ossónoba	55
Fig. 43 – Arraial com baile no Largo Ossónoba	55
Fig. 44 – Fachada da Ermida do Pé da Cruz ornamentada para a Festa da Pinha (PB, 2013)	56
Fig. 45 – Altar Mor com a imagem do orago da Ermida: N ^a S ^a ao Pé da Cruz.....	56
Fig. 46 – Ilustração “Almocreves em viagem” (17--?).....	65
Fig. 47 – “Almocreve” (JP, 1850).....	65

Tabelas:

Tabela 1 – Identificação do participante	79
Tabela 2 – Conhecimentos.....	83
Tabela 3 – Conhecimentos/ Descriminação das respostas afirmativas	84
Tabela 4 – Sentidos.....	95
Tabela 5 – Expressões	95
Tabela 6 – Sentidos (faixa etária 18-30)	97
Tabela 7 – Sentidos (faixa etária 31-45).....	97
Tabela 8 – Sentidos (faixa etária 46-64)	97
Tabela 9 – Sentidos (faixa etária maiores de 65)	98

Gráficos:

Gráfico 1 – Nacionalidade.....	80
Gráfico 2 – Naturalidade	80
Gráfico 3 – Naturalidade (por faixas etárias)	80
Gráfico 4 – Naturalidade (amostra total)	80
Gráfico 5 – Naturalidade (por faixas etárias)	80
Gráfico 6 – Residência (amostra total)	81
Gráfico 7 – Residência (por faixas etárias).....	81
Gráfico 8 – Residência (amostra total)	81
Gráfico 9 – Residência (por faixas etárias).....	81
Gráfico 10 – Escolaridade	82

Gráfico 11 – Escolaridade (por géneros)	83
Gráfico 12 – Conhecimentos	83
Gráfico 13 – Conhecimentos (por faixas etárias)	83
Gráfico 14 – Conhecimentos / Respostas afirmativas	84
Gráfico 15 – Resposta ‘almocreves’ (por faixas etárias)	85
Gráfico 16 – Respostas da faixa etária 46-64	85
Gráfico 17 – Data (amostra total)	86
Gráfico 18 – Data (por faixas etárias)	86
Gráfico 19 – Fonte da informação (amostra total)	87
Gráfico 20 – Fonte da informação (por faixas etárias)	87
Gráfico 21 – Caráter da Festa	88
Gráfico 22 – Caráter da Festa (por faixas etárias)	88
Gráfico 23 – Participação (amostra total)	88
Gráfico 24 – Participação (por faixas etárias)	88
Gráfico 25 – Anos de participação	89
Gráfico 26 – Anos de participação (por faixas etárias)	89
Gráfico 27 – Anos de participação (por géneros)	89
Gráfico 28 – Tradição (amostra total)	90
Gráfico 29 – Tradição (por faixas etárias)	90
Gráfico 30 – Tipo de participação	90
Gráfico 31 – Tipo de participação (por faixas etárias)	90
Gráfico 32 – Transporte	91
Gráfico 33 – Transporte (por faixas etárias)	91
Gráfico 34 – Motivação	92
Gráfico 35 – Motivação (por faixas etárias)	92
Gráfico 36 – Motivação (por género)	93
Gráfico 37 – Preferência	94
Gráfico 38 – Preferência (por faixas etárias)	94
Gráfico 39 – Preferência (por generos)	94
Gráfico 40 – Bebidas alcoólicas	95
Gráfico 41 – Sentidos	95
Gráfico 42 – Sentidos (sector masculino)	96
Gráfico 43 – Sentidos (sector feminino)	96
Gráfico 44 – Sentidos (faixa etária 18-30)	97
Gráfico 45 – Sentidos (faixa etária 31-45)	97
Gráfico 46 – Sentidos (faixa etária 46-64)	97
Gráfico 47 – Sentidos (faixa etária maiores de 65)	98

Introdução

Este trabalho trata sobre uma investigação na área do Património Cultural Imaterial, mais concretamente a Manifestação Cultural ‘Festa da Pinha’, no âmbito do Mestrado em Gestão Cultural. O principal objetivo do presente estudo de caso é analisar a manifestação em profundidade, identificar as suas origens e alterações ao longo do tempo, e a forma como esta é vivida hoje. São vários os agentes, sociais e culturais, envolvidos na preservação do Património Cultural Imaterial (PCI) e é nesse sentido que se propõe um estudo neste âmbito.

Estado da Arte

O objeto do estudo, a Festa da Pinha, é a festa mais tradicional e característica da aldeia de Estoi, Concelho de Faro, pensa-se ser de tradição multiseular, dedicada à Nossa Senhora do Pé da Cruz¹ padroeira dos almocreves, que tem lugar a cada dia 2 de maio. Entre as suas denominações populares constam “Festa da Pinha”, “Festa da N^a S^a do Pé da Cruz”, e “Festa dos Almocreves”. Trata-se da celebração em honra dos antepassados, os almocreves que faziam o percurso entre Algarve e Baixo-Alentejo para trocas comerciais, e aquando do seu regresso agradeciam à padroeira, a jornada segura e o sucesso dos negócios efetuados. A Festa é composta por uma romaria, almoço de confraternização, desfile de regresso à aldeia e encerramento com baile popular. Atualmente, a romaria inicia-se com a reunião dos participantes no picadeiro da aldeia, onde lhes é ministrada a bênção pelo pároco, ato que precede o desfile dos cavaleiros, carroças, tratores agrícolas e os demais veículos, enfeitados com flores e ramagens naturais. A maioria dos participantes vai trajada a rigor, saindo da aldeia logo pela manhã, em direção ao pinhal do Ludo. Aqui realizam um almoço convívio com uma componente de entretenimento, animação musical e jogos. A marcha de regresso começa ao fim da tarde, realizando-se a entrada na aldeia ao cair da noite com um cortejo iluminado por archotes e anunciado com foguetes, que culmina com uma grande fogueira de pinhas e alecrim, frente à igreja da padroeira. A Festa segue pela noite adentro com arraial e baile na Praça pública. No dia seguinte realiza-se a missa de encerramento às festividades, na ermida da padroeira N^a S^a do Pé da Cruz. O sentido mais profundo da manifestação caracteriza-se pelo ato de veneração e um sentimento de

¹ Denominação de cariz popular mas segundo a Religião Católica é N^a S^a ao Pé da Cruz.

gratidão a algo maior que o Homem, em comunhão com a natureza, que se traduz no agradecimento dos almocreves à sua padroeira. Os principais elementos simbólicos da Festa são, a Flor, o Fogo e a Pinha. Hoje a Festa é o evento principal de um programa, de três ou mais dias, dos festejos do princípio de Maio, cuja organização está a cargo da Junta de Freguesia de Estoi.

A informação publicada acerca desta manifestação cultural, a nosso entender, é parca sendo que até à data de conclusão desta dissertação não foi encontrado qualquer estudo académico sobre a mesma. O objeto de estudo, a manifestação, foi alvo de uma tentativa de compilação de dados, associada a uma recolha de fotografias realizada em 1997, resultando num catálogo publicado no ano 2000. Intitulada como “A Festa da Pinha”, a obra auto descreve-se como decorrente de um conjunto de recolhas de informações escritas e orais. Esta revela algumas lacunas existindo muitas perguntas que permaneceram em aberto, devido à «complexidade do tema, e ao contraste entre a diversidade de informações orais e a escassez de informações escritas»². A manifestação cultural foi também objeto de um registo fílmico em 2010 e 2011, que pretende ser de carácter documental, intitulado “Estoi em Festa”³. Ambas as obras, o catálogo e o filme, são maioritariamente compostas por depoimentos de representantes da administração local. Em nosso entender este enfoque torna o documentário num registo superficial e limitado, um trabalho deste género espera-se que seja mais abrangente e dê um maior contributo para a dignificação e reconhecimento desta manifestação. Para além das duas obras acima referidas não é do nosso conhecimento a existência de nenhuma outra que aborde exclusivamente esta manifestação cultural. Existe informação relativa a esta no Centro de Documentação do Museu Municipal de Faro, tendo a antropóloga Fernanda Zacarias realizado um trabalho de investigação sobre a manifestação cujos alguns conteúdos estão acessíveis em linha; entre os dados da sua recolha constam notícias datadas dos anos 1977, 1996 e 2003 e a “Lenda da Festa da Pinha”⁴. Mais recentemente, em 2012, a autora contribuiu para a mesma temática com a publicação de um artigo num periódico regional⁵. Ainda ao nível de informação publicada, encontra-se menção à

² CADETE, Rogério, e EVARISTO, Nuno, *A Festa da Pinha*, 2000, p. 2.

³ FRAGA, Carlos, *Estoi em Festa*, Livremeio Produções, 2011. Vídeo Vd HD – cor. 45 min.

⁴ BRITO, José António de Paula, “Lenda da Festa da Pinha” in ZACARIAS, Fernanda, *Mitos, Crenças e Superstições no Concelho de Faro*, 2010, p. 21. Documento disponível em: http://cms.cm-faro.pt/upload_files/client_id_1/website_id_1/museu/projetos/Mitos,%20crencas%20e%20supersticoes%20no%20Concelho%20de%20Faro.pdf [Consult. 16/01/2013].

⁵ ZACARIAS, Fernanda, *A Festa da Pinha, uma manifestação do património imaterial de Estoi*, Jornal Postal do Algarve, 2012, p. 11. Disponível em: http://www.clipquick.com/Files/Imprensa/2012/11-02/1/1_1929630_C07791D7384956B262ABE244D4F27FB9.pdf. [Consult. 16/01/2013].

manifestação em alguns livros e brochuras sobre a temática das Festa Populares ou Festividades cíclicas dentro do panorama nacional português.

Relativamente ao estado da arte do PCI na região, estas questões têm-se centrado nos museus, sobretudo no Museu Municipal de Portimão, Museu do Trajo de São Brás de Alportel, no Museu Municipal de Tavira, no Museu Municipal de Faro, e no Centro de Investigação e Informação de Cacela, sendo estes os principais agentes com trabalho assinalável nesta matéria. Regionalmente a Direção Regional da Cultura do Algarve (DRCAlg) é o organismo que tem competências no acompanhamento da inventariação e recolha deste PCI, de acordo com o Decreto-Lei n.º 114/2012 de 25 de maio. A Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve (CCDRAlg) também tem dado alguma importância a este assunto, principalmente nas questões do artesanato e tem apoiado projetos no âmbito do PCI, nomeadamente com o seu Projeto Técnicas Ancestrais, Soluções Atuais (TASA) que se centra na «inovação estratégica do produto artesanal, através de uma consultadoria em Design junto de artesãos e iniciativas empresariais com produção artesanal sediadas no Algarve»⁶.

Registo e salvaguarda do Património Cultural Imaterial

Dado que o tema central do estudo é no âmbito do PCI, o seu registo e salvaguarda, é imprescindível abordar o seu conceito e os acontecimentos que lhe deram origem. A preservação do PCI têm vindo a ganhar cada vez mais destaque nas últimas décadas, dentro da área do Património Cultural. É comumente aceite que é preciso apostar em estratégias para a recolha, preservação, transmissão e revitalização do património intangível para que não se perca a memória que afirma a identidade individual e coletiva de uma comunidade. Ainda se levanta a questão da efemeridade pelo acelerado ritmo com que se produzem novas culturas e novos significados, um risco potenciado pela globalização que ameaça este património. O registo do PCI assume um papel importante nas ações de salvaguarda desse pecúlio universal.

Atualmente dentro da definição de Património Cultural inserem-se outros tipos de património cultural que não o material mas nem sempre assim o foi. Para garantir a protecção do PCI teve que primeiro existir o conceito e o reconhecimento do seu valor como parte estruturante da comunidade onde se insere. Podemos verificar todas as

⁶ Descrição extraída do página em linha do projeto, disponível em: <http://www.projectotasa.com/about/> [Consult. 15/01/2013]

‘fases’ de desenvolvimento do conceito de PCI pautado por destaques importantes, através das medidas de protecção, as Recomendações e as Convenções da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura e Comunicação) que foram contribuindo para o debate e reflexão sobre o papel do património imaterial. Este tema tem-se transformado no elemento de enfoque das políticas patrimoniais nas últimas décadas. A UNESCO foi fundada pela ONU (Organização das Nações Unidas) a 16 de Novembro de 1945 com o objetivo de contribuir para a paz e segurança no mundo, intervindo através da educação, da ciência, e da cultura. Desde então a Organização tem desempenhado um papel importante no desenvolvimento de orientações e acordos internacionais comuns, trabalhando em colaboração com os Estados-membros⁷, sendo que Portugal aderiu à Organização em 1965. Conforme Clara Cabral salienta na comunicação⁸:

«Entre as prioridades culturais da UNESCO contam-se a promoção da diversidade cultural, com especial ênfase no património tangível e intangível, as políticas culturais, o conhecimento e diálogo intercultural e inter-religioso, e as indústrias culturais e expressões artísticas.»

Em referência aos principais marcos cronológicos relativos aos esforços desenvolvidos para a salvaguarda do PCI a nível internacional, e dentro dos instrumentos normativos da UNESCO, destacamos a *Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural* (Convenção de 1972), a *Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Folclore* (1989), e a *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial* (Convenção de 2003). Numa breve retrospectiva é importante salientar que a Convenção de 1972⁹, apesar de não referir especificamente o património intangível, «vários Estados-membros sublinham a importância acordada à salvaguarda do que mais tarde se viria a designar património cultural imaterial». ¹⁰ Em 1982 a UNESCO reuniu um Comité de peritos para estudar e avaliar a importância do folclore como património a preservar, o que originou a criação da Secção para o património não-material. Ainda nesse ano, no decorrer da Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais (Mondiacult), a Organização reconheceu a importância do “património cultural imaterial”, incluindo-o na sua definição de

⁷ Dados pesquisados na página em linha da UNESCO, disponível em: <http://www.unesco.org/new/en/unesco/about-us/who-we-are/introducing-unesco/> [Consult. 10/01/2013].

⁸ CABRAL, Clara, “A Convenção da UNESCO: Inventários e Salvaguarda”, in *Museus e Património Imaterial: agentes, fronteiras, identidades*. 2009, p. 126.

⁹ UNESCO - *Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural*, 1972. Disponível em <http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf> [Consult. 10/01/2013]

¹⁰ CABRAL, Clara, *op. cit.*, p. 128.

“cultura” e de “património cultural”. Com a vigésima quinta Conferência Geral da UNESCO em 1989, foi aprovada a *Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular*, onde se considera que:

« (...) a cultura tradicional e popular integra o património universal da humanidade e que é um poderoso meio de aproximação entre os diferentes povos e grupos sociais e de afirmação da sua identidade cultural (...) »¹¹

Além disto, o documento refere a relevância do carácter socioeconómico deste património e enuncia pela primeira vez os critérios para a definição, identificação, preservação, divulgação e, protecção do património imaterial. Em relação à definição esta posteriormente veio a verificar-se limitada e pouco abrangente aos espectros deste património. Contudo, este passo é considerado um ponto de viragem, quer para o reconhecimento da importância do património intangível, quer para o desenvolvimento de medidas que se sucederam. Na 32ª Assembleia Geral da UNESCO em 2003 foi adotada a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, que entrou em vigor 2006. Portugal veio a ratificar esta convenção em 2008. Na Convenção de 2003 consideram-se PCI:

“as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões [...] que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural. Esse património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interacção com a natureza e da sua história, inculcando-lhes um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo, desse modo, para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana.”

Com a Convenção de 2003 fica estabelecido que o valor do Património é definido pelas próprias comunidades; entende-se assim hoje que o PCI é a identidade e memória destas. Compreende um conjunto variado de tradições, que vão sendo transmitidas de geração em geração, dentro das comunidades. É um património vivo, como tal sofre alterações ao longo dos tempos e chega aos dias de hoje como recreações mas estas não são menos importantes que a ‘forma’ original. A Convenção de 2003 ainda indica, no 12º Artigo, que cada estado deve elaborar inventários com atualizações regulares para “assegurar a identificação com vista à salvaguarda” do PCI. O objeto do presente estudo enquadra-se neste domínio, contemplado na alínea C) *Práticas sociais*,

¹¹ UNESCO, *Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Folclore*, 1989. Disponível em: http://cvc.instituto-camoes.pt/cpc2007/patrimonio/bloco2/recomendacao_%20sobre_a_salvaguarda_da_cultura_tradicional.pdf [Consult. 10/01/2013]

rituais e eventos festivos, do 2º Artigo desta Convenção¹², no âmbito das medidas de salvaguarda, alínea 3) do mesmo artigo, onde se pode ler:

«Entende-se por “salvaguarda” as medidas que visem assegurar a viabilidade do património cultural imaterial, incluindo a identificação, documentação, pesquisa, preservação, protecção, promoção, valorização, transmissão, essencialmente através da educação formal e não formal (...).»

Posto isto, o estudo pretende contribuir como uma das medidas de salvaguarda da manifestação de PCI Festa da Pinha.

Ainda ao nível internacional, os museus estão incumbidos da salvaguarda do PCI, sendo que o Conselho Internacional de Museus (ICOM) atribui aos museus estas competências, reconhecendo o seu papel central neste âmbito, tal como pode ser conferido em documentos de referência como a “Carta de Shanghai” (2002) e a “Declaração de Seul” (2004).

No âmbito nacional, em 2001 é publicada a Lei de Bases da Política e do Regime de Protecção e Valorização do Património Cultural, Lei N.º 107/2001; os art.ºs 91º e 92º incidem sobre «os regimes especiais de protecção de valorização» dos «bens imateriais».

Em 2004, o Instituto Português de Museus promove a celebração do Dia Internacional dos Museus cujo tema é o Património Imaterial. Posteriormente, a Lei Orgânica do Ministério da Cultura¹³ é publicada em 2006; recomenda a “definição e execução de uma política integrada do património material e imaterial”, designando o Instituto dos Museus e da Conservação como entidade responsável no âmbito dos inventários, valorização e protecção do PCI.

Em 2007, no âmbito do Ministério da Cultura, é criado o Instituto dos Museus e da Conservação, I.P.¹⁴ (IMC), ao qual se conferem as competências na área do PCI, especificadamente através do seu Departamento de Património Imaterial. Nesse mesmo ano o IMC inicia o programa de formação anual sobre metodologias de inventário do PCI, dirigido aos museus da Rede Portuguesa de Museus (RPM).

É em 2008 que o Estado Português ratifica a Convenção de 2003 entrando esta em vigor a 21 de agosto. O IMC a Comissão para o Desenvolvimento da Lei de Bases

¹² UNESCO, *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*, Outubro 2003, p 3. Disponível em <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf> [Consult. 12/01/2013]

¹³ Decreto Lei nº 215/2006, de 27 de Outubro.

¹⁴ Decreto-Lei n.º 97/2007, de 29 de março, e respetiva Portaria n.º 377/2007, de 30 de março.

do Património Cultural trabalham em conjunto na definição do quadro legislativo para o PCI. Entre fevereiro e novembro decorre o Ciclo de 6 Colóquios, realizado pelo IMC, cujo tema é "Museus e Património Imaterial: agentes, fronteiras, identidades". O Ciclo assumiu especial importância enquanto fórum de debate público sobre a implementação do programa de salvaguarda do PCI em Portugal e discute o museu como agente essencial no processo de salvaguarda. Segundo Paulo Freire Castro:

«centrado nos museus como lugares bons para agir sobre o Património Imaterial, o Ciclo pretendeu, porém, promover a reflexão e o debate sobre a multiplicidade de questões que o tema evoca também na perspectiva de outros agentes implicados na sua salvaguarda (...)»¹⁵

Assim participaram organizações como a Comissão Nacional da UNESCO, a Comissão para o Desenvolvimento da Lei de Bases do Património Cultural, Autarquias e Direções-Regionais de Cultura, bem como investigadores e docentes nas áreas subjacentes a esta matéria do Património Cultural. Várias questões de base foram levantadas durante e após este Ciclo, entre as quais a reflexão dos limites dos campos disciplinares de referência e a metodologias para a documentação e inventário dos vários domínios do PCI, cumprindo assim os seus objetivos enquanto projeto.

No ano seguinte, 2009, é estabelecido o regime jurídico de salvaguarda do PCI¹⁶ em Portugal, em desenvolvimento do disposto na Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, e em consonância com a Convenção UNESCO 2003; designando conformemente os modos para a implementação do Inventário Nacional do PCI, para os termos previstos no Art.º 12.º da mesma Convenção. Logo em 2010 o Instituto dos Museus e da Conservação realiza o Inquérito "Património Imaterial em Portugal", incidindo num total de 494 entidades, entre Museus, Municípios, Direções Regionais de Cultura e Unidades de Investigação consideradas relevantes nesta área. O objetivo do Inquérito Nacional foi a identificação das ações realizadas, no âmbito do PCI, e dos fundos documentais especialmente importantes para a documentação de Manifestações de PCI. O formulário para pedido de inventariação de uma manifestação do PCI e as respetivas normas de preenchimento da ficha de inventário são aprovados em 2010 pela Portaria n.º 196/2010¹⁷. Através deste instrumento são também definidas as condições a ter em atenção no processo de identificação, estudo e documentação do PCI, tais como

¹⁵ COSTA, Paulo Freire da, "Introdução", *Museus e Património Imaterial: agentes, fronteiras, identidades*, 2009, pp. 15-29.

¹⁶ Decreto-Lei n.º 139/2009

¹⁷ Diário da República, I/S, n.º 69, de 9 de abril de 2010, Portaria elaborada no quadro jurídico de salvaguarda do PCI estabelecido pelo Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de junho.

métodos e técnicas de pesquisa a aplicar, bem como as qualificações académicas que devem ser dotados os profissionais responsáveis por esse processo. Em junho do mesmo ano é apresentada junto da UNESCO a Candidatura do Fado, pela Câmara Municipal de Lisboa; sendo a primeira Candidatura do Estado Português para inscrição na Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade.

A nova versão do Programa MATRIZ (Matriz 3 – Inventário, Gestão e Divulgação de Património) é concluída em novembro; concebida pelo IMC, a plataforma informática serve para promover a salvaguarda, documentação e inventário de Património Imaterial, por parte das entidades nacionais entre as quais Museus, Universidades, Centros de Investigação, Autarquias, entre outros. O programa pretende ser uma estratégia que estimula «a participação direta das comunidades, grupos e indivíduos no processo de inventariação do seu Património Cultural Imaterial»¹⁸. O Inventário Nacional é uma medida fundamental para a salvaguarda do PCI em Portugal; a inscrição de manifestações imateriais através desta plataforma é a condição indispensável para a sua eventual candidatura à Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade ou à Lista do Património Cultural Imaterial que Necessita de Salvaguarda Urgente. A plataforma MatrizPCI veio a ser disponibilizada, de acesso em linha, pelo IMC em Junho de 2011¹⁹. É também nesse mesmo ano que se conclui o processo de constituição da Comissão para o Património Cultural Imaterial²⁰, um órgão dotado de autonomia administrativa, técnica e científica, independente, com funções deliberativas e consultivas no âmbito da salvaguarda do PCI²¹. Atualmente, a entidade responsável no domínio do PCI é Direção-Geral do Património Cultural (DGPC)²², desde 1 de Junho de 2012. Este organismo é resultante da fusão do Instituto dos Museus e da Conservação (IMC), do Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico (IGESPAR) e da Direção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo (DRCLVT)²³. A DGPC tem a «missão de desenvolver e executar a

¹⁸ Extraído da página em linha do MatrizPCI, disponível em: <http://www.matrizpci.imc-ip.pt/matrizpci.web/Inventario/InventarioFiltrar.aspx> [Consult. em 12/03/2013]

¹⁹ Disponível em linha no endereço www.matrizpci.imc-ip.pt [Consult. em 10/04/2012].

²⁰ De acordo com a publicação do Despacho n.º 1018/2011, de 12 de janeiro.

²¹ Órgão instituído pelo Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de junho.

²² A Direção-Geral do Património Cultural, abreviadamente designada por DGPC, é um serviço central da administração direta do Estado, dotado de autonomia administrativa, conforme o n.º 1 do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 115/2012.

²³ De acordo com o Decreto-Lei N.º 115/2012 que entrou em vigor no dia 1 de Junho de 2012. Documento disponível em: <http://www.ipmuseus.pt/Data/Documents/A%20Nova%20DGPC/115-2012-DGPC.pdf> [Consult. em 10/04/2012].

política cultural nacional no domínio do Património Cultural Imaterial»²⁴, tendo herdado este papel do, agora extinto, Instituto dos Museus e da Conservação (IMC). A Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial (DPIMI) está enquadrada no Departamento de Bens Culturais (DBC) da DGPC, à qual compete: «promover o estudo, a salvaguarda e a divulgação do PCI».

Recentemente, neste ano de 2013, foi atribuída à Universidade de Évora a Cátedra em património imaterial pela UNESCO²⁵; conforme Filipe Themudo Barata, responsável pela cátedra, Departamento de História, o projeto conta com uma equipa, «uma rede que se vai formando, linhas de investigação previstas e formação avançada que se perspectiva». Esta Universidade foi precursora em Portugal no desenvolvimento de um projeto sobre património imaterial (MEDINS²⁶) em concordância com a Convenção 2003²⁷.

Metodologia

Com este trabalho pretende-se estudar a manifestação enquanto exemplo de PCI, como “ser vivo”, através de uma abordagem metodológica de estudo de caso, pretendendo contribuir para a salvaguarda deste património, espelhado na manifestação em causa. A natureza deste trabalho caracteriza-se, como já referido, pelo enfoque nas origens desta, a sua história, as alterações ao longo do tempo, inclusive identificar as atuais motivações e os sentidos associados à Festa. Seria ideal continuar a investigação, no sentido de realizar um estudo/quadro comparativo com uma manifestação de essência idêntica, ou a continuação do quarto capítulo, eventualmente numa tese de doutoramento.

Este estudo ambiciona saber “Como funciona a manifestação de PCI, Festa da Pinha, quais as transformações ocorridas desde a sua origem, e de que forma esta é vivida hoje”. Assim, para dar resposta à questão inicial, definiram-se alguns objetivos

²⁴ Citação extraída da página em linha do IMC, Disponível em: http://www.ipmuseus.pt/pt-PT/patrimonio_imaterial/ContentDetail.aspx [Consult. em 10/04/2012].

²⁵ UNESCO, Cátedra com o título “Intangible Heritage and Traditional Know-how: Linking Heritage”, disponível em: <http://www.unesco.org/en/university-twinning-and-networking/access-by-region/europe-and-north-america/portugal/unesco-chair-in-intangible-heritage-and-traditional-know-how-linking-heritage-1007/> [Consult. 28/04/2013.]

²⁶ O Projecto MEDINS, “Identity is future: The Mediterranean Intangible Space” foi desenvolvido pela Universidade de Évora (e restantes parceiros) entre 2006 e 2008. Disponível em: <http://medinsuevora.wordpress.com/> [Consult. 28/04/2013].

²⁷ CARVALHO, Ana, “Cátedra UNESCO de Património Imaterial na Universidade de Évora”, entrevista a com Filipe Themudo Barata [04/03/2013], in *Blog No Mundo dos Museus*, disponível em: <http://nomundodosmuseus.hypotheses.org/5275> [Consult. 28/04/2012].

como: Investigar a origem e as transformações ocorridas até hoje; Analisar como funciona e como se organiza a manifestação de PCI; Verificar qual a motivação dos participantes; Averiguar quais os novos sentidos associados à manifestação; e, Verificar se é conhecida a sua origem e propósitos iniciais, entre os participantes atuais. Propôs-se desenvolver este trabalho, através da realização de um Estudo de Caso, centrando-se na manifestação já apresentada. A principal razão que levou à escolha desta teve origem no facto da mesma ainda não ter sido alvo de investigação, e o seu tema ter um carácter peculiar, sendo singular no panorama das manifestações culturais regionais. A celebração tem origem centenária, isto segundo relatos orais, sendo de carácter religioso e pagão. É de grande relevância nesta região, comumente considerada muito importante, tanto para a população da zona onde se insere, quanto para as gentes dos concelhos limítrofes.

Atendendo à natureza da presente investigação, o estudo de caso é amplamente interpretativo pois assenta em dados provenientes de variadas fontes de informação. Além da descrição intensa e detalhada do fenómeno em estudo, são analisados os seus vários aspetos, confrontando-os com vários dados, desenvolvem-se assim camadas conceptuais que servem para ilustrar e enquadrar os significados da Festa. Referimo-nos ao enquadramento que fazemos da manifestação enquanto ritual de celebração da Primavera e os seus vários conceitos subjacentes que exploramos e correlacionamos com as várias *nuances* da Festa. Além deste enquadramento à luz de dados históricos e fontes documentais procurámos a profunda razão de ser dos demais aspetos que compõem a manifestação. Neste processo reunimos informações úteis cujo cruzamento resultou na construção das hipóteses que sugerimos, referentes a: nome, datas de celebração, percurso do cortejo, e local de reunião (piquenique). Recorremos a vários métodos de pesquisa e de análise, cujos dados são expostos no tratamento das questões ao longo do corpus da tese. Conforme Bell:

«Embora os métodos de coleta de dados mais comuns em um estudo de caso sejam a observação e as entrevistas, nenhum método pode ser descartado. Os métodos de coleta de informações são escolhidos de acordo com a tarefa a ser cumprida.»²⁸

O trabalho de investigação foi desenvolvido em quatro vertentes, recolha e análise da bibliografia, pesquisa documental, realização de inquéritos e entrevistas, a aplicação dos mesmos, tratamento dos dados estatísticos recolhidos e posterior análise.

²⁸ BELL, Judith, *Doing your research project: a guide for the first-time researchers in education and social science*. 2., 1989, p. 145.

Para apurar os factos relacionados com a Festa, e detetar as alterações ao longo do tempo, foi realizada uma extensa pesquisa, pela imprensa escrita, periódicos de âmbito regional e local; e procura de registos, através de fundos documentais como Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Distrital de Faro (ADF), arquivo de microfilmes da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), acervos de bibliotecas universitárias e municipais, Centro de Documentação do Museu Municipal de Faro, acervo particular do Museu do Trajo de S. Brás de Alportel, e Arquivo do Jornal *A Avezinha*²⁹.

A dissertação está organizada em quatro partes, o primeiro capítulo incide sobre a freguesia, o seu enquadramento histórico e geográfico, afim de melhor se entender o contexto da manifestação. Seguidamente procede-se à caracterização atual da aldeia, através da identificação do seu Património e Equipamentos Culturais, entidades associativas, e o seu calendário de eventos. O segundo capítulo vai de encontro a uma visão desde o geral ao particular, enquadrando a festa e contextualizando os seus simbolismos, à luz do conceito dos rituais de preparação da Primavera. É feita uma descrição pormenorizada da manifestação cultural ‘Festa da Pinha’, sendo esta necessária para o entendimento dos seus vários componentes. Os vários pontos são desenvolvidos segundo os objetivos do estudo de forma a manter presente a questão de partida. Aqui desenvolvem-se a História da manifestação e os elementos que a tornam singular pois averiguar as suas origens decifrando as transformações ao longo do tempo é essencial para o entendimento da manifestação aos dias de hoje. Para colmatar a distância e complementar os saberes, entre o observador - investigador e o participante da Festa, para além da visão de quem estuda a manifestação, é acrescentada a visão de quem constitui. Assim, ao longo das questões enunciadas é indicado o que foi extraído dos resultados dos inquéritos efetuados aos participantes. O terceiro capítulo expõe o Trabalho de Campo e Métodos de Pesquisa. Por último, o quarto debruça-se sobre a forma como a informação sobre a manifestação cultural é veiculada, e a imagem desta aos olhos de quem não conhece a sua base histórica, social e cultural. Também se faz a reflexão sobre o património num todo, como uma fundamentação para uma proposta de Gestão Cultural. A criação de um Espaço de Memórias, polo-museológico, que faculte a informação devida sobre a manifestação e, a integrando o múltiplo património da freguesia, que seja simultaneamente um ponto de referência, informação e atracção no sector do Turismo Cultural.

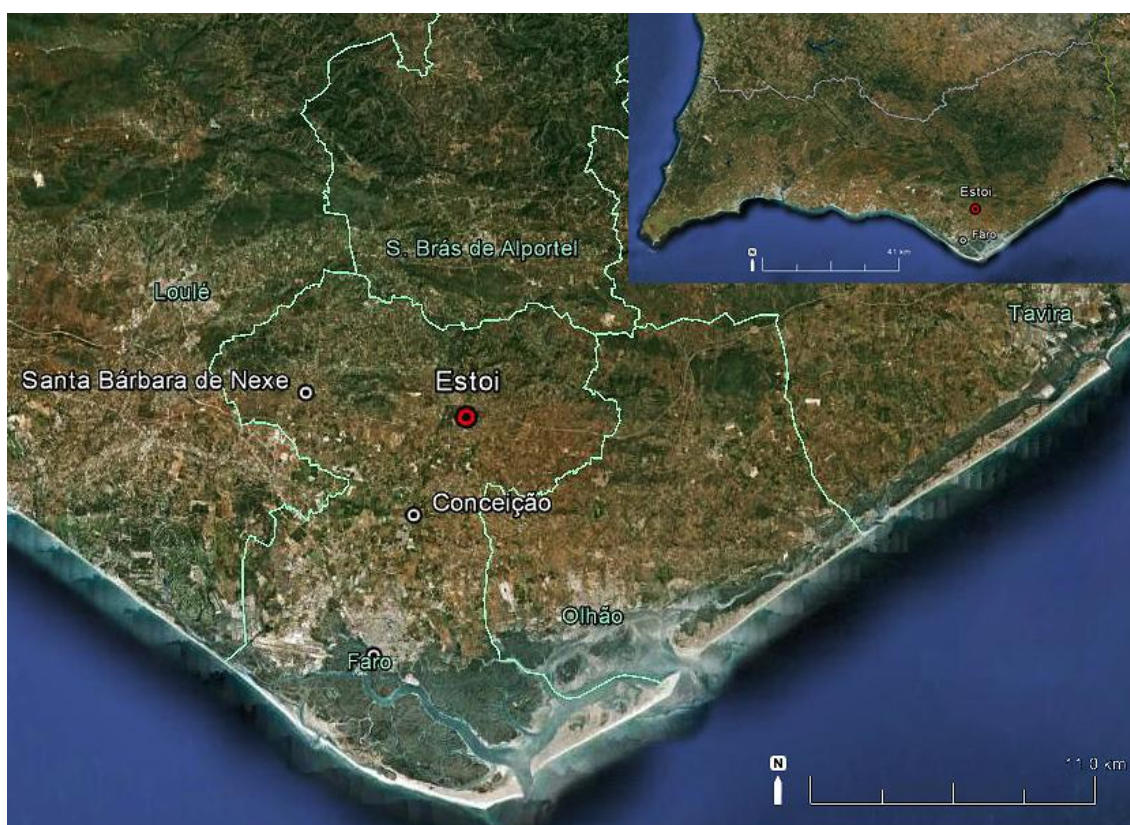
²⁹ Jornal regional editado em Paderne desde 1921.

I A Freguesia de Estoi

1.1 Enquadramento Geográfico

« Estoi, aldeia grande situada em hum cabeço, cujos arredores se encontram vestígios de edifícios antigos, o que faz acreditar ter sido o assento da famosa Ossonoba, opinião que desenvolve com varias noticias o padre Salgado³⁰. Boas aguas e em abundancia; bonitas quintas, e excelente fructa de espinho. Na praça, ou rocio, há uma fonte (...) com agua quasi ao nivel da terra ».³¹

Estoi é uma aldeia rural e simultaneamente sede de Freguesia, pertence ao Concelho de Faro, (Distrito de Faro), e é uma das seis freguesias que o constitui, sendo ela uma das maiores, com uma área de 44,71 Km² e 3640 habitantes³². A freguesia situa-se no denominado espaço geográfico/núcleo Algarve Central, que representa 43% da população do distrito. A Freguesia de Estoi delimita-se com duas outras do mesmo concelho, Conceição e Santa Bárbara de Nexe, e com os Concelhos de S. Brás de Alportel e Olhão.



Mapa 1 – Mapa da localização geográfica de Estoi (no Algarve Central)

³⁰ SALGADO, Vicente, Frei, Memórias Eclesiásticas do Reino do Algarve, cap.VII. Disponível em: <http://arkeotavira.com/corpus-sul/mem-ecles/index-me.html> [12/04/2013]

³¹ LOPES, João Baptista da Silva. *Corografia ou Memória Económica, Estadística e Topográfica do Reino do Algarve*, 1º vol, p. 338,339. 1841.

³² Censos 2011.

Juntando a estes a sua proximidade a Faro e Loulé, a sua localização central fez com que, naturalmente, Estoi cumprisse um papel importante no desenvolvimento desta parte da região. A aldeia de Estoi dista 9Km da cidade de Faro, com ligação a esta pela Estrada Nacional 2, e tem ainda ligação com a Via do Infante; tendo assim bons acessos. O Concelho de Faro estende-se desde a costa (Sul), abrangendo o núcleo central da Ria Formosa, até ao interior Barrocal. As elevações da parte norte da Freguesia de Estoi, Serra de Monte Figo (cerro de S. Miguel), são o ponto de transição entre a planície litoral e o Barrocal.

1.2 Enquadramento Histórico

(...) O comércio dos Estrangeiros que frequentavam seu Porto, fazia opulenta, e rica esta Cidade na transportação dos géneros que abundava, pertencendo com Balsa, Myrtilis³³, e outros Povos ao Convento Jurídico Pacense³⁴(...)³⁵.

Devido a esta freguesia ser historicamente marcada pela presença dos romanos, com um grau considerável de romanização, torna-se importante fazer um enquadramento histórico desde as suas eventuais origens, até aos dias de hoje.

O território ao qual corresponde hoje o Concelho de Faro, foi local de passagem e ocupação de muitos povos e culturas, entre os quais, Fenícios, Gregos, Celtas, Cartagineses, Romanos e Árabes. Povos estes, que inevitavelmente, foram deixando as suas marcas, e dos quais, naturalmente, as gentes desta região assimilaram esta herança, refletida numa parte da sua cultura, do seu património imaterial.

Concretamente acerca de Estoi, os mais antigos vestígios arqueológicos aqui encontrados remontam ao período Neolítico³⁶. E, as origens da cidade de Faro parecem estar ligadas à Idade do Ferro, tendo sido um ponto de ligação com outros povos do mediterrâneo, servindo de ponto de encontro e comércio, desde então. Muito do desenvolvimento que Faro teve ao longo dos tempos, se deveu ao facto de estar situada no litoral, sendo de fácil acesso por via marítima. Ainda nesta época, a linha costeira estava mais a norte do que atualmente, chegando aos limites do Ludo e da ria interior,

³³ Balsa, hoje Tavira. Myrtilis, hoje Mértola.

³⁴ Um dos três distritos administrativos em que a Lusitânia romana se dividia no tempo de Plínio. Pax Julia, hoje Beja, era a Sede do Convento Jurídico Pacense, que na prática era a capital do Sul de Portugal. Por ela passavam vias que conduziam ao Algarve, a Évora, a Lisboa e a Sevilha.

³⁵ Memórias Eclesiásticas do Reino do Algarve, cap.VII, p77.

³⁶ Segundo Estácio da Veiga, nesta freguesia terá existido uma estação típica da Idade do Cobre, ligada à actividade mineira no Monte do Castelo. *in* VEIGA, Sebastião Estácio da, *Antiguidades monumentais do Algarve : tempos pré-históricos*, (1886), Universidade do Algarve, 2005.

esta que se prolongava até às proximidades de Estoi. Mais adiante no estudo se verifica a importância deste fator ligado à via e vida económica da aldeia, para explicar o contexto da manifestação cultural.

De forma similar ao desenvolvimento por ligação marítima, mas de menor dimensão, temos a ligação fluvial. Tal como aconteceu com a Romanização inicial no algarve, que se fez maioritariamente pela fixação ao longo de percursos fluviais navegáveis ou na foz dos rios. A proximidade dos fluxos de água trazia vantagens, não só porque era abundante em terrenos férteis, como também facilitava o escoamento de produtos por via fluvial. E, Ossónoba³⁷ foi resultante de uma dessas fixações romanas, transformando-se numa das principais cidades romanas do sudoeste peninsular, justamente devido à sua localização, próxima da Ria Formosa³⁸.

O algarve central está marcado pela presença de várias *villae*³⁹ romanas, ligadas à sua capital Ossónoba por uma via romana⁴⁰. Este ponto é referido mais adiante no estudo, comprova ser este um fator importante na ligação de Estoi ao resto da região, e, mais precisamente entre a aldeia e o Ludo, percurso da Festa da Pinha.

Das *villas romanas* justamente se destaca a que se situa em Estoi, a Villa de Milreu. Esta é designada por *villae* com *pars rustica*, casa agrícola, caracterizada por se situar mais no interior, sem ligação direta com a linha costeira, cuja principal actividade económica era a exploração agrícola, nomeadamente produção de vinho, azeite e cereais⁴¹.

A partir do séc. IV inicia o declínio do poder do Império Romano, e a civilização tipo urbano descentraliza-se para as *villae* do campo, centros de poder político, económico e religioso⁴².

Adjacente à Villa de Milreu, terá crescido um núcleo habitacional que se supõe ter permanecido até à Idade Média. Depois este ter-se-á deslocado um pouco para cima, mais próximo da nascente da água que abastecia o sítio do Milreu, onde atualmente se encontra o núcleo histórico da aldeia.

³⁷ Nome romano da atual cidade de Faro

³⁸ MANTAS, Vasco Gil., “As civitates: esboço da geografia política e económica do Algarve Romano” in *Noventa séculos entre a Serra e o Mar*. Ministério da Cultura. IPPAR, 1997, pp.238-309.

³⁹ *Villae*, moradia rural romana, cujas edificações formavam o centro de uma propriedade agrícola.

⁴⁰ MALOBBIA, Patrícia, “A aldeia de Estoi: formação e transformação”, in Revista *Monumentos*, nº 24, 2006, pp. 210 - 217.

⁴¹ FABIÃO, Carlos, “O Algarve Romano” in *O Algarve da antiguidade aos nossos dias : elementos para a sua história* / coord. Maria da Graça Maia Marques, 1999. pp. 33-50.

⁴² BERNARDES, J.P., “A relação campo/cidade – Os casos de Milreu e Ossoyoba” in PAULO, Dália, *et al.*, *Caminhos do Algarve Romano*, 2005, pp.35-42.

Com a conquista definitiva do Algarve, por D. Afonso III, o revitalizar do cristianismo, na 1ª metade do séc. XIII, teve particular incidência nas pequenas ermidas rurais. A paróquia de Estoi terá sido formada com base no núcleo populacional do seu aglomerado, sendo elevada a sede de freguesia em 1471⁴³.

A partir desta altura, pode fazer-se uma cronologia mais resumida, da evolução da aldeia. Em 1596, foi atacada pelas tropas inglesas do Conde de Essex. Foi atingida pelo terramoto de 1755⁴⁴, que danificou gravemente a Igreja de S. Martinho, sendo mais tarde reedificada, no princípio do séc. XIX, por ordem de D. Francisco Gomes do Avelar⁴⁵.

Estoi foi, ao longo dos tempos, escolhida por famílias nobres e abastadas, do Concelho de Faro e não só, para aqui construírem casa apalaçadas, onde passavam grandes temporadas, bem exemplificado pelo seu Palácio Barroco, mandado construir por volta de 1783.

Mais tarde, verifica-se o seu desenvolvimento relacionado com a agricultura de sequeiro, e o comércio de frutos secos. A prosperidade desta localidade levou a que os agricultores e proprietários se fossem estabelecendo na aldeia, e as suas moradias, construídas durante este período, demonstram o poder económico, sendo uma arquitetura mais elaborada, ilustrativa do início do séc. XX.

No entanto, nas décadas de 50 e 60, o comércio dos frutos secos começou a ser menos expressivo e pouco rentável. Se juntarmos a este fator, o grande fluxo emigratório que se registou nesses anos, levou a que a aldeia ficasse estagnada. Até que na década de 90 com a implementação de novos tipos de agricultura, hortofrutícola por exemplo, e com a construção do Mercado Abastecedor de Faro aí edificado, o desenvolvimento económico ressurgiu na freguesia.

Atualmente as suas infraestruturas estão quase devolutas mas continuam a ser utilizadas aquando do mercado mensal que aí se realiza no segundo domingo de cada mês; as anteriores funções foram transferidas para o complexo industrial, o Mercado Abastecedor da Região de Faro, construído nos arredores da aldeia.

⁴³ LEAL, Bruno, "A Igreja no Algarve nos séculos XVII e XVIII", in *O Algarve da antiguidade aos nossos dias : elementos para a sua história*, op. cit., 1999.

⁴⁴ OLIVEIRA, Ataíde, *Monografia de Estoi*, 1914, ed. Faro, Algarve em Foco. 1989, p. 89.

⁴⁵ Bispo do Algarve, cujo bispado decorreu entre 1789 e 1816, deixando à cidade um legado cultural.

1.3 Património Cultural

1.3.1 Ruínas de Milreu e Casa Rural Quinhentista

Constituído por Vila Rústica Romana, Palácio com Termas e Templo Pagão, datados respetivamente dos séculos I, III e IV. As ruínas foram classificadas como Monumento Nacional em 1932. Atualmente encontram-se sob a tutela do IPPAR. Dentro do perímetro das Ruínas, e sob a sua responsabilidade está a Casa Rural Quinhentista, um edifício de arquitetura civil algarvia do século XVI, de características únicas na região. As ruínas são um ponto cultural com actividades múltiplas, atingindo em média mais de dez mil visitantes por ano.

O seu Centro de Acolhimento e Interpretação, no espaço requalificado da Casa Rural, tem uma exposição permanente direcionada para a visita ao Monumento funcionando como uma extensão. Este acolhe e promove exposições temporárias, tal como ações de formação, encontros, exposições de carácter arqueológico e artístico, também é visitável um percurso arqueológico e um trilho botânico. Estas actividades são de iniciativa da Junta de Freguesia de Estoi com apoio da DRCAlg. Existe um protocolo com a Câmara Municipal de Faro que visa a cooperação para a valorização, promoção, divulgação e dinamização das Ruínas Romanas de Milreu.



Fig. 1 – Ruínas de Milreu (EP, 2009)



Fig. 2 – Casa Rural de Milreu (EP, 2009)

1.3.2 Igreja Matriz

A matriz é a Igreja de S. Martinho, antiga ermida medieval, séc. XVI. Como já referido na no Contexto história da Freguesia, sofreu grandes danos com o terramoto de 1755, sendo mais tarde reedificada, no princípio do séc. XIX. Por esta ocasião foi construída uma nova fachada, conferindo-lhe mais imponência, de composição neoclássica. Esta igreja já tem sido palco de concertos de música clássica da Orquestra do Algarve.



Fig. 3 – Igreja Matriz de Estoi (2013)



Fig. 4 – Interior da Igreja Matriz de Estoi (EP, 2012)

1.3.3 Ermida do Pé da Cruz

Esta é a ermida que tem como orago a N^a S^a do Pé da Cruz, padroeira da manifestação Festa da Pinha. Construída por volta de 1600, na periferia da aldeia de Estoi, é um templo de dimensões pequenas. Tal como a Igreja de S. Martinho, também foi afetada pelo terramoto. Tem fachada neoclássica, mas tem no seu interior, azulejos-padrão seiscentistas e um retábulo estilo Rococó.



Fig. 5 – Ermida do Pé da Cruz (2013)



Fig. 6 – Vista interior da Ermida do Pé da Cruz (2012)

1.3.4 Palácio de Estoi

O Palácio de Estoi, de estilo Barroco, é a mais significativa joia da arquitetura civil, construída nessa época, na zona a sul do Tejo. Os últimos estudos realizados, acerca do Palácio apontam que esta quinta de recreio «pode ter sido projetada pelo arquiteto régio Mateus Vicente de Oliveira, por volta de 1782-1783»⁴⁶ por ordem do Coronel Fernando José de Carvalho e Vasconcelos (e sua esposa) Fidalgo da casa real, que aqui constituiu residência. Após a morte desta família a propriedade foi adquirida por José Francisco da Silva, abastado farmacêutico de Beja, que despendeu avultadas verbas na recuperação do imóvel e dos seus jardins, entre 1893 e 1909. Concluídas as obras, o palácio foi inaugurado com grande aparato e impacto local recebendo a visita de milhares de pessoas a 2 Maio de 1909. Sendo de ressaltar que os festejos da inauguração aconteceram durante os dias 1, 2 e 3, coincidindo com a data da celebração da Festa da Pinha.

Este edifício foi classificado como Imóvel de Interesse Público em 1977, tendo sido convertido a uma das Pousadas de Portugal, aberto ao público desde Abril de 2009. No dia 19 de Março de 2012 reabriu ao público, com missa solene, a capela de S. José deste palácio⁴⁷.



Fig. 7 – Palácio de Estoi (EP, 2009)



Fig. 8 – Sala interior do Palácio de Estoi (EP, 2009)

⁴⁶ LAMEIRA, Francisco, “Contributo para o estudo da arquitetura setecentista algarvia: a Quinta de Estoi”, in *Revista Monumentos*, nº22, 2005, p. 207.

⁴⁷ Fonte: Periódico, *A Lupa Mágica*, ACESTOI, ano 1, nº 1, 2012, p. 2.

1.3.5 Casa de Emiliano da Costa

Importante poeta algarvio, Augusto Emiliano da Costa, nasceu em Tavira e mais tarde adotou Estoi para viver e exercer a sua actividade profissional como jovem licenciado em medicina, e aqui permaneceu até ao fim da sua vida. A par da sua carreira de médico, deixou uma obra poética e ilustrações que demonstram o seu talento artístico. Muitas das suas poesias refletem exemplarmente a vida social da aldeia, caracterizando-a de forma ímpar.



Fig. 9 – Casa de Emiliano da Costa (2013)



Fig. 10 – Casa de Emiliano da Costa (à Esq.) e Ermida do Pé da Cruz (à Dir.) (2013)

1.4 Associações, Entidades e Equipamentos culturais

As associações culturais e recreativas, os eventos que promovem e os equipamentos culturais são dissociáveis pois numa aldeia rural de pequenas dimensões como Estoi, com um panorama sociocultural tão diverso, estes agentes e fatores estão interligados. Para além das associações culturais, existem três Instituições Particulares de Solidariedade Social de utilidade pública (IPSS) que promovem ações sociais e culturais. Passamos a descrever sinteticamente as associações Jograis António Aleixo, Associação Cultural e Recreativa de Estoi, a Casa do Povo, o Centro Cultural e Social de Estoi, e a CIMFaro, e por fim o Cinema Ossónoba enquanto principal equipamento cultural da aldeia.

- A Associação Jograis António Aleixo, também designada como ‘Grupo Desportivo e Cultural Jograis António Aleixo’, tendo sido fundada em 1974, é a mais antiga de Estoi. Já teve na sua composição uma Comissão de Festas, que durante alguns anos organizou a Festa da Pinha. Ao longo da sua existência foi promovendo múltiplas actividades, principalmente direccionadas aos mais jovens

como: ensino da guitarra, futebol, ginástica, jornal, teatro, xadrez, ténis de mesa e andebol.

- A Associação Cultural e Recreativa de Estoi “Prof. Amílcar Quaresma” – ACESTOI, foi criada em 2012, a partir do núcleo da Charola Ossónoba; é constituída por um grupo de Charolas⁴⁸ e um de Teatro, além de realizar um periódico semestral intitulado ‘A Lupa Mágica’. Logo nos seis primeiros meses de existência a associação desenvolveu várias actividades, das quais destacamos as que se seguem. Em Março desse ano, a par do lançamento oficial do seu Jornal, a associação promoveu a I Gala Internacional de Acordeão, onde atuou o campeão do mundo de acordeão. Criou um protocolo com a Universidade do Algarve da qual resultou a criação do logotipo da ACESTOI realizado pelos dos estudantes do curso de Design. A pedido da associação foi feita uma parceria com a Junta de Freguesia de Estoi para serem retomados os Jogos Florais da Pinha (da Festa da Pinha). Além disto, com participação de alguns dos seus elementos, criou e gravou um CD com o Hino da Festa da Pinha. Posteriormente, a propósito do segundo número do periódico, realizou um evento público, aberto a todos os interessados, composto por animação musical e declamação poética.
- A Casa do Povo começou por ser uma associação cultural, sendo uma IPSS desde 2011. Tem um grupo etnográfico infantil, a "Escolinha de Folclore"⁴⁹. Está previsto um alargamento das instalações de forma a permitir conter um centro de dia para promover a ocupação de tempos livres com actividades culturais e lúdicas, e o convívio entre os idosos, bem como um centro de entretenimento para actividades culturais e recreativas abertas ao público em geral. Possui um salão onde têm lugar pequenos espetáculos nomeadamente de teatro, Fado e Charolas.

⁴⁸ Grupos de Charolas. Definição livre e informal: grupos musicais popularmente designados de «charolas» (grupo) ou «charoleiros» (indivíduos); transportam um estandarte e percorrem vários sítios dentro de uma aldeia, uma localidade, ou uma freguesia, indo de porta em porta. O líder do grupo, por norma o ensaiador, também conhecido como «princiador», canta vivamente em toada rápida uma quadra alusiva ao Natal, sendo acompanhado pelos restantes membros que, em coro, repetem os versos. Atualmente estes grupos musicais são convidados a realizar atuações em vários eventos, no âmbito do entretenimento e espetáculo, e a sua actividade extravasa o contexto geográfico local e regional como acontecia em tempos mais antigos.

⁴⁹ Rancho Folclórico infantil da Casa do Povo de Estoi.

- O Centro Cultural e Social de Estoi⁵⁰, apesar de manter actividades culturais, destaca-se pelo seu caracter enquanto instituição comunitária. Têm um grupo etnográfico infantil, do infantário "O Caracol". Apresenta as respostas sociais de Lar de Idosos, Serviço de Apoio Domiciliário e Creche. O Centro visa a promoção cultural e social de todos os habitantes da paróquia pelo fomento da solidariedade.
- A CIMFaro foi criada em 1999 como associação, com o apoio da Câmara Municipal de Faro, com a qual mantêm um protocolo. Esta IPSS pretende dar resposta às necessidades psicossociais criadas pela desertificação humana do meio rural em que o idoso vive de forma a dar continuidade do vínculo deste às suas raízes. Esta instituição está sediada no centro da cidade de Faro mas presta assistência à população de Estoi, sendo que a Junta de Freguesia de Estoi é sócia desta. Semanalmente acontecem ensaios do seu grupo etnográfico, um rancho folclórico da associação, composto por idosos de Estoi e de Stª Bárbara de Nexe. Promove também outras actividades como jogos, contos, entre outros, e têm ações de divulgação e sensibilização sobre segurança.
- O edifício do antigo Cinema Ossónoba, de elevado valor histórico e simbólico para a Aldeia de Estoi, foi inaugurado em 1950. Este foi recentemente requalificado e é hoje um equipamento multiuso, com uma capacidade para 200 espetadores, tornando-se num espaço privilegiado para a promoção da cultura. Antes de encerrar as portas para obras, a sala há muito que não era cinema, mas ali eram desenvolvidas outras actividades culturais, desportivas e recreativas. Entretanto, após a sua reabertura em Setembro de 2009, já tiveram lugar eventos promovidos pela Camara Municipal, Junta de Freguesia, e associações; entre os quais se contam mostras de cinema, espetáculos musicais como Fado, Charolas, e a Gala Internacional do Acordeão, entre outros. A infraestrutura encontra-se sob gestão da Freguesia de Estoi.

⁵⁰ Também denominado como Centro Social da Paróquia de São Martinho de Estoi, ou Centro Comunitário de Estoi.



Fig. 11 – Edifício Cinema Ossónoba (2013)

1.5 Eventos e Festividades

Estoi é uma aldeia rural antiga, festiva e tradicional. Para além do festejo da sua maior expressão de património cultural imaterial, representada na manifestação cultural que é a Festa da Pinha, esta aldeia tenta manter vivas as suas tradições. Cumpre o calendário das festividades religiosas com algumas procissões e missas solenes de carácter singular e peculiar.

Além das suas tradições mais antigas, Estoi tem uma vida cultural bastante ativa, quando observando que se trata ‘apenas’ de uma aldeia. A Junta de Freguesia em parceria, com as associações culturais e recreativas, e entidades de desenvolvimento, bem como alguns apoios por parte do município, conseguem oferecer um vasto leque de eventos. Isto tem constituído uma forma de atrair mais visitantes, dinamizar a vida da aldeia e promover a freguesia dando-lhe visibilidade na agenda cultural do Concelho e da região.

É de salientar que os eventos mais importantes da aldeia são a manifestação, Festa da Pinha, e a Feira do Cavalo, sendo que todas as associações se unem para colaborar nas mesmas e motivam grande parte da população.

As informações apresentadas nesta parte do estudo foram obtidas através de várias fontes, privilegiando a recolha através das entrevistas realizadas.

- Procissão dos Passos - conforme é realizada em Estoi, esta procissão retrata a Via Sacra⁵¹ católica; sai e recolhe da igreja matriz, e percorre as principais ruas da aldeia, cujas janelas das moradias estão abertas e ornadas com colchas em

⁵¹ Prática religiosa católica. Consiste numa representação das várias etapas que conduzem até à crucificação de Jesus e, que culmina com a sua morte. É, por norma geral, realizada na altura que antecede a Páscoa católica.

sinal de respeito pela ocasião solene. Acontece no domingo quinze dias antes da Páscoa.

- Procissão do Senhor Morto - Esta procissão representa o enterro de Jesus, acontece durante a Semana Santa⁵² e realiza-se na sexta-feira que antecede a Páscoa. Tal como acontece na Procissão dos Passos, esta segue o mesmo percurso e, os preceitos da população são os mesmos da descrição anterior.
- As Festividades do 1º de Maio - São um conjunto de iniciativas, sendo a da Festa da Pinha o ponto alto das comemorações⁵³. O 1º de Maio é assinalado com os «maios», bonecos feitos à escala humana, pelos habitantes em geral, representando personalidades locais ou mesmo nacionais. São colocados à porta das respetivas casas particulares e comerciais, tanto no centro urbano como nas ruas e estradas de maior circulação. A população aproveita esta tradição para expressar os seus sentimentos, umas vezes em forma de elogio e outras em forma de sátira mas sempre com humor.



Fig. 12 – “Maios” em frente a moradia particular (Rua de Faro) (2013)



Fig. 13 – “Maios” (Largo Ossónoba) (2013)

As festividades dos primeiros dias de Maio em Estoi englobam várias actividades e têm uma programação própria de quatro dias; a data de início varia de ano para ano, dependendo do calendário civil e a da aproximação do Feriado ao fim de semana. Segundo o que o Presidente da Junta de Freguesia referiu na entrevista, as festividades do 1 de maio começaram a ser integradas na Festa da

⁵² Tradição religiosa católica que celebra a Paixão, a Morte e a ressurreição de Jesus Cristo. Inicia no Domingo de Ramos, onde se faz memória da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, e tem seu término com a ressurreição de Jesus Cristo, que ocorre no domingo de Páscoa.

⁵³ Consta em anexo o Programa oficial da Festa da Pinha de 2013.

Pinha a partir do 25 de Abril, quando as pessoas voltaram a ter melhor nível de vida, e a Festa começou a tomar as proporções que tem agora. Mas foi o próprio presidente, com o início do seu mandato, que recomeçou com a tradição dos ‘maios’, enfeitando as ruas do centro da aldeia. Para muitos participantes a Festa da Pinha começa no dia 1 de maio com a preparação dos veículos e sua ornamentação. Neste dia também já tem sido realizada a Festa da Pinha Infantil, em que os mais novos, acompanhados dos pais e avós, enfeitam os tratores, e têm o seu próprio almoço convívio no picadeiro. O cortejo dos pequenos romeiros percorre as ruas da aldeia, precedidos por uma Fanfarra ou Filarmónica, e vão sendo saudados por todos os que assistem. Esta é uma forma pedagógica de passar a tradição, e ensinar a história da aldeia às crianças.

- Festival de Folclore e Arraial da N^a S^a do Pé da Cruz - Ambos acontecem no mesmo dia. O Festival de Folclore é uma extensão do Festival Internacional de Folclore Folkfaro, que se realiza no mês de Agosto, na Praça da Liberdade, junto à igreja matriz. A organização é levada a cabo pela Junta de Freguesia de Estoi e Grupo Folclórico de Faro, com o apoio da Câmara Municipal de Faro. Conta regularmente com a participação de diversos grupos e ranchos folclóricos e etnográficos nacionais e internacionais. O Arraial da N^a S^a do Pé da Cruz é uma parte de uma festa antiga⁵⁴ mas da qual já se abdicou da parte religiosa que era composta por uma procissão e missa solene. A celebração desta festa era realizada a 15 de Agosto, e o único andor da procissão era o da imagem da N^a S^a do Pé da Cruz⁵⁵, esta é de grandes dimensões e o seu peso requeria uma dúzia de homens para a carregar. Juntando estes fatores, celebração em plena força do verão, a dificuldade de transporte do andor e o estado de deterioramento da imagem, fizeram com que esta parte da festa deixasse de ter aderência por parte da maioria da população e assim fosse descontinuada.
- Feira do Cavalo – também conhecida por Festa do Cavalo, tem lugar em Setembro e atrai milhares de pessoas à aldeia. O programa da festa é variado, contendo exposições equestres (prova de saltos, *dressage* e torneio de atrelagem), danças tradicionais, e uma componente de animação musical composta por

⁵⁴ Uma festa em honra da N^a S^a do Pé da Cruz.

⁵⁵ Imagem recentemente restaurada, em 2012, pela equipa de restauro do Museu Municipal de Faro.

espetáculo de fado, e baile popular. Para além disto existe a Mostra de artesanato e produtos regionais, contendo um espaço de repasto. O evento pretende ser uma homenagem ao cavalo e vincar ainda mais a imagem da aldeia como sítio com tradições equestres. No ano de 2012 realizou-se a sua 16ª edição, com bastante aderência por parte dos visitantes, o que comprovou continuar a ser um sucesso, e por isso ter continuidade.

- As ‘Festas de São Luís’ – É uma festividade religiosa. Caracteriza-se por um costume: fazer miniaturas de formas de animais, com a massa do pão, que são depois benzidas na missa que acontece no Domingo mais próximo do dia de S. Martinho, a 11 de Novembro.
- Festivais e Encontros de Charolas - A tradição de cantos de Natal, Ano Novo e Reis, mantêm-se viva na aldeia, através deste tipo de eventos, e dos três grupos, Charola Aldeia Branca⁵⁶, Charola Ossónoba e Charola da Casa do Povo de Estoi. Normalmente contam com a participação de grupos de Charolas de outras localidades.
- O Mercado mensal - realiza-se durante a manhã do 2º Domingo de cada mês. É também popularmente conhecido como ‘Mercado de Estoi’, que se julga ter séculos de existência, e que outrora foi ponto de referência no Algarve no comércio do gado equídeo, muar e asinino. Atualmente o mercado continua ser muito conhecido, recebendo visitantes de toda a região. Comercializa-se géneros alimentares, vestuário e calçado, animais, utensílios domésticos e agrícolas, entre outros.

São ainda de referir dois eventos pontuais que tiveram uma única edição, não tenho chegado a ter carácter regular, mas que são exemplos da diversidade do programa cultural da freguesia, são eles a ‘Mostra de Vinhos’ e a Feira Bienal de Arte:

- Mostra de Vinhos - A Mostra de Vinhos foi uma parte de evento maior, cujo palco foi o palácio de Estoi. Teve lugar uma prova de vinhos que precedeu o

⁵⁶ Grupo exclusivamente composto por elementos femininos.

lançamento do primeiro «Guia de Vinhos do Algarve» que foi elaborado numa parceria entre a ERTA – Entidade Regional do Turismo do Algarve e a Direcção Regional de Agricultura e Pescas. Esta ação decorreu no dia 26 de Junho de 2009 e, englobou ainda uma visita educacional ao palácio no dia seguinte, com vários convidados e jornalistas de meios de comunicação regional e nacional.

- Feira Bienal de Arte - Apesar do seu nome, esta Feira Bienal de Arte resultou numa pequena mostra que teve lugar no jardim alameda do palácio de Estoi, tendo sido organizada pelo CACE - Centro de Arte e Cultura de Estoi⁵⁷ em 2002.
- O Festival do Caracol - realizou-se durante aproximadamente 6 anos, e teve como objetivo a angariação de fundos para a construção de uma creche⁵⁸, localizada no Centro Comunitário de Estoi. O evento decorria no interior do recinto do Largo Ossónoba⁵⁹ durante o mês de Junho, festejando os Santos Populares. A organização estava a cargo da Junta de Freguesia de Estoi e das associações representativas da freguesia.
- Feira Romana - está em curso a Feira Romana de Estoi⁶⁰, com vista a ter a sua primeira edição em 2013. Esta surge numa ação conjunta entre investigadores, Junta de Freguesia, e órgãos de Cultura dos respetivos concelho e região, e ainda associações e moradores interessados da freguesia; existindo já uma ‘Comissão Impulsionadora da I Feira Romana’. Dada a história e desenvolvimento da aldeia estarem ligados aos seus antepassados romanos é com naturalidade que se reconhece a intenção do projeto. Entende-se que seja natural tentar reunir esforços para que isto aconteça, pois estas iniciativas são fortes polos de atração turística. Com esta Feira Romana, pretende-se aumentar a visibilidade da aldeia e dar mais vida à Freguesia, e consequentemente trazer benefícios para o sector da hotelaria, restauração, comércio e artesanato da região. Constituída por tudo que normalmente compõem as festas desta natureza, terá também o sector do

⁵⁷ Atualmente não se encontra no ativo. O CACE era um espaço cultural que funcionava como galeria de exposições temporárias de artistas portugueses e estrangeiros. Desenvolvia outras iniciativas, no âmbito do lazer e ocupação dos tempos livres, como a realização de cursos de pintura, olaria, cerâmica e vitral.

⁵⁸ Cresce ‘O Caracol’, situado em Estoi.

⁵⁹ Largo junto à igreja matriz de S. Martinho de Estoi.

⁶⁰ A iniciativa ainda se encontra em fase de estudo e preparação. Informação *In* Periódico, *A Lupa Mágica*, ACESTOI, ano 1, nº 2, Agosto 2012, p.3.

artesanato. Tudo indica que a feira se concentrará no núcleo mais antigo da aldeia, nos três maiores largos de Estoi, Ossónoba, Liberdade e Humberto Delgado, e as ruas adjacentes a estes. Toda a população é convidada a participar de forma ativa, inclusive com a decoração das fachadas das casas, e indumentária de época.

Será interessante verificar como resultará o projeto, e de como irá ganhar vida nas ruas do núcleo histórico da aldeia, uma vez que a sua malha urbana tem base medieval. Nas festas medievais, já referidas, a sua realização tem lugar num ‘cenário’ medieval próprio, condizente com a temática. Esta acontece nos núcleos históricos, compostos por uma malha urbana característica das ruas da área circundante da fortificação, como acontece em Silves. No caso de Castro Marim, a contextualização ganha ainda maior impacto, dado que, parte do evento se realiza dentro das suas duas estruturas mais representativas da época medieval; uma é o forte de S. Sebastião e a outra, o próprio castelo. No caso de Estoi, o ‘cenário’ (que se pretende romano), terá que ser adaptado, pois este não é tão evidente quanto os dois exemplos anteriores, apesar da ligação com o sítio das Ruínas de Milreu. A data proposta para o evento é entre os dias 16 e 24 de Agosto de 2013, estrategicamente pensada para ter lugar entre a Festa Medieval de Silves e Os Dias Medievais de Castro Marim.

II A Festa da Pinha

«Almocreve quer dizer: / Além do caminho creve / Além do caminho avança, / Por noites escuras da vida / e dias cheios de esperança. / Muito mais há para dizer / dos longos serões de conversa, / Deitando contas a vida / que se vai e não regressa. / Vou-me agora despedir / mas a amizade fica, / Tenho mesmo que seguir / o rumo que a seta indica.»⁶¹

Neste capítulo faz-se o enquadramento desta manifestação nos Rituais de Primavera e a descrição pormenorizada da manifestação cultural ‘Festa de Pinha’ (também designada por ‘Festa dos Almocreves’), sendo esta necessária para o entendimento dos seus vários elementos.

Os pontos seguintes são desenvolvidos segundo os objetivos do estudo, de forma a responder à questão de partida, que é, verificar como funciona a manifestação de PCI, quais as transformações ocorridas desde a sua origem, e de que forma esta é vivida hoje.

Averiguar as suas origens e estudar a sua história, decifrando as transformações ao longo do tempo, é essencial para o entendimento da manifestação aos dias de hoje.

Para colmatar a distância e complementar os saberes, entre observador investigador e o participante da festa, para além da visão de quem estuda a manifestação é importante acrescentar a visão de quem a constitui. Assim, ao longo das questões enunciadas, de um modo comparativo fazemos referência ao que foi extraído dos resultados dos inquéritos efetuados aos participantes. Pretende-se com isto verificar quais os conhecimentos ou atitudes dos inquiridos. Neste contexto as questões aqui tratadas são articuladas com os resultados que dizem respeito somente estas; o somatório da análise global dos inquéritos é exposto no capítulo seguinte, Trabalho de campo e Análise de Resultados.

2.1 Rituais de preparação da Primavera e Simbolismos da Festa da Pinha

A manifestação cultural na qual se centra o presente estudo, Festa da Pinha, insere-se nos rituais de preparação da Primavera. Esta Festa enquanto evento ritual festivo marca o calendário agrícola e solar, descende por ventura, dos rituais da antiguidade, de agradecimento às divindades pelas boas colheitas e a celebração da primavera como símbolo de fertilidade, renascimento e abundância.

⁶¹ (seta=vida) Autor desconhecido.

É possível fazer a sua contextualização à luz deste conceito, através dos seus símbolos e simbologias.

É sabido que ao longo da existência da humanidade, várias foram as formas de pedir bênçãos, evitar a ira ou pedir perdão para apaziguar a situação do homem face à força superior misteriosa, quer a Deus, quer aos deuses. Pedia-se chuva para fecundar as sementes lançadas à terra, e regar as plantações, pedia-se sol e bom tempo para ajudar a uma boa safra. Normalmente a ira das entidades superiores eram interpretadas através das secas, tempos prolongados de sol e ausência de chuva, que transformavam terrenos férteis em sítios áridos, ou ainda, se manifestava nas formas de trovoada, pestes e pragas. Todo este cenário levou à criação de múltiplos rituais, levados a cabo pelo homem, na tentativa de minimizar estes condicionamentos da natureza.

Mais longínquo no tempo, já o homem tinha estipulado um deus para cada 'intenção', e neles se incluem as divindades das quatro estações do ano.

A primavera é caracterizada por ser a época do ano em se atinge o clímax do florescimento, o ressurgimento da multiplicidade de cores, e a abundância de sementes, que irão germinar e multiplicar a vida da flora. É também tempo de fecundidade para a fauna, que se traduz depois no nascimento de mais vida animal.

Esta Estação é para os homens símbolo de vida, renascimento, fertilidade e abundância. É duplamente generosa, simultaneamente colhem-se os frutos no seu tempo presente, e oferece as sementes para o renascimento de novos no futuro próximo. Muitas são as graças concedidas pela primavera ao homem, e muitas foram as celebrações que se fizeram ao longo dos tempos. Uma a uma divindade de eleição, outras a múltiplos deuses, outros à singularidade da mãe natureza, outras apenas à celebração da vida e a esta época do ano.

Convém lembrar, que a região de que se aqui se trata, neste caso o Algarve, desde os primórdios do nosso conhecimento, foi sucessivamente ocupada e habitada por diferentes civilizações. Por conseguinte, é inevitável, que tenham chegado aos dias de hoje, reminiscências dessas antigas culturas e práticas rituais, usadas por cada um desses povos.

Esta região é fortemente marcada pela passagem dos Celtas, Romanos e Árabes, que deixaram aqui e ali inegáveis vestígios da sua presença. A aldeia de Estoi tem origens na civilização romana, atestando esse fato estão as ruínas da vila romana Milreu.

Desta forma, é natural que a manifestação cultural aqui estudada tenha as suas raízes nessa época distante e que ao longo dos tempos esta se tenha vindo a adaptar aos usos e costumes das novas gerações.

Estão presentes na Festa, elementos da natureza, através dos seus simbolismos, a Terra, O Fogo, e o Ar, faltando apenas a Água. No entanto, lembramos o facto de os romanos terem escolhido esta localidade de abundancia de água que permitia a fertilidade dos terrenos, para erguerem Milreu. E por essa razão, Estoi está intimamente ligado á água, conhecida a facilidade com que esta brotava do chão, daí as numerosas fontes espalhadas pela aldeia. Conclui-se que, sem a existência da água, não haveria abundancia para louvar e agradecer num ritual de primavera, à qual este elemento é intrínseco.

2.1.1 Maio

A celebração da Festa da Pinha no início do mês de Maio, está relacionada com a Primavera e a Páscoa.

Na religião católica a Páscoa simboliza a ressurreição de Jesus, que coincide com os rituais de fertilidade e renascimento que ocorriam na primavera, e ambos são símbolos e rituais de renovamento. A Páscoa representa o ressurgir, o acordar da hibernação para a vida e a passagem do Inverno para a Primavera. Por isto estão a si associados todos os símbolos de fertilidade como a pinha (elemento da manifestação cultural).

Desde há muito que os primeiros dias de Maio estão associados à celebração da natureza, seja através de rituais festivos ou actividades lúdicas como os passeios pelo campo.

À semelhança de outras celebrações cíclicas, que advêm dos cultos agrários ou festas solares, e que no nosso país estão associadas às festividades do 1º de Maio, são as «Maias», ou os «Maiois». No Algarve e no Alentejo, as maias são raparigas, vestidas de branco, enfeitada com flores e joias, sentada numa espécie de trono. Na região norte, esta figura era representada por um rapaz novo, chamado de «Maiois-moços»⁶².

Em várias localidades do Algarve, acontece a, já descrita, representação dos «Maiois»⁶³.

⁶² OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, *Festividades Cíclicas em Portugal*, 1984, pp. 97-109.

⁶³ Cf. Capítulo I, Calendário de Eventos e Festas, Festividades do 1º de Maio.

Uma outra prática, recorrente é também o «Atacar o maio», que significa, cedo pela manhã, antes do sol nascer, beber uma bebida forte como aguardente, e comer figos secos e amêndoas. Normalmente, alguém muito madrugador vai acordar os vizinhos, para que todos estejam prevenidos para a chegada do maio.

2.1.2 As Flores

Também as *Floralia*, antigo festival romano dedicado a *Flora* deusa das flores e da vegetação, tinham lugar entre os dias 28 de Abril e o 3 de Maio. Esta prática já era uma continuação dos antigos Sabinos⁶⁴ que se realizava antes da fundação de Roma. Tinha lugar no Monte do Quirinal⁶⁵, onde tinha o seu templo. Este festival celebrava a primavera, a fecundidade, as flores e o renascer da vida, acrescentado de um carácter campestre e popular, onde cambiam danças e jogos. Em 238 a.C. estes templos foram modificados e acrescentaram-se aos festejos espetáculos cénicos e de circo e fixou-se o dia 28 de Abril para a realização dos mesmos⁶⁶.

Pensa-se que derivará daqui o facto de ainda hoje todos os participantes do cortejo, animais e transportes serem enfeitados com flores e ramagens naturais.

Uma outra ligação entre a Festa da Pinha, a estes rituais de primavera, será a realização dos jogos florais, cuja origem também se prende às *Floralia* acima referidas.

2.1.3 O Fogo e a Fogueira

Desde que o ser humano descobriu a maneira de dominar o fogo, o seu cérebro desenvolveu-se muito mais rapidamente proporcionando-lhe um salto qualitativo na sua vida. Desde a antiguidade que o Fogo é considerado símbolo de purificação e transformação e de culto para todas as crenças, tanto pagãs quanto religiosas. Durante o Período da Inquisição as pessoas acusadas de bruxaria eram queimadas com o objetivo de “limpar” toda a feitiçaria e todo o mal.

O Fogo também está relacionado com a paixão, força e vitalidade, associando-se a sua cor vermelha ao seu simbolismo.

⁶⁴ Tribo da região central da Península Itálica.

⁶⁵ Uma das sete lendárias colinas, sobre a qual Roma foi fundada.

⁶⁶ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, *op. cit.*, 1984, pp. 97-109.

O Festival de Beltane, de origem celta, ainda é comemorado nos dias de hoje sendo conhecido como uma comemoração da Primavera; neste contexto o fogo está ligado ao sol. Os Druidas⁶⁷ acreditavam no poder dos fogos rituais agrários e na força oculta que envolvia todos os aspetos da vida. Eram realizadas fogueiras e nelas se projetavam os apelos ao sol para que beneficiasse as colheitas da Primavera e fosse revitalizada a chama de existência.

A “Noite de Valpurgis” também reflete a relação entre fogo e purificação. Esta é uma celebração que consiste na realização de uma grande fogueira durante a noite da véspera do primeiro dia de Maio, consistindo num ritual de passagem do fim Inverno para o início da Primavera. Durante a realização da fogueira, grupos de homens entoavam cânticos. É uma festa de tradição germânica, que foi acusada pela Igreja da religião cristã, de ser “dedicada à magia e ao culto do profano”.

Relacionado com o fogo e as fogueiras está o queimar das ervas aromáticas e das pinhas, ambos usados na Festa da Pinha. O fumo resultante da queima do Alecrim é conhecido como o incenso mais primitivo. Aliado a este carácter de purificador espiritual, a planta é também reconhecida pelas suas propriedades benéficas para a saúde física, como ‘purificadora do sangue’. A pinha tem sido utilizada ao longo dos tempos como combustível para o fogo, como uma acendalha, de modo a facilitar a ‘criação’ do fogo, tanto por conter resíduos de resina como pela sua estrutura escamosa.

Acrescentado o simbolismo do fogo e a relação com a noite de *Valpurgis*. Para além das razões e fundamentos para esta prática/ritual natural das festividades, a realização da fogueira pode servir para contextualizar no tempo o motivo/razão pela qual a romaria dos almocreves seria feita no dia 2 de Maio.

Tendo em conta o documento da Confraria⁶⁸, atestando que a festa religiosa cristã tinha impreterivelmente lugar no dia 3, “Dia da Invenção da Santa Cruz”⁶⁹, data da festividade católica na ermida da N^a S^a ao Pé da Cruz, pode ligar-se o facto de os almocreves terem escolhido o dia que antecede esta festividade religiosa para realizarem a sua própria festa (pagã). Aqui também tem lugar uma fogueira na véspera do dia santo, em tudo semelhante às realizadas em homenagem aos nossos santos populares.

⁶⁷ Filósofos celtas, tidos como detentores de grande sabedoria entre os seus.

⁶⁸ *Contas das Confrarias e Irmandades*, 1851/1911, manuscrito, ADF, Maço 35. No Capítulo II explica-se o conteúdo deste documento e a relação deste com a manifestação.

⁶⁹ Invenção da Santa Cruz – Festividade religiosa católica que se refere ao dia em que foi identificada a cruz na qual Jesus foi crucificado.

2.1.4 A Pinha

A Pinha é o fruto do pinheiro, e contém no seu interior os pinhões, que são simultaneamente, fruta e semente. A sua estrutura corresponde à forma *Fibonacci*, encontrada em várias espécies, tanto na natureza animal, como vegetal; assume uma forma arredondada, em torno de um espigo, formando uma espiral.

Existem pinheiros masculinos e femininos, que graças à ação dos ventos e dos insetos, se fecundam entre si, sendo que a pinha é o órgão reprodutor. Por sua vez o pinhão, como semente deste, transporta dentro de si, a carga genética da sua espécie. Ao germinar nasce uma nova árvore que por sua vez reproduzirá os genes, revitalizando-se cíclica e regularmente, dando assim continuidade à espécie.

Por estas razões a pinha é símbolo de fertilidade, fecundação, perpetuidade e renascimento. Também é símbolo de abundância, pois uma só pinha produz dezenas de pinhões. Pela sua estrutura ser um aglomerado esta constitui um símbolo de paz e união.

Desde a pré-história que se conhecem figurações da pinha, nos mais diversos contextos, pagãos ou religiosos e está presente na arquitetura civil e sacra.

Pode encontrar-se este símbolo num monumento peculiar em Portugal, a Pedra da Pinha⁷⁰:

«Padrão comemorativo, talhado em mármore branco em forma de obelisco, foi edificado sobre um afloramento granítico à beira da antiga estrada romano-medieval que ligava Évora a Alcácer do Sal, em terrenos pertencentes à Mitra (actual pólo Universitário da UE⁷¹). O nome popular deve-se ao ornamento que encima o monumento em forma de pinha - símbolo antigo da abundância e da concórdia. Tem gravado no soco, em caracteres clássicos, a data de 6 de Agosto de 1792 (...).»⁷²

Mesmo sem ligação direta ao nosso estudo, salientamos o facto de este monumento, situado em Évora na Herdade da Mitra, ser localizado próximo do Miliário da Mitra, marco da via romana do provável troço do itinerário XII de Antonino que fazia a ligação entre Olisipo (Lisboa) e Emerita Augusta (Mérida).

A relação entre o itinerário referido e o nosso objeto de estudo é abordado com incisão mais adiante no trabalho, no subcapítulo As vias romanas no Algarve.

⁷⁰ Inventário do Património Arquitetónico e Arqueológico Concelhio, Câmara Municipal de Évora, 2005, p. 93. Disponível em: http://www2.cm-evora.pt/PDME/01_ANEXO_IV/Anexo_IV.pdf [Consult. 12/10/2013].

⁷¹ O Colégio da Mitra e o Colégio do Bom Jesus de Valverde são estabelecimentos que constituem, com a Herdade Experimental da Mitra e o complexo habitacional, o Pólo da Mitra da Universidade de Évora, situado em Valverde, na Freguesia de N.ª Sr.ª da Tourega, a cerca de 12 Km de Évora.

⁷² *Pedra da Pinha*, texto extraído da identificação do Percurso de Monfurado, Percursos Ambientais de Évora, Centro de Interpretação do Concelho de Évora, disponível em: http://www.evora.net/percursos/persurso_monfurado.htm [Consult. a 10/06/1012]

De forma menos dramática mas porém bastante visível no contexto local de Estoi, a figura da pinha está presente nos elementos arquitetónicos no núcleo histórico da aldeia. A sua forma encontra-se aplicada na torre sineira da igreja matriz, assim como nos pináculos que ladeiam a cruz que encima o frontispício desta, nos varandins de ferro forjado, nas platibandas das casas também se encontram ornamentos de cerâmica vidrada em formato de pinha⁷³. Um facto ainda por decifrar é a possibilidade de ligação deste adorno com a Festa da Pinha.



Fig. 14 – Fachada do edifício “Casa de Estoi” (Rua Eng. Joaquim Lopes Belchior)



Fig. 15 – Ornamento em forma de “pinha”, pormenor da platibanda (referente à Fig. 14)

2.1.5 O Traje adotado

Hoje em dia, a grande maioria dos participantes da Festa apresenta-se vestida com algum rigor, seja com o traje da Festa da Pinha ou com o traje português de equitação (os cavaleiros).

Segundo os testemunhos orais, pensa-se que nos moldes originais da festa não haveria traje, ou seja, os almocreves que faziam a romaria não se vestiam de uma forma específica e uniformizada a propósito. Os atuais participantes afirmam que os seus pais e avós simplesmente usavam as suas vestes diárias normais, e que os mais abastados usavam um fato domingueiro correspondente à época. Apesar deste facto, segundo a recriação como acontece hoje, a organização decidiu tentar uniformizar o aspeto do vestuário dos participantes sugerindo o uso de algumas peças - chave. Conforme afirma o Dr. Paula Brito na entrevista concedida, esta uniformização serviria para desencorajar o uso de vestuário comum como as calças de ganga rasgadas, de modo a conferir um aspeto mais bonito à Festa.

⁷³ MALLOBIA, Patrícia, *Estoi _ Identidade e Transformação*, (Tese de Mestrado), Faro: Câmara Municipal, 2009, p.183.

O traje da Festa da Pinha é composto por calças, colete e chapéu preto, camisa branca e um lenço vermelho ao pescoço. Há também quem use uma cinta vermelha ou preta. A organização da Festa disponibiliza lenços para venda durante o primeiro momento da Festa, a concentração que antecede do desfile.



Fig. 16 – Cavaleiro com traje da Festa da Pinha (2011)



Fig. 17 – Senhora com traje da Festa da Pinha

Numa interpretação livre pode afirmar-se que os elementos do Traje adotado correspondem a cores simbólicas: vermelho, branco e preto.

O vermelho tem uma gama de significados simbólicos, incluindo vida, saúde, vigor, guerra, coragem, raiva, amor e fervor religioso. O denominador comum, é que todos estes sentimentos referem paixão, fogo – fogueira, e a “força vital” que impulsiona a vida.

A cor branca, para várias culturas, simboliza a pureza e a inocência, sendo que vestes brancas são usadas para transmitir serenidade espiritual. Não é de estranhar que universalmente, acenar uma bandeira branca se tenha tornado símbolo de paz.

Para muitas culturas antigas, o preto significa a cor do “mistério” e a “sabedoria de Deus”. Era entendido como uma analogia com a noite pois a ausência de luz transcendia a compreensão humana. Esta cor está associada à morte, ao “incógnito” que estará para além do “fim”, tal como ao sono e com o imaginário dos sonhos, que a noite propícia.

Podemos fazer uma analogia da simbologia das cores com os vários aspetos da Festa: o ‘branco’ remete-nos para o lado religioso (agradecimento a uma divindade); o vermelho lembra o fogo das tochas e da Fogueira; o preto poderá representar o mistério das suas origens e o seu carácter pagão.

2.1.6 Os sentidos associados à Festa

A Festa da Pinha simboliza os almocreves que foram os impulsionadores de relevo no desenvolvimento económico e na prosperidade local, fazendo parte da História da aldeia, esta continuam a ser motivo de orgulho para seus habitantes. Como tal, consideramos natural a recriação da Festa, em jeito de homenagem, que a comunidade continua a realizar. Posto isto, será legítimo afirmar que esta Festa é um marco simbólico da freguesia e faz parte da identidade da sua comunidade.

Desde a antiguidade que o homem cria rituais de passagem e de agradecimento, (sagrados ou profanos) transformando-os em festividades; essas celebrações foram acompanhando as transformações na sociedade ao longo dos tempos e são consideradas as raízes das nossas atuais tradições religiosas e populares. Esses “usos e costumes”, provenientes de diversas origens cujos significados se desdobram em distintas manifestações culturais, transportam consigo valores simbólicos que por sua vez se tornam identitários de um grupo ou de um território.

Em nosso entender, podemos considerar a ‘Tradição’ como mais um ‘elemento’ da Festa pois para além do que a manifestação cultural representa, este foi um dos sentidos mais associados à mesma, por parte dos participantes inquiridos. Em resposta à última pergunta do inquérito realizado, ‘Defina a Festa da Pinha em 3 palavras’, as palavras e os sentidos mais assinalados foram: ‘Alegria’, ‘Animação’ e ‘Diversão’ (24%). Seguidamente a par (ambos com 15%) estão: ‘Tradição’, ‘Típica’ e, ‘Convívio’/‘Confraternização’.

A etimologia de tradição deriva do latim *traditione*, entrega. Dentro dos seus significados constam: “acto de transmitir ou entregar”; “transmissão oral de lendas, factos,” “de pais para filhos”; “transmissão de valores espirituais de geração em geração”; “conhecimento ou prática que provem da transmissão oral ou de hábitos inveterados”; “hábito”; “uso”; “memória”⁷⁴.

A noção de “Tradição” pode dividir-se entre a histórica e a popular. A histórica caracteriza-se pela transmissão da memória, de fatos, ou indivíduos notáveis. É preservada de duas maneiras através de documentos como, registos escritos, cartas, biografias, calendários, anais, compêndios e outros; bem como através dos diversos tipos de elementos, como monumentos, vestígios, túmulos, palácios, obras de arte,

⁷⁴ Dicionário de Língua Portuguesa, Universal, Texto Editores, 2006, 8ª Ed, p. 1446.

moedas, entre outros. A Popular destina-se ao registo dos factos culturais que são preservados pela oralidade ou mesmo pela aceitação e identificação coletiva, conforme a Recomendação de 1989:

«(...) a cultura tradicional e popular integra o património universal da humanidade e que é um poderoso meio de aproximação entre os diferentes povos e grupos sociais e de afirmação da sua identidade cultural (...)»⁷⁵

O conceito de “tradição” funde-se com outros como o de “ritual”, sendo algo que implica ‘repetição’ e ‘regularidade’, e a transmissão de conhecimentos/informações de geração em geração mesmo que se desconheça a “fonte” dos mesmos.

No caso dos participantes da Festa da Pinha, a referência à sua tradição é acompanhada por um sentimento de orgulho, tanto da manifestação quanto da sua identidade coletiva; podemos afirmar que este património une, física e culturalmente, os indivíduos.

Poderá dizer-se talvez, que a “tradição” contribui para o sentimento de pertença, enraizamento, e estabilidade do individuo enquanto parte integrante de uma comunidade; como reflete a expressão “mantem-se fiel/ligado às tradições” que de um modo geral é associada a um significado positivo, uma ligação àquilo que é verdadeiro ou genuíno e portanto inquestionável. Pôr em questão essa ‘verdade’, a origem da tradição, é muitas vezes encarado como colocar em causa o próprio individuo ou as suas crenças. Perante esta hipótese, o individuo adota uma postura defensiva tendo necessidade de preservar algo que lhe transfere sentimento de segurança e orgulho mesmo que desconheça a origem da tradição.

Quando os participantes inquiridos respondem ‘tradição’, conferem sentimentos ao conceito, tais como: ‘orgulho’, ‘comoção/emoções’, ‘respeito’ e ‘dedicação’. Para além da palavra ‘tradição’, os inquiridos apontaram outras palavras que relacionam com a tradição da sua Festa, como podemos ver na “Tabela 5 – Expressões” na análise do inquerito. Estas estão refletidas nas expressões, ‘tem alma’, ‘tem espirito’, ‘coragem’, ‘audácia’, ‘Paixão’ /‘apaixonante’.

⁷⁵ UNESCO, *Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Folclore*, 1989.

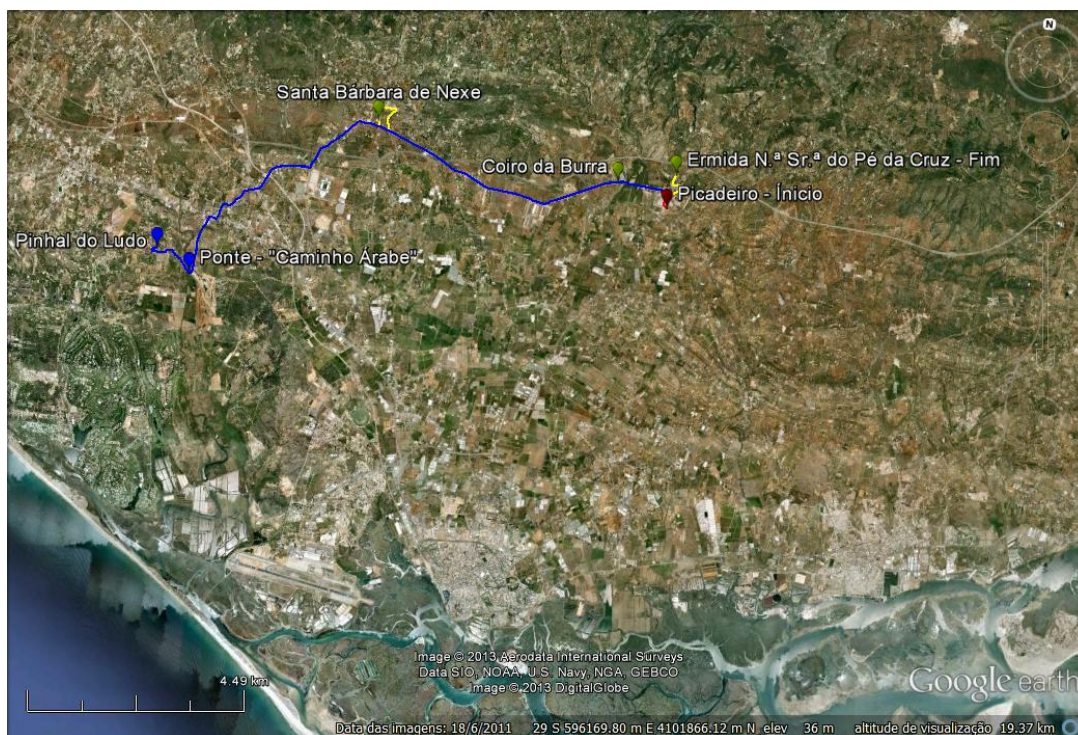
2.2 Uma perda para a manifestação cultural

Nas últimas décadas, para além de todas as pessoas envolvidas na realização da Festa da Pinha nos moldes atuais, o Padre Júlio Tropa Mendes era figura de relevo. Ele era o pároco das freguesias de Estoi e St^a Bárbara de Nexe, um membro ativo das comunidades vizinhas. Deixou em ambas uma significativa obra caritativa e social, podendo salientar-se os Centros Comunitários, Lar de terceira idade, Centros de Dia, Infantários, Creches e Atelier de Tempos Livres. Esteve ao serviço da Paróquia de Santa Bárbara de Nexe, durante mais de 42 anos e da Paróquia de Estoi nos últimos 25 anos. Alcançou a simpatia das populações e o reconhecimento transversal. É incontornável a sua entrega às causas sociais e a sua ligação à Festa da Pinha. Esta personalidade, ao fazer parte integrante da Festa da Pinha, desde o início com a bênção, ao encerramento desta com a celebração da missa, constituía em si, na sua figura de sacerdote em comunhão com os participantes, a representação do lado religioso da Festa. Reconhecia a importância da actividade de almoceve e o que ela representava particularmente para a comunidade Estoiense, e para todas as comunidades e lugares por onde passavam para realizar o seu comércio. Durante a sua vida recebeu várias homenagens da Diocese do Algarve, da Câmara Municipal de Faro (sendo agraciado com a Medalha de Mérito – Grau Ouro) e das freguesias onde desempenhou as suas funções. O Padre Júlio Tropa faleceu em janeiro de 2012, aos 78 anos; nesta altura, o município de Faro estabeleceu o seu nome em dois topónimos, um em Sta. Bárbara de Nexe e outro em Estoi. Desde então, e por estes motivos, o percurso do cortejo de regresso da Festa da Pinha foi alterado de forma a passar em frente ao cemitério de Sta. Bárbara de Nexe, e aí os participantes fazem uma paragem, em forma de homenagem a esta figura da manifestação.

2.3 Festa da Pinha - descrição pormenorizada

A Festa é composta por várias fases que se desenrolam por sequência durante o dia e ao longo do percurso, com o término no dia 3 de maio. A seguir se enumeram e descrevem os vários momentos da Festa⁷⁶.

⁷⁶ Dado o carácter visualmente expressivo da manifestação achamos necessário ilustrar o texto de descrição da Festa com fotografias das suas particularidades mais características; sendo que para além destas existe em anexo a ilustração sequencial mais completa de todos os momentos da Festa, desde o seu



Mapa 2 – Identificação do percurso do cortejo da Festa e principais pontos de referência

2.3.1 Reunião dos participantes no picadeiro

A Festa inicia-se com a reunião dos participantes no picadeiro da aldeia, por volta das 7h00 da manhã. Aqui concentram-se os meios de transporte que irão integrar o cortejo, todos ornamentados com ramagens verdes e flores, um trabalho de decoração realizado pelos participantes no dia anterior. A inscrição dos participantes é feita por ordem de chegada e é-lhes atribuído um número, que corresponde à sua posição no desfile. Com já tudo está a postos, o sacerdote convidado para o efeito, normalmente o pároco de Estoi, faz a bênção de todos os participantes, pessoas e animais.

Há dois casos singulares de participantes cuja imaginação dá um aspeto único e peculiar à Festa. Um dos quais é uma senhora que vestida com o ‘traje’ e integra o cortejo sentada no seu burro, este enfeitado com uma flor no arreio e uma placa pendurada ao pescoço do animal, com uma quadra alusiva ao evento, onde se pode ler o seguinte: «Neste dia de Festa, / Quiz manter a tradição, / Cá vou eu Ana Maria, / Com o meu burro João». O outro caso é um senhor que revestiu a parte dianteira do seu pequeno trator, com uma estrutura, de modo a parecer-se com a figura de uma besta

início até ao término desta, acompanhada das respetivas legendas, cf. ANEXO A – Descrição visual da Festa.

muar, inclusive apetrechado com rédeas que ao serem manuseadas pelo condutor, fazem movimentar a cabeça do animal, fazendo com que este pareça real.

Estes e outros pormenores, da imaginação individual e coletiva, fazem desta Festa uma manifestação cultural popular e genuína.



Fig. 18 – D. Ana e o seu burro João à Saída do picadeiro (2011)



Fig. 19 – Participante com trator enfeitado, à saída do picadeiro (2011)

2.3.2 Cortejo

O cortejo inicia-se com a pequena carrinha de carga da Rádio Simão⁷⁷ que sai na frente a abrir caminho, e a emitir música no ar (folclore algarvio) através de altifalantes de som estridente e a informar, gritando até à exaustão, quem assiste à Festa da Pinha. Atrás desta seguem por ordem a senhora no seu burro, os cavaleiros, as charretes e as carroças, os tratores com os atrelados, e por último os camiões de carga pequenos. É de observar que os veículos motorizados só se conseguem identificar que o são pelos faróis, para-brisas e retrovisores laterais pois a viatura é totalmente revestida pela decoração floral; esta é composta principalmente por acácias, mimosas, jarros, rosmaninho e o todo o tipo de flores de cor viva que florescem nesta época do ano, Maio. Tudo isto misturado com o preto, o branco e o vermelho do traje dos participantes, dá um colorindo ímpar a este desfile. Embora as ramagens e as flores possam ser as mesmas usadas em todos os carros, o aspeto visual difere entre estes consoante a imaginação e criatividade de cada grupo.

⁷⁷ À exceção do ano 2011 por motivo do falecimento doproprietário da rádio, Francisco Simão. Juntamos em anexo uma nota, em linha, com quadras dedicadas à ligação desta rádio à manifestação cultural, pela autoria de Joaquim Aleixo, *in* Blog “Festa da Pinha”, 2011, disponível em: <http://festadapinha.blogspot.pt/2011/05/pradio-simao.html> [Consult. 11/03/2012].



Fig. 20 – Pormenor da carrinha da “Rádio Simão” (PB, 2013)



Fig. 21 – Cortejo (cavaleiros) (2011)



Fig. 22 – Cortejo (charrete) (2011)



Fig. 23 – Cortejo (camião) (2011)

2.3.3 Vivas

Tudo isto aliado ao som de vivas em voz alta de ‘*Viva a Pinha!*’ faz com que o espírito da Festa a todos contagie com a sua alegria. Por onde o cortejo passa, todos interrompem os seus afazeres para assistir ao desfile; inclusive na passagem por Sta. Bárbara de Nexe as professoras da escola primária dão um intervalo durante as aulas, e levam os seus alunos a assistir a esta romaria.

O desfile segue por estradas municipais no seu percurso, desde Estoi até ao Ludo, mas atravessa duas estradas principais onde há a colaboração da brigada de trânsito para que tudo decorra com a máxima segurança. O primeiro destes pontos é o cruzamento da estrada de Sta. Bárbara e o segundo é quando o cortejo cruza a Estrada Nacional 125 em direção à Estrada do Ludo. Seguidamente o cortejo atravessa a Ponte “Caminho Árabe”, passa pelo “Memorial da Festa da Pinha do Ludo” e logo adiante chega ao “Pinhal do Ludo”.

É importante referir que esta parte do trajeto já foi alvo de uma tentativa de preservação, enquanto espaço cultural, por parte da DRCAIlg para constar na Planta de Ornamento do Plano de Pormenor do território.



Fig. 24 – Cruzamento Stª Bárbara de Nexe (2011)



Fig. 25 – Cruzamento Stª Bárbara de Nexe (alunos da escola primária a assistirem) (2011)



Fig. 26 – Travessia da Ponte “Caminho Árabe” (2013)



Fig. 27 – Passagem pelo “Memorial à Festa da Pinha” (Ludo) (2013)

2.3.4 Almoço convívio no Ludo

À chegada ao Ludo, no sítio previamente designado e preparado para a reunião, já se encontram no lugar os carros de apoio aos participantes, carrinhas e camiões pequenos onde foram transportadas as arcas refrigeradoras com as bebidas e as madeiras com que se improvisam as mesas e os bancos, e nos fogareiros já arde o carvão para a preparação do churrasco. Entretanto, enquanto este é preparado, vão-se sucedendo exhibições de cavalos e cavaleiros, ou charretes, em frente a um palco previamente montado. As pessoas convivem, apreciam os animais uns dos outros, as diferentes decorações das viaturas, e começam as opiniões (“este ano está melhor”, “no ano passado haviam mais”, “esta está bonita”) e os comentários sucedem-se.

Nesta Festa não há restrições de idades nem divisões sociais, vão famílias inteiras, avós, pais, filhos e netos. A maioria das crianças mais pequenas também tem o seu colete preto e lenço encarnado ao pescoço e nada os impede de dormirem durante a tarde à sombra dos pinheiros.



Fig. 28 – Palco no pinhal do Ludo (2012)



Fig. 29 – Um grupo de participantes (piquenique no Ludo) (PB, 2013)

2.3.5 Os Jogos tradicionais e o Baile

Depois do almoço dá-se início aos jogos tradicionais desta ocasião como as “abarcas”⁷⁸ e os “puxos de corda”⁷⁹. Estes vão acontecendo por equipas, entre casados e solteiros, tanto mulheres como homens, e entre homens e mulheres. Também há animação musical contratada para a realização de um baile durante uma parte da tarde. É ainda de salientar que durante a hora do almoço aparecem sempre os convidados, pessoas amigas e conhecidas dos participantes, que pelos seus afazeres profissionais não lhes é possível participar integralmente da Festa mas que não dispensam o piquenique convívio.



Fig. 30 – “Puxos de corda” (PB, 2013)



Fig. 31 – Baile no Ludo após piquenique (2011)

⁷⁸ Jogo das “Abarcas” - Jogo masculino que consiste na medição de forças entre dois homens, agarrados apenas pelos braços, e que tem como principal objetivo derrubar adversário.

⁷⁹ Jogo dos “Puxos de Corda” – Jogo de medição de forças, constituído por duas equipas, cada uma puxando a sua extremidade da corda, à mesma distância do lenço que se encontra amarrado ao meio desta. O objetivo é puxar a corda para o seu lado, ganhado a equipa que conseguir arrastar a outra até o primeiro jogador ultrapassar a marca no chão. Também é atribuída a derrota a uma equipa se os seus elementos caírem ou largarem a corda.

2.3.6 O Regresso a Estoi

Ao fim da tarde, por volta das 18h30, inicia-se a marcha de regresso à aldeia de Estoi, o sinal de partida é o lançamento de um foguete. Pela distância demora em média de duas a três horas. O percurso de retorno é o mesmo que o de ida⁸⁰. A entrada em Estoi é feita a partir do ribeiro que corre por baixo do Milreu, junto ao sítio ‘Coiro da Burra’. Aqui é ponto de paragem e de encontro, pois se por acaso ainda for dia, espera-se que anoiteça e aí nessa ocasião são distribuídas as tochas que irão ser acesas, transformando a entrada em Estoi mais dramática. Aqui junta-se a banda filarmónica que foi convidada para o evento, para tornar mais exuberante a entrada na aldeia. Neste ponto, durante a paragem, a extensão do cortejo mede sensivelmente quinhentos metros (500 Mts).



Fig. 32 – Lançamento do foguete que marca o início do cortejo de regresso (PB, 2013)



Fig. 33 – Banda filarmónica à espera do cortejo (PB, 2013)



Fig. 34 – Cavaleiros erguendo as tochas acesas (PB, 2013)

2.3.7 O Fogo-de-artifício

Retoma-se então a marcha, e a entrada na aldeia é marcada pelo lançamento do fogo-de-artifício que está preparado para a ocasião (entre as 22h30 - 23h00). O cortejo de entrada inicia-se com os representantes das entidades oficiais, (Presidente da Câmara

⁸⁰ O percurso de regresso é o mesmo à excepção do desvio que o cortejo faz em Stª Bárbara de Nexe, (efetuando uma paragem por volta das 20h00) em honra do Padre Júlio Tropa, como já mencionado na página 43, no ponto “Uma perda para a manifestação cultural”.

Municipal de Faro, Vereador da Cultura da Câmara Municipal de Faro, Presidente da Junta de Freguesia de Estoi e os representantes das organizações e clubes da aldeia) que vão a pé, abrindo o cortejo com os devidos estandartes. Estes são seguidos pela banda, e os restantes participantes, a senhora no seu burro, os cavaleiros e as restantes viaturas, pela mesma ordem da saída. Entretanto, a aldeia já se encheu de visitantes, expectadores curiosos e interessados, para assistirem à chegada do cortejo, cujos carros ainda vem mais enfeitados com ramos de pinheiros e pinhas apanhadas no Ludo. Enquanto estes não chegam, as pessoas podem apreciar a pequena feira de artesanato que está organizada ao lado da igreja matriz⁸¹, e onde se podem abastecer de produtos regionais, assim como artesanato local. Mesmo em frente a esta, no Praça da Liberdade, existe um palco onde decorre animação musical para entreter aqueles que esperam o cortejo e termina com o sinal do fogo-de-artifício. Os expectadores juntam-se maioritariamente aqui, nas escadarias da igreja, porque é um lugar alto de onde se consegue vislumbrar toda a subida em reta que o cortejo percorre para entrar em Estoi. Também é de referir que em quase todas as casas há janelas abertas onde os moradores ficam a apreciar o desfile.



Fig. 35 – Fogo-de-artifício a marcar a entrada do cortejo na aldeia (PB, 2013)



Fig. 36 – Espetadores à espera do cortejo na escadaria e adro da Igreja Matriz (2011)



Fig. 37 – Concentração de espetadores no Largo da Liberdade, Igreja Matriz e ruas adjacentes (2013)

⁸¹ Igreja de S. Martinho, Igreja Matriz de Estoi.

2.3.8 Chegada à Ermida: Fogueira

Depois da passagem do cortejo ao lado do Praça da Liberdade, frente à Igreja Matriz, segue caminho até à ermida da N^a S^a do Pé da Cruz, onde se realiza a fogueira em frente ao cruzeiro desta. Os representantes das entidades oficiais, que são os primeiros a chegar e permanecem junto à fogueira durante todo o desfile, cumprimentando os participantes. Neste ponto os carros abrandam a marcha para que os seus ocupantes possam atirar à fogueira o seu ramo de alecrim, rosmaninho e os restos das tochas ainda a arderem. Enquanto isto acontece o desfile (com cerca de um quilómetro de extensão em andamento) vai percorrendo a aldeia e são incessantes os gritos: ‘Viva a Festa da Pinha! Viva Estoi! Viva os Almocreves! Tudo isto é gritado a pleno pulmão e alguns participantes usam altifalantes para ajudar um pouco mais à sua entoação.



Fig. 38 – Fogueira em frente ao cruzeiro da Ermida do Pé da Cruz (2013)



Fig. 39 – Participantes a atirarem as tochas para a Fogueira (PB, 2013)

Depois de passar pela Ermida do Pé da Cruz, e pela “Fogueira”, o cortejo chega ao fim. Neste momento o resto da população de Estoi que assiste ao cortejo junta-se aos participantes da Festa no arraial popular, composto por espetáculo musical e baile que segue noite adentro no Largo Ossónoba.



Fig. 40 – Arraial com baile no Largo Ossónoba



Fig. 41 – Arraial com baile no Largo Ossónoba

2.3.9 Jogos Florais

Esta manifestação cultural contemplava a realização de Jogos Florais, quando do seu reinício nos anos 60, contudo não há certezas das que datas em estes foram levados a cabo. Esta componente não tem tido um carácter regular nas festividades. Quando estes tinham lugar, os trabalhos vencedores eram tornados públicos durante o arraial da Festa. Sabe-se no entanto que os “Jogos Florais da Pinha” eram da responsabilidade do Prof. Amílcar Quaresma e neles participavam poetas de todo o mundo.

2.3.10 Encerramento das festividades no dia 3 de Maio

No dia seguinte, dia 3 de maio, encerra-se a Festa da Pinha com a celebração de uma missa solene em honra e agradecimento, na ermida da N^a S^a ao Pé da Cruz, padroeira dos almocreves. Esta festa, que teve no seu início a bênção sacerdotal, também se encerra de maneira religiosa com esta missa. Onde durante a homilia o sacerdote faz referência à importância que teve no seu tempo, a actividade do almocreve, tanto para as populações onde viviam, quanto para aquelas onde eles iam comercializar os produtos que transportavam. O pároco exalta a fé e devoção que estes homens tinham à sua padroeira e protetora, razão pela qual lhe prestavam esta homenagem, que foi sendo seguida através dos tempos. Não se sabendo ao certo a data do seu início mas as opiniões convergem para que terá começado pela altura em que a ermida foi construída, século XVII.



Fig. 42 – Fachada da Ermida do Pé da Cruz ornamentada para a Festa da Pinha (PB, 2013)



Fig. 43 – Altar Mor com a imagem do orago da Ermida: N^a S^a ao Pé da Cruz.

2.4 O Hino da Festa da Pinha

O Hino da Festa da Pinha, intitulado “Grande Marcha da Pinha”, foi realizado e gravado por alguns elementos da associação ACESTOI, tendo sido gravado um CD⁸². A música foi um complemento à animação da Festa em 2012, e foi entoada através de altifalantes, durante o almoço convívio, e todo o desfile de entrada em Estoi. A letra desta refere a lenda e as várias partes da romaria, refletindo a própria atitude festiva dos participantes; por estas características consideramos de interesse expô-la no seguimento da descrição da Festa.

“A Grande Marcha da Pinha”

I <i>Estoi tu és princesa A tradição é certeza Dos nossos antepassados Diz a lenda certo dia Na linda Serra Algarvia Por Lob's foram atacados</i>	III <i>Regressados à aldeia Já levavam na ideia À Senhora agradecer Prometeram no momento Não ficar no esquecimento De qualquer coisa fazer</i>	VI <i>Lá na quinta do morgado Passar um dia animado E à noitinha regressar As carroças enfeitadas Montadas engalanadas E archotes a iluminar</i>
II <i>De repente se fez luz À S'nhora do Pé da Cruz Pediram com devoção Almocreves estoienses E todos os seus pertences Ficaram em salvação</i>	IV <i>E a partir desse dia Foi criada a romaria Estoi tu és rainha Em tempos de realeza Foi criada esta beleza A linda Festa da Pinha</i>	Refrão VII <i>De regresso à nossa aldeia Nós trazemos na ideia Don nosso dever cumprido Muita festa e alegria A tradição deste dia Será sempre bem vivido</i>
Refrão: <i>Viva a Pinha Com muita animação Viva Estoi É nossa tradição Viva a Pinha É este o nosso dia Vamos todos festejar Com muita alegria</i>	Refrão V <i>O cortejo a desfilar Como é lindo ver passar Em desfile até ao Ludo com grande animação Mantemos a nossa tradição A pinha p'ra nós é tudo</i>	VIII <i>Os archotes a brilhar Estoi vão iluminar Todo o povo vem à rua Vamos todos festejar E p'ro ano regressar Porque a Pinha Continua</i>
		Refrão

⁸² *Hino da Festa da Pinha*, (CD – 7'52 min.), Produção ACESTOI. Letra e música da autoria de Fernando Inês.

2.5 História da Manifestação

Como é explicado na metodologia, para se realizar o estudo sobre a festa da Pinha, para além da pesquisa e recolha de informações factuais, foram realizadas entrevistas para obter informação sobre a história desta manifestação cultural. As informações apresentadas nesta secção do estudo, foram obtidas através das entrevistas acima referidas, com complementos retirados dos inquéritos efetuados.

2.5.1 Alterações da Festa ao longo dos tempos

Na opinião geral da população estoiense, tanto os entrevistados quanto os participantes inquiridos, afirmam conhecer as origens da Festa da Pinha mas desconhecem a data exata do seu início. Contudo, todos afirmam ser muito antiga.

Pode apurar-se nas pesquisas efetuadas que, ao longo da sua existência, esta manifestação tem sofrido interregnos na sua realização, mais ou menos curtos, e nem sempre teve periodicidade anual como atualmente tem. Sem se saber ao certo quantas vezes terá deixado de acontecer, ou recomeçado, sabe-se que durante uma parte da Guerra Colonial não houve festejos.

Os participantes afirmam que esta festa tem muitos anos, mas é bom referir que nem sempre teve uma dimensão tão grande, o espírito era o mesmo mas o número de participantes era muito menor. Sendo Estoi uma pequena aldeia rural, os almocreves não eram muitos, e o cortejo da festa era composto só por homens, que se faziam transportar por mulas e cavalos, e posteriormente também por carroças, os típicos carros-de-mula algarvios. Já depois dos almocreves terem deixado de existir, com esse significado de profissão, e por volta do final dos anos 60, com o regresso dos emigrantes por períodos de férias, é que a festa começou a ser recriada. As pessoas na aldeia, responsáveis por esta festa-recriação, tomaram iniciativa de levar as suas famílias, e nessa altura começaram então a participar mulheres e jovens; estes até aqui só participavam na parte religiosa da festa. Não fazia mais sentido que uma actividade que tinha beneficiado a todos, e tinha feito desenvolver economicamente aldeia, e com ela a freguesia num todo, que a maioria da população permanecesse afastada da recriação, do agradecimento. Este era feito, primeiramente à natureza, porque só através dela se conseguem ‘colher os frutos’, e ter o que comercializar, e à padroeira que a todos e tudo protege. Assim toda a população era convidada a participar do evento. Esta simbolizava os familiares dos almocreves que tradicionalmente ficavam em casa, tanto

durante as jornadas do trabalho destes, como no dia da sua festa de louvor à natureza e agradecimento à sua padroeira. Agora também eles participavam das actividades da festa, porque também tinham sido beneficiados. Era uma reunião de famílias e amigos, com o objetivo de agradecer e de louvar pelo bem comum.

Pelos relatos orais da população e dos participantes da festa, no início do séc. XX, esta era de organização espontânea. Já nos anos 70, após a revolução de 25 de Abril de 1974, com a fundação do Grupo Desportivo e Cultural Jograis António Aleixo, a organização da Festa passou a estar a cargo desta associação. A partir do ano de 1977, num acordo entre esta e Junta de Freguesia, ficou nomeada uma comissão encarregada de levar a cabo a festa. Assim continuou a ser até aos anos 90, quando esta passou a ser da exclusiva responsabilidade da Junta de Freguesia de Estoi.

2.5.2 Datas de origem da Festa - resultados do inquérito vs factos históricos

No inquérito constavam três perguntas acerca das origens da Festa da Pinha, e, pela média destas respostas obtidas, podemos aferir que a maioria afirma conhecer as origens (67%). Mas, quando questionados quanto às datas, na pergunta seguinte, a maioria dos participantes inquiridos afirma desconhecer esta informação (71%).

Esta pergunta contemplava um espaço para a resposta indicar uma data ou um período de tempo (em décadas ou séculos por exemplo). Entre as poucas respostas afirmativas (29%), a maioria cita: ‘mais de 100 anos’, ‘mais de 200 anos’ e ‘centenária’.

Também são respostas recorrentes as seguintes expressões: ‘vem do antigamente’, ‘no tempo dos Romanos’ (período de ocupação romana no Algarve), e ainda ‘tempos medievais’ (Idade média). Outros inquiridos respondem com datas relativas entre o fim do séc. XIX, início do séc. XX. E outros ainda, indicam as datas de ‘1950’, ‘mais de 45 anos’.

Apesar de não se poder apontar uma data concreta de início da realização desta festa, sabemos que nos moldes em que ela acontece hoje, é uma representação da festa como esta acontecia no início do séc. XX, que por sua vez já seria uma representação da romaria que acontecia no séc. XIX.

As respostas a estas perguntas sobre as origens e os motivos são mais complexas do que parece à primeira vista, daí a razão de ser do presente estudo sobre esta manifestação cultural. Contudo, podemos concluir que as respostas afirmativas a esta pergunta são incorretas quando referem que a Festa terá tido início em meados do séc.

XX pois existem referências na imprensa escrita, datadas de 1928 e 1940. Estes jornais mencionam, nas respetivas notas, que se realizara «a tradicional Festa da Pinha, vinda de tempos imemoriais»:

«Realisou se no passado dia 2 a tradicional festa da pinha. Apesar do mau tempo não de xou de ser bastante concorrida, tendo havido fogos e musica até ás duas da madrugada. No dia 3 seguiram-se as festas da Igreja, havendo sermão pelo rev.º Pardal, que agradou bastante.»⁸³

«Por iniciativa de um grupo da vizinha aldeia de Estoi, realizou-se este ano, no passado dia 2 e 3 do corrente, a tradicional festa da Pinha que, vindo de tempos imemoriais, há 12 anos que não tinha lugar. Como é habito, numerosíssimas pessoas daquela aldeia deslocaram-se durante todo o dia 2 para o sítio do Ludo, onde permaneceram na mais franca alegria. Na noite desse mesmo dia, um luzido cortejo abrilhantado pela filarmónica da Casa do Povo de Moncarapacho, conduziu os festeiros desde o Coiro da Burra até à aldeia, onde foram recebidos com foguetes e foram depôr grandes quantidades de alecrim em frente da ermida da Senhora do Pé da Cruz, animando uma grande fogueira e um interessantíssimo arraial. No dia 3 teve lugar, a parte propriamente religiosa em homenagem à mesma Senhora, tendo-se inaugurado também o cruzeiro frente à igreja, que ha muito fora retirado do lugar onde estava há cerca de uma centena de anos. Foi a todos os títulos interessantíssima, onde até os apaixonados das “carretilhas”⁸⁴ inauguraram a época, fazendo queimar algumas duzias.»⁸⁵

Conclui-se que a maioria das pessoas desconhece a “data” de origem da Festa, mas da percentagem que respondeu afirmativamente, respondeu corretamente (considerando “corretas” a margem das respostas mais próximas da possível realidade – Festa de origens centenárias).

Ainda referente à data, nas Memórias Paroquiais de 1758⁸⁶, na questão 14. *Se acode a elas romagem, sempre, ou em alguns dias do ano, e quais são estes?*, o pároco diz que *Não tem o que responder*; não havia portanto nenhuma romaria neste ano, ou pelo menos religiosa, que fosse reconhecida pela Igreja. Porém, pensa-se que a origem da Festa pode ter tido ligações religiosas mais acentuadas e que porventura nessa época pode ter sido uma Festa realizada por uma confraria de almocreves, em honra da sua padroeira, a N^a S^a ao Pé da Cruz. Todavia, durante a realização deste estudo, não foi encontrado um documento que comprove a existência de uma confraria com essa denominação e que seja ligada a Estoi ou à ermida cujo seu orago é a dita padroeira.

⁸³ Jornal “O Algarve”, 27 de Maio de 1928. Arquivo da Biblioteca Municipal de Faro.

⁸⁴ Carretilha – foguete de cartucho; fogo-de-artifício.

⁸⁵ Jornal “O Algarve”, 5 de Maio de 1940. Arquivo da Biblioteca Municipal de Faro.

⁸⁶ BRITO, Salustiano Lopes de, *A tomada de Faro: a locução; As memórias paroquiais da cidade de Faro*, Separata de Anais do Município de Faro, ano XVII, 1987, pp. 43-56.

Contudo reconhece-se a existência da Confraria da N^a S^a ao Pé da Cruz dessa mesma ermida de Estoi. Durante a investigação que serve de base a esta dissertação, recorreu-se aos registos paroquiais e ao registo das Contas das Confrarias e Irmandades, onde consta o orçamento da *Confraria da Nossa Senhora ao Pé da Cruz da Freguesia d'Estoy do Concelho de Faro*⁸⁷, cujas datas compreendem os anos de 1875 a 1877.

Por estes manuscritos podemos verificar que existiam, durante as mesmas datas, outras duas confrarias religiosas na mesma freguesia, a *Confraria do Santíssimo Sacramento* e a *Confraria das Almas d'Estoy*, mas será lógico relacionar mais diretamente a *Confraria da N^a S^a ao Pé da Cruz* com a origem da Festa da Pinha pois foi sempre esta a sua padroeira. Nas contas desta confraria consta uma despesa fixa anual com a “Festa da N^a S^a ao Pé da Cruz”, encontrando-se informação detalhada num dos apêndices do mesmo documento. Estes documentos (livros de contas) contêm ofícios, “mapas de orçamento de receita e despesa”, “ordens de pagamento”, entre outros. Englobados nas “Receitas ordinárias” constam os “Foros” e “jazigos”, entre outros. Na “Receita extraordinária” constam itens como as “esmolas”. No “Quadro das despesas”, dentro das 'obrigatórias' estão contemplados os tipos de gastos com a conservação do edifício da igreja, com os artigos imprescindíveis à celebração das eucaristias e outras actividades burocráticas diárias, bem como os emolumentos dos orçamentos de contas. No verso da folha do “Mapa do orçamento” pode encontrar-se informação mais detalhada com o título de “Desenvolvimento”. Encontrámos estes registos nas *Contas Paroquiais Contas de Receita e Despesa da Confraria da Nossa Senhora ao Pé da Cruz, da Freguesia d'Estoy, Concelho de Faro, relativas ao ano económico de 1876 a 1877*, documento no qual podemos ler uma descrição de maior ênfase, relativa à Festa religiosa a esta padroeira:

D.^a da Missa de pensão Capt.^o. 7.^o. § 1. Todos os annos no dia 3 de Maio que é o da Invenção da Santa Cruz se fará a Nossa Senhora ao Pé da Cruz na sua Ermida uma missa cantada por cantochão. Cujá Missa poderá ser a da pensão, precedendo a Novena de Nossa Senhora a qual começará sempre no dia 24 de Abril.

D.^a da festa. Capt.^o. 7.^o. § 3. A festa solenne da Senhora ao Pé da Cruz se fará na Igreja Matriz com missa cantada e Sermão, e em fim com toda a pompa que for possível, e a confraria possa fazer, e finda a festa regressará a Senhora em processão solenne para a sua Ermida acompanhando toda a irmandade.

⁸⁷ *Contas das Confrarias e Irmandades*, 1851/1911, manuscrito, ADF, Maço 35. (Imagem do documento em anexo.)

Pela descrição neste documento constata-se que no ano de 1877 foi realizada esta Festa religiosa no dia 3 de Maio, com missa cantada e procissão solene, tendo sido esta celebração antecedida por uma novena⁸⁸ de preparação (conforme preceito religioso) como anualmente se procedia. Entende-se que a imagem/andor da N^a S^a do Pé da Cruz seria trazia para a Igreja Matriz onde era celebrada a missa solene seguida da procissão de regresso à ermida (realizada pela confraria).

Tal como se conhece a romaria da Festa da Pinha acontece sempre no dia 2 de Maio à qual se segue uma missa solene no dia seguinte, dia 3, para encerramento das festividades em honra à padroeira dos almocreves. Observando as duas datas, a da Festa religiosa solene (“Dia da Invenção da Santa Cruz” ou “Dia de Vera Cruz”), acima descrita, e a componente religiosa da Festa da Pinha, verifica-se que estas coincidem no dia 3 de Maio. Relacionando isto, com o facto da Festa da Pinha ter as duas componentes, uma pagã e outra religiosa, será legítimo equiparar esta celebração da antiga Confraria da N^a S^a do Pé da Cruz, à parte religiosa da manifestação, a qual foi perdendo expressão ao longo do tempo. Pensa-se que, com a extinção das ordens religiosas durante o período do Liberalismo, a Festa que poderia ter o nome da confraria passaria então a designar-se apenas por Festa da Pinha, diluindo-se assim a ligação direta que eventualmente existia com a instituição religiosa permitindo assim que esta continuasse a ser realizada.

Em nosso entender, o motivo pela qual a Festa da Pinha se realiza no dia 2 de maio prende-se com o facto de este dia ser a véspera do dia santo⁸⁹, uma data que é tradicionalmente festejada, tal como acontece com os festejos dos “Santos Populares”.

Numa visão pessoal, a devoção dos almocreves à sua padroeira, N^a S^a do Pé da Cruz, poderá ser, por esta ser celebrada no mês de Maio e coincidir com as festividades da primavera. Outra analogia, poderá estar relacionada com celebração ser no dia 3 de Maio, dia da Invenção da Santa Cruz, e, identificarem as dificuldades do seu trabalho com a cruz que Jesus carrega no caminho do calvário. É ditado popular a expressão, *cada um com a sua cruz*.

Acrescenta-se o facto do relevo que a almocrevaria alcançou na Idade Média ter coincido com generalização da devoção à N^a S^a do Pé da Cruz. Por esta altura, séculos

⁸⁸ Segundo religião católica: devoção que dura nove dias.

⁸⁹ Segundo ditado popular: “Antes das Festas, as Vésperas”.

XVII e XVIII, foram construídas muitas ermidas em sua honra, e o Algarve é exemplo disso, existindo várias igrejas com este orago.

2.5.3 Notas em periódicos: Festa da Pinha e outras Festividades

Tal como já foi referido, para analisar verificar/conferir a importância da festa, as alterações ao longo do tempo, foi feita uma pesquisa pela imprensa escrita, periódicos de vários âmbitos, quer regionais, quer locais, da cidade; documentos (arquivo), através de fundos documentais como Direção Geral de Arquivos, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Distrital de Faro, bibliotecas universitárias e municipais.

Como acima referido, até à data, no que se refere à Festa da Pinha e dentro dos registos de imprensa escritas, a notícia mais antiga de que se tem conhecimento, é de 1928, no jornal 'O Algarve'.

No entanto, em 1874 já eram noticiadas as “celebrações em honra da N^a S^a do Pé da Cruz” da igreja da cidade de Faro, realizadas no dia 2 de maio. Esta festa também era precedida por uma novena e era composta por “arraial” e “fogo-de-artifício”⁹⁰. Contudo, na pesquisa aos periódicos destes anos, não se encontraram notícias relacionadas com as festividades na freguesia de Estoi. Também foi notícia a reabertura do Palácio de Estoi, inaugurado após recuperação, a 2 de maio 1909, com festejos durante os dias 1, 2 e 3; coincidindo com a data da celebração da Festa da Pinha, 2 de maio.

Encontraram-se também registos sobre outras festividades da cidade de Faro, e de todo o concelho, de carácter variado que ocorriam nos meses de abril, maio, junho e julho de acordo com o calendário católico: “Festa da Páscoa”, celebrações do “mês de Maria” e as “Festas dos Santos Populares”.

Fora das festividades do catolicismo, enquadradas no ano civil, existiam ainda as “Festas da Cidade de Faro” que aconteciam no mês de julho. Relativamente a estas últimas, para além da notícia era apresentado o programa detalhado destas festividades⁹¹.

Também são comuns as notas sobre as “Festas do Dia de Maio”. Num periódico de 1917 encontramos um extenso artigo com frases poéticas de exaltação da natureza e a descrição das actividades lúdicas ao ar livre, às quais toda a população adere, onde se

⁹⁰ Jornal *A Gazeta do Algarve*, 29 de Abril de 1874.

⁹¹ Jornal *O Povo Algarvio*, Ano II, N^o 39, 4 de Junho de 1910; e Jornal *Província do Algarve*, 11 de Junho 1911.

pode ler: «Um dos dias em que o nosso coração revela mais afeição em contemplar os inefáveis encantos da natureza é o de Maio»⁹².

Anos mais tarde, em 1955-56, encontram-se extensos artigos dedicados ao início do mês de maio, intitulados “Ecos do Passado – As Maias” e “Estampas de um Velho álbum – Maio, Maias e Flores”. Ambos descrevem como este era vivido ‘antes’ e ‘agora’ (na data da publicação); invocam a celebração da natureza, as Maias e os Maiois⁹³.

2.6 O Almocreve – o sujeito central da manifestação

Ao falar de almocreves aborda-se conseqüentemente a circulação de produtos, pois estes eram os responsáveis pelo transporte e comércio dos mesmos. Veja-se a sua importância pela seguinte descrição de Jorge Borges Macedo: «a coluna vertebral das comunicações interiores por terra», a frase com que justamente Humberto Baquero Moreno inicia a obra «A Acção dos Almocreves»⁹⁴. O desempenho da sua actividade era basilar na economia e conseqüentemente essencial à sobrevivência das povoações. Recorde-se que nessas épocas os mercados e as feiras eram fundamentais pontos de abastecimento da população; era função dos almocreves, transportar os produtos para esses lugares. Lisboa, no século XVI, dispunha de um serviço interno de almocrevaria, composto por cento e cinquenta indivíduos⁹⁵. Depreende-se daqui, que para além destes, haveriam aqueles que faziam o transporte das províncias para o interior da cidade, e que por sua vez levariam desta para o exterior, o que fosse possível a cidade vender ou o seu excedente. Uma vez que a transacção era feita com base em troca de produtos, vendiam o que produziam e compravam o que não tinham.

Qualquer terra com alguma importância tinha um grupo organizado de almocreves. Consoante o número de habitantes, assim era atribuído por lei, a quantidade destes trabalhadores, para garantir o abastecimento necessário a essa população⁹⁶.

O almocreve era uma pessoa, que acompanhado de um animal, carregava nele as mercadorias que transportava de um sítio para o outro. A profissão de almocreve era dividida por categorias, e poderia ter a apenas a função primordial, de transportador, ou

⁹² Jornal *O Povo do Algarve*, 11 de Maio de 1917, Biblioteca Nacional.

⁹³ Jornal *Povo Algarvio*, 1 de Maio de 1955; e 29 de Abril de 1956.

⁹⁴ MACEDO, Jorge Borges “Problemas de História da Indústria Portuguesa do Século XVIII”, Lisboa, 1963, p.132, in MORENO, Humberto Baquero – *A acção dos almocreves no desenvolvimento das comunicações inter-regionais portuguesas nos fins da Idade Média*, 1979, p. 7.

⁹⁵ Idem, *Ibidem*. p. 14.

⁹⁶ Idem, *Ibidem*.

englobar outras. Isto, devido ao facto de prosperarem ao ponto de terem assalariados, ou serem eles próprios mercadores. Havia almocreves que tinham o seu próprio animal muar, mas que trabalhavam para um proprietário, que pagava a jorna de ambos, para os seus produtos fossem transportados. Existiam ainda aqueles que eram pagos só pelo seu serviço, usando o animal do proprietário/patrão para trabalhar. Existiam também aqueles que tendo vários, contratavam assalariados, para que durante as deslocações, estes cuidassem, do animal e respetiva carga.



Fig. 44 – Ilustração “Almocreves em viagem” (17--?)



Fig. 45 – “Almocreve” (JP, 1850)

Os almocreves nunca andavam com os animais descarregados, pois à medida que prosseguiam caminho, vendiam e/ou trocavam o que levavam, de modo a poderem adquirir novas mercadorias. Procediam desta forma, não só para rentabilizar a viagem, mas porque também fazia parte da sua obrigação o reparto de géneros. Esta era uma maneira de manter uma relação equilibrada entre procura e oferta, e garantir a distribuição. Tinha a responsabilidade, manter as provisões desses lugares, quer fossem pequenos povoados, ou grandes aglomerados, principalmente durante períodos de guerra ou de escassez. Podemos dizer que as trocas comerciais diretas eram mais importantes que somente a “compra” ou a “venda” pois a vantagem não está apenas na escoação de produtos mas sim na troca para colmatar necessidades.

Adicionando a estas responsabilidades, uma rede viária quase inexistente, os caminhos que o almocreve tinha que percorrer eram na maior parte das vezes muito difíceis e até perigosos, por vários motivos.

Atravessando matas, encostas das serras, por veredas estreitas, onde o perigo do animal escorregar e cair estava sempre presente, o almocreve arriscava-se a perder tudo

no percurso. É de salientar que principalmente, os almocreves algarvios, que tinham que passar a cordilheira, estavam duplamente ameaçados. Pois, havia o perigo do ataque de animais selvagens como os logos e outros. Assim como os salteadores ou ladrões, que ao conhecerem as rotas, preparavam emboscadas para atacarem de surpresa. Também existiam os condicionantes climatéricos, as intempéries, os períodos de muita chuva ou muito sol, que podiam danificar as mercadorias.

Para se protegerem, tanto quanto possível, destas situações, os almocreves deslocavam-se sempre em grupos, formando caravanas. Juntavam-se para fazer as travessias mais difíceis e só se separavam perto das povoações, reuniam-se novamente para seguir viagem.

Salientar que estes homens transportavam de tudo um pouco, as cargas variavam dependendo da época do ano e das necessidades ou encomendas que tinham os lugares para onde eles se dirigiam. Era comum os almocreves do litoral levarem peixe, sal, e tecidos, e trocarem essas matérias, por outras abundantes no interior como, mel, cortiça, cereais, entre outros.

Para além destas mercadorias mais comuns, próprias de cada região, transportavam coisas importadas, que chegavam por via marítima. Estes podiam ser especiarias, loiças, roupas, sapatos, entre outros⁹⁷. Uma vez as cargas eram vendidas a retalho a pessoas particulares, outras, nos armazéns de comércio, onde a população comprava os produtos ao balcão.

A ausência da passagem de almocreves por certos lugares, e conseqüentemente o não abastecimento dos mesmos, causava um forte impacto na vida das povoações. Referindo a carta de D. Pedro I, de 1365, é dada a conhecer a situação de *despovoamento progressivo* de uma vila, resultante do facto dos almocreves terem deixado de por ela passar. Para combater esta situação, o reino ordenava que os almocreves fossem obrigados a passar por todos os povoados. Se assim não o fizessem, ficariam sujeitos ao pagamento de multas. Mandava ainda, que todos os concelhos, tivessem lugares adequados à hospedagem e tratamento dos almocreves, dos seus animais e cargas⁹⁸. Sabe-se ainda que, no princípio do século XV, a Câmara de Loulé, arrendou uma estalagem a um particular, para este efeito⁹⁹.

⁹⁷ Isto é testemunhado numa descrição feita pelo Dr. António Brito, presidente da Junta de Freguesia, durante a entrevista. A sua família, que era de almocreves, já comprava artigos importados como estes, que vinham por barco, do Norte de África, nos finais do séc. XIX. Entrevista em anexo.

⁹⁸ MACEDO, Jorge Borges, *op. cit.*, 1963, p. 17.

⁹⁹ IRIA, Alberto, *Descobrimientos Portugueses: O Algarve e os Descobrimientos*, 1956, p. 18.

Os almocreves eram uma classe trabalhadora organizada e muito vigiada pelo poder do governo; tinham que pagar os seus impostos de montante correspondente aos serviços que prestavam, ao tamanho do animal e sua capacidade de carga¹⁰⁰. À parte disso, ainda pagavam impostos para atravessar uma ponte, um ribeiro, ou na entrada das povoações para onde se dirigiam.

A sua actividade era de grande importância. Como se verifica, as aldeias e vilas mais distantes dos maiores centros populacionais, dependiam assim dos seus serviços para a sua subsistência.

Esta classe era por vezes considerada menor, mas atestando a sua importância, vemos mencionado na obra «A Sociedade Medieval Portuguesa» um almocreve que era vereador na Câmara de Loulé em 1403. Não esquecendo também que a sua profissão lhes permitia serem dispensados de fazer o serviço militar, para não interromperem a sua actividade de almocreve. Isto contradiz o que é descrito no «Regimento de Profissões de Évora» onde esta profissão constava em décimo terceiro lugar¹⁰¹.

Além disto, os almocreves também eram apelidados de ‘contrabandistas’. As autoridades designavam contrabando ao que não era declarado e assim fugia aos impostos. A aplicação destes encarecia os produtos e dificultavam a vida de quem mais precisava. O que era visto como contrabando por uns, era luta pela subsistência de outros.

Nem sempre a actividade consistia apenas do transporte das mercadorias. Tudo servia como ‘moeda’ de troca. Muitas vezes em troca de alimentos, eram aceites panos de linho e mantas de lã, muito úteis em épocas de frio. O sal era precioso e muitas vezes tinha que ir escondido. Às vezes também derivava daqui algum lucro dos almocreves, do pouco de escapava da corrupção, pois alguns guardas ou vigias dos caminho (cuja função era de garantir a segurança) cobravam ‘extras’ para deixarem seguir viagem.

Quem desconhecia a utilidade do seu trabalho, e os perigos que corriam, ligava os almocreves à vida fácil, á descontração e à ‘bebedeira’, quando nada disso coincidia com a dura realidade. Será certo que nem todos os almocreves seriam de boa índole e as agruras do caminho faziam deles pessoas mais rudes e menos pacientes, daí a má fama.

¹⁰⁰ Livro 1º de Cortes, doc. 29, fol. 118, Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Lisboa, in MORENO, Humberto Baquero, *op. cit.*, 1979, p. 23.

¹⁰¹ MARQUES, A. H. de Oliveira, “A Sociedade Medieval Portuguesa”, 1ª ed., Lisboa, 1964, pp.147-148, in MORENO, Humberto Baquero, *op. cit.* 1979, p. 14.

A actividade de almocreve era também considerada como um ato de bravura pois enfrentava uma dura travessia, e de fraternidade porque levava consigo as curas para enfermidades (‘mezinhas’) e as notícias.

Para as pessoas que viviam em sítios isolados e inóspitos, os almocreves eram o único contacto com o resto do mundo, ansiando pela sua chegada, pelos bens, notícias, comunicação e companhia; eram para estes um auxílio valioso.

Os almocreves de Estoi eram devotos de N^a S^a do Pé da Cruz, considerada padroeira e protetora. A ela pediam não só por eles e pelas suas jornadas, como também protecção para as suas famílias que deixavam sozinhas, muitas vezes no meio do campo, ou numa pequena povoação. As viagens eram tão longas e perigosas que o bom êxito destas merecia uma comemoração e um agradecimento à padroeira, pela protecção que dela tinham tido. No documento do *Processo de Eleição da Freguesia de Estoi*, no ano de 1878, de entre os 518 eleitores estão registados três com a profissão de Almocreve, estando estes aptos a votar¹⁰².

Mencionamos a título de curiosidade, uma informação que foi encontrada durante as pesquisas deste estudo. Trata-se de Brites de Almeida¹⁰³, ou padeira de Aljubarrota, mulher nascida no Algarve que a dada altura da sua vida, se vestiu de homem e exerceu a profissão de almocreve. Esta será, provavelmente, a primeira mulher que se conhece em Portugal com essa profissão.

2.7 O ‘Ludo’

Conforme se pode ler na descrição da Festa um dos seus pontos altos é o almoço convívio no pinhal do Ludo. A saída de Estoi em direção ao Ludo e o inverso ao fim do dia é a recriação do trajeto que os estoienses acreditam ser o que era realizado antigamente pelos almocreves desta aldeia. Os participantes afirmam, que a razão pela qual aqui vêm, é o facto dos seus antepassados almocreves assim o fazerem. Tanto nas suas jornadas de trabalho, por este ser ponto crucial nas viagens, como no dia 2 de Maio, em que uns vinham pagar os empréstimos, ao ‘Morgado’ dono do local, e outros o vinham saudar, aí reuniam-se todos a almoçar. Como em qualquer tradição, os

¹⁰² *Processos de eleição das freguesias de São Brás de Alportel, São Pedro e Estoi do Concelho de Faro*, Governo Civil do Distrito de Faro, Eleições Paroquiais, ADF, Maço 24. 1878

¹⁰³ “Auto da Padeira de Aljubarrota per Diogo da Costa”, Lisboa 1749, Officina dos herdeiros de Galrão, in LOPES, João Baptista da Silva, *op. cit.*, 1988, p. 415.

elementos alteram-se ao longo dos anos e ninguém tem a certeza que estes sejam os motivos que estiveram na origem do encontro dos almocreves neste sítio.

O ‘Morgado do Ludo’ é uma expressão que tem, por si só, dado origem a confusão devido às diferentes interpretações, pois o termo ‘morgado’ tem duplo significado; o primeiro enquanto definição de ‘extensa propriedade rural’, e a segunda como título atribuído ao proprietário dessa mesma propriedade.

À própria figura do proprietário Morgado do Ludo, têm sido conferidos vários papéis dentro da história da Festa da Pinha. Nas hipóteses indicadas nos relatos dos participantes, o morgado surge por vezes como produtor, onde os almocreves seriam meros transportadores dos artigos a transacionar, sendo assim assalariados deste. Outras vezes, o morgado aparece como uma espécie de banqueiro que financiava a actividade dos almocreves enquanto comerciantes.

Mesmo não havendo certezas no que respeita à relação entre os almocreves e o Morgado do Ludo, verifica-se que existia um proprietário com essa denominação. Podendo ler-se, numa descrição das divisões da «grande propriedade do Ludo, que uma das partes correspondia a uma propriedade importante, que fôra possuída pelo Morgado Joaquim Filippe de Lemos Lobo Freire Pantoja – denominada o Pontal, é hoje possuída pelo filho, do mesmo nome, residente em Faro.»¹⁰⁴

Atualmente o Ludo é uma zona da Reserva Natural da Ria Formosa, pertencente a dois Concelhos, ao de Faro e ao de Loulé (Freguesia de Almancil) sendo atravessado pela linha limítrofe destes. Atualmente, uma parte da Quinta do Lago ocupa uma fração do Ludo e do que já foi a extensa propriedade do ‘Morgado do Ludo’.

Geograficamente, a parte sob domínio de Faro está relacionada diretamente com as actividades da Ria Formosa, principalmente no que se refere à produção de sal. Enquanto a parte pertencente a Loulé é mais direcionada para as actividades de produção agrícola. Por toda a zona do Ludo existem extensões de pinhal, sobreiros, oliveiras, alfarrobeiras, figueiras, entre outros.

Esta área denominada Ludo, ainda durante Época Romana, estendia-se desde Ossónoba a Farroilhas, ou seja, desde a zona da atual cidade Faro até S. Lourenço (Almancil); tal como indica a origem do nome, do latim ‘Lutum’ (lama, lodo), esta era pantanosa na parte mais ao litoral.

¹⁰⁴ “Mappa geral Estatístico de 1864-1865”, in OLIVEIRA, Ataíde, *op. cit.*, 1989.

Mesmo sem se saber ao certo o porquê da passagem dos almocreves pela zona do Ludo, e este se ter tornado o ponto de encontro, muitas são as hipóteses, para além do ‘Morgado’ que se podem enumerar baseadas em alguns factos.

Um deles advém do próprio nome da freguesia à qual pertence o sítio do Ludo, Almancil (ou Almasil), que tem duas derivações. O nome atual deriva diretamente do topónimo árabe, pois começa pelo prefixo *al-* (correspondentes ao artigo definido árabe *o*). «De origem latina, mas frequentemente associado à terminologia islâmica, destaca-se *mazil*, do latim *mansio*, que significa local de paragem ou estalagem»¹⁰⁵. Posto isto, tudo indica, que a atual vila de Almancil terá tido a sua origem num primitivo pousio da rota dos almocreves. Provavelmente terá sido neste lugar, que a Câmara de Loulé arrendou a referida estalagem, (que já se mencionou anteriormente) para a hospedagem de Almocreves.

Outro dos factos era, a obrigatoriedade de pagamento de impostos em locais específicos¹⁰⁶. Estes pontos de pagamento situavam-se, normalmente, à entrada das povoações, mas também os havia nas pontes, na passagem das ribeiras, e nos pontos onde se cruzavam as principais vias. Quanto mais se avança no estudo, mais se confirma a ideia de que Ludo era um sítio crucial de encontro e passagem para os almocreves.

Os pontos de comércio mais importantes situavam-se maioritariamente perto de cursos de água que facilitavam o escoamento dos produtos de maneira mais económica. A uma distância de 15 km de Faro, encontram-se alguns desses pontos importantes, são eles as *villae*¹⁰⁷ de S. João da Venda, de Loulé Velho, do Cerro da Vila e do Ludo¹⁰⁸.

Ao estudarmos os almocreves de Estoi percebemos que estes seguiam as antigas vias romanas nas suas deslocações. Tomando em consideração que o Ludo se encontra localizado no Algarve central, o local funcionava como ponto de convergência e de partida para qualquer sítio. Tal como todos os caminhos iam dar a Roma assim todas as vias convergiam para aqui.

¹⁰⁵ FRANCO SÁNCHEZ, Francisco, “Vias Y Defensas Andalusias En La Mancha Oriental”, 1995. pp. 57-58, in RODRIGUES, Sandra, *As vias romanas do Algarve*, 2004, p. 28.

¹⁰⁶ GUEDES, Lívio da Costa, *Aspectos do Reino do Algarve nos séculos XVI e XVII : a descrição de Alexandre Massaii (1621)*, 1988, p. 181.

¹⁰⁷ *Villae* - aglomerados habitacionais relevantes

¹⁰⁸ MANTAS, Vasco Gil, “As cidades marítimas da Lusitânia” 1990, p. 189. in VIEGAS, Catarina, *A ocupação romana do Algarve: estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. 2011. p. 63.

Dentro do sistema viário romano existia o Itinerário Antonino, um registo das estações e distâncias ao longo de várias das vias do Império Romano, contendo direções entre, e para as várias povoações.

Constata-se através dos mapas das vias romanas que existia uma via desde o Guadiana até ao cabo de S. Vicente, seguindo perto da costa. Esta que é considerada a principal via romana do Algarve (parte do Itinerário Antonino), passava próximo dos principais pontos, locais importantes de produção agrícola ou actividade marítima.

Para além das vias principais mencionadas no Itinerário de Antonino, existiam uma grande quantidade de outras vias. Uma rede de comunicações que permitiu o grande desenvolvimento económico durante a época de domínio romano, e que parte delas ainda persiste e integra a rede de viação utilizada neste distrito.

A rede de vias romanas continuou a ser utilizada durante a Idade Média e nos séculos seguintes poucas alterações sofreram para além da sua conservação. Só no século XIX com a construção das Estradas Reais se requalificaram e atualizaram as vias de comunicação terrestre. Contudo estas estradas foram construídas com base nos princípios das antigas vias romanas, com a implementação da “mala posta” reabilitou-se o uso das *mansiones* romanas¹⁰⁹. Nos grandes trajetos, continuava a ser importante a passagem por pontos estratégicos para o comércio e conseqüentemente para o desenvolvimento do reino. A partir de 1910, com a implantação da república essas estradas passaram à designação de ‘Estradas Nacionais’, e a partir daí não pararam de evoluir até à atualidade. Sendo que alguns dos troços da atual Estrada Nacional 125, parecem coincidir com a antiga via romana que ligava longitudinalmente os dois extremos do Algarve¹¹⁰.

Nas cartas topográficas das vias romanas algarvias podemos verificar que estas se cruzavam de facto no Ludo (Almancil). Efetivamente essas cartas identificam duas vias desde Faro, então Ossónoba, rumando a Norte. Uma das quais era uma via secundária que seguia para São Brás de Alportel (outra terra de muitos almocreves). Existia outra via que por sua vez fazia entroncamento em Ludo com a via longitudinal, e daqui partia em direção Loulé, Salir, Alentejo. Esta última, cujo troço surge como confirmado nos mapas, seria a mais importante via do algarve central.¹¹¹

¹⁰⁹ As *mansiones* romanas eram locais de descanso.

¹¹⁰ RODRIGUES, Sandra, *op. cit.*, 2004, p. 38.

¹¹¹ Idem. *Ibidem*.

Destro destas linhas de raciocínio e associação de factos, existe ainda outro que cabe aqui mencionar, a existência de um porto de nome ‘Farrovilhas’, situado na Quinta do Ludo. Ainda na Época romana, a zona portuária situava-se então na área da quinta do Ludo, ao longo da linha onde a encosta primitiva se ligava ao estuário, havendo aqui vestígios romanos, dos quais o de um cais¹¹².

O conjunto destes fatores, acima descritos, Ludo enquanto o local de pousio e, simultaneamente pagamento de impostos, e, cruzamento de vias, e porto de marítimo associado ao estuário, são ilustrativos da importância do lugar. As transações comerciais, assumiriam aqui uma grande relevância, o que faria com que este sítio e arredores, fossem muito atrativos para todos aqueles que, exerciam, ou dependiam da almocrevaria. Pelo exposto, por um motivo, ou pelo conjunto, os almocreves reconheciam este sítio como ponto incontornável, de referência ao longo dos tempos. Resultando daqui uma tradição, de um percurso que ainda hoje se mantêm. Talvez por isso, mesmo sem saberem explicar o porquê da antiga romaria, os atuais participantes da Festa da Pinha, continuam a imitar os seus antepassados, fazendo o mesmo percurso.

Advém de tudo isto, a quase certeza, que a origem da confraternização no Ludo, não está apenas relacionada com o acaso, um simples piquenique ou um ajuntamento de almocreves para conviverem. Tem sim toda uma história mais antiga e intrincada, que fundamenta e contextualiza, estes factos, e a celebração deste dia.

O sentido de ‘festa’ seja esta de teor religioso ou pagão, mesmo sofrendo alteração ao longo dos tempos, mantem sempre elementos comuns e constantes, conforme Guinote e Lopes:

«A festa mobiliza todas as classes sociais, como participantes mais ou menos activos em todo o processo, e transborda das horas do dia para a noite, comportando no seu seio, tanto elementos sagrados, como atributos de carácter mais profano, que oscilam entre os requinte artísticos das serenatas e os delírios mais populares das touradas, satisfazendo a vista de todos, embora só o estômago de alguns. (...) O tempo da festa é sempre um tempo forte, estando a encenação sempre presente e reservados os lugares, quer dos actores, principais e secundários, como da audiência, convenientemente numerosa, alegre e ruidosa.»¹¹³

Numa reflexão conclusiva estes autores rematam o significado de ‘festa’ com os seus componentes, o qual se considera coerente com o cenário atual: aos olhares mais

¹¹² LOPES, João Baptista da Silva da, *Corografia ou Memória Económica, Estadística e Topográfica do Reino do Algarve*, 1º vol (1988), 1841, p. 117.

¹¹³ GUINOTE, Paulo Jorge e LOPES, António, “Os tempos da festa: elementos para a definição, caracterização e calendário da festa na 1ª metade do século XVIII”, in *A Festa*, Vol.1, Comunicações apresentadas no VIII Congresso Internacional, A Festa. 1992. p. 384.

desatentos a Festa da Pinha resume-se a um grande almoço campestre mas na verdade, como se pode verificar na descrição da Festa¹¹⁴, esta engloba todas nuances acima descritas.

Tanto quanto os estudos revelam, esta manifestação cultural, sempre foi composta pela parte popular, referida como pagã, e a parte religiosa, muito bem marcada com a realização da missa de agradecimento à padroeira.

Com a extinção das Ordens Religiosas, no séc. XIX em Portugal, esta manifestação tomou contornos religiosos menos evidentes para poder continuar a ser realizada. A Festa da Pinha, no seu conjunto, tem origem em tradições ligadas às épocas históricas bem definidas pelo politeísmo. Daí que podemos enquadrar este tipo de festejos, de celebrações à vida e natureza, nos rituais de preparação da Primavera, que chegaram até à Era cristã e por esta foram sacralizados. Nos dias de hoje não estão apartados das festividades da igreja mas são complementares a estas.

¹¹⁴ Cf. 2.3 Festa da Pinha - descrição pormenorizada .

III Trabalho de campo e Análise de Resultados

Neste capítulo vamos descrever e refletir sobre todo o estudo de campo realizado. Passamos a explicar as características dos métodos de investigação utilizados, os motivos destas opções, e os respetivos instrumentos de recolha de dados. Depois descrevemos os inquéritos e entrevistas aplicados, nomeadamente explicitando como foram realizados. Por último, faremos uma análise detalhada de todos os dados recolhidos através dos inquéritos.

3.1 Metodologia e Instrumentos de Investigação

Para realizarmos o nosso trabalho optámos pela abordagem do Estudo de Caso por este se adequar ao nosso objeto de estudo, e porque o interesse é justamente a relação entre o fenómeno e seu contexto, como passaremos a explicar.

Este método caracteriza-se como um tipo de pesquisa cujo objeto é analisado profundamente, conforme Yin¹¹⁵:

«(...) esta é uma forma de se fazer pesquisa empírica que investiga fenómenos contemporâneos dentro do seu contexto de vida real, em situações em que as fronteiras entre o fenómeno e o contexto não estão claramente estabelecidas, onde se aplica múltiplas fontes de evidencia.»

É comum recorrer ao estudo de caso quando se procura saber o “como” e o “porquê” da ocorrência de certos fenómenos. Para este fim, geralmente, o investigador utiliza uma multiplicidade de fontes de informação e a recolha dos dados pode ocorrer em vários momentos ao longo do trabalho. O tratamento destes dados resulta em análises de carácter narrativo, fazendo uso de citações e incorporando descrições fornecidas pelos sujeitos. O estudo de caso, mesmo que a sua génese seja qualitativa, pode abarcar e beneficiar de uma pesquisa quantitativa complementar. Posto isto, o modelo de investigação conduzido foi misto, isto é, quanti-qualitativo. Como métodos de recolha de dados foram utilizados o inquérito por questionário, a análise documental, e entrevistas semiestruturadas, além da observação participante e conversas informais. No seu tratamento de dados foram utilizadas a análise estatística (inquéritos) e a análise de tipo interpretativo (entrevistas).

A opção da aplicação de entrevistas semiestruturadas incidiu no facto deste permitir a interação direta, selecionar temáticas para aprofundamento e introduzir novas

¹¹⁵ YIN, K. Robert, *Case study research : design and methods*, 1993, p.23.

questões. Optámos pelo método de análise do tipo interpretativo relativamente aos dados extraídos através das entrevistas, sendo utilizadas citações conforme se tratam as questões ao longo do corpo de tese. Consideramos esta via mais interessante pois pretende-se que as entrevistas funcionem como informação complementar face aos restantes dados, nomeadamente os obtidos através do inquérito, e não apenas uma variável na soma de todos os dados recolhidos.

Ao nível da pesquisa documental, o método interpretativo também foi utilizado para analisar o conteúdo dos mesmos. Recolhemos informação em materiais escritos datados dos séculos XIX e XX em fundos arquivísticos - registos paroquiais e jornais; e, em elementos iconográficos – ilustrações dos séculos XVIII e XIX, e fotografias.

Procedeu-se ainda ao registo audiovisual informal (vídeo e fotografia), realizado pela autora, e uma recolha musical¹¹⁶, considerados materiais relevantes para o estudo em questão.

À excepção dos documentos escritos e ilustrações mencionados, todos os dados foram coletados nos locais onde o fenómeno, a manifestação de PCI, acontece. Os inquéritos, como já descrito, foram aplicados durante a Festa, ou seja, os sujeitos (os participantes) foram inquiridos no ambiente natural desta.

Para a realização do estudo também se tornou essencial a observação. Numa primeira fase adotámos numa abordagem intermédia, entre a participante e a não-participante, como passamos a explicar. Ao fazermos a recolha dos dados estatísticos¹¹⁷, tivemos contacto direto com os participantes e tentámos apreender o máximo possível acerca do evento e dos comportamentos dos sujeitos observados. Porém, este posicionamento não chegou a ser uma observação participante pois não fizemos parte ativa da Festa. Numa segunda fase, durante a manifestação no ano seguinte, adotou-se uma atitude de observação não-participante: sem interferência no objeto de investigação nem interação entre pesquisador e sujeitos observados.

Desde o início da pesquisa foi sendo estabelecida gradualmente uma relação cordial entre observador e observado. Uma observação interessante foi a construção da ‘ponte’ entre pesquisador e sujeito através da troca de conhecimentos acerca da manifestação.

Para além do trabalho de campo realizado no próprio dia da Festa, posteriormente, efetuaram-se duas entrevistas formais, respetivamente ao representante

¹¹⁶ Cf. Capítulo II Festa da Pinha, Hino da Festa da Pinha.

¹¹⁷ Inquéritos aplicados na Festa da Pinha em 2011.

da organização desta (o Presidente da Junta de Freguesia), e a um membro ativo da manifestação cultural e da vida associativa da aldeia; sendo que destas resultaram mais perspetivas sobre o mesmo assunto que vieram complementar a informação previamente recolhida.

3.1.2 Entrevistas

Pretendeu-se através das entrevistas clarificar algumas questões relativas à realidade atual de Estoi, à Festa e também testar a receptividade perante algumas ideias e sugestões lançadas que acompanham o presente estudo.

As questões referem-se a vários aspetos sobre a aldeia, a Festa, e a ermida. Acerca da freguesia são abordados temas como, a sua vida associativa e sociocultural, os espaços e equipamentos culturais, o calendário festivo e o turismo. Sobre a Festa, para além das questões que se prendem com a sua organização procurou-se obter informação sobre os seus custos efetivos e, a opinião sobre alguns aspetos do evento.

Ambas entrevistas foram transcritas e constam nos anexos.

A entrevista 1 foi efetuada ao Presidente da Junta de Freguesia de Estoi pelo seu papel relevante na freguesia como elemento ativo na vida desta aldeia e na organização da manifestação cultural estudada - Festa da Pinha.

Dr. José António Paula Brito é presidente da Junta de Freguesia de Estoi desde 2001. Natural da própria aldeia é reconhecido por ser uma pessoa empenhada do seu papel como presidente, e genuinamente interessado em tudo que se refere a Estoi. É um reconhecido dinamizador e conhecedor desta aldeia, veículo motor de muitas iniciativas dentro da freguesia e tudo o que a ligue ao exterior.

A Entrevista 2 foi efetuada à D. Conceição Morais, natural e residente em Estoi. A escolha prendeu-se com o facto de esta senhora ser uma pessoa empenhada na vida sociocultural da freguesia. Como membro fundador da Associação Cultural e Recreativa Jograis António Aleixo, já participou na organização da manifestação cultural estudada, a Festa da Pinha.

A entrevistada é reconhecida pelos habitantes da freguesia, como uma pessoa ativa na vida associativa de Estoi. Como já referido, foi membro fundador da Associação Jograis António Aleixo e do grupo “Charola Ossónoba”, e atualmente é

Presidente da Associação ACESTOI. Ao longo dos últimos trinta anos tem organizado, tanto individualmente como em colaboração com associações, eventos para fins caritativos, e eventos culturais como encontro de Charolas, grupos e peças de teatro, Jornal da associação, entre outros.

Esta entrevista serviu para clarificar algumas questões relativas à Festa, para perceber melhor e em mais detalhe, as alterações que ocorreram na manifestação, ao longo das últimas décadas da Festa. Esta visão em particular, veio acrescentar maior conhecimento sobre a relação entre Festa, a sua organização, e população de Estoi.

3.2 O Inquérito por questionário

Com o questionário, pretendeu-se recolher informações acerca dos conceitos e práticas dos participantes na Festa da Pinha em 2011.

As questões foram construídas de forma a respeitar os três princípios básicos: o princípio da clareza (devem ser claras, concisas e inequívocas), princípio da coerência (devem corresponder à intenção da própria pergunta) e princípio da neutralidade (não devem induzir uma dada resposta mas sim libertar o inquirido do referencial de juízos de valor ou do preconceito do próprio autor).

O inquérito pretendeu ser um dos instrumentos para alcançar os objetivos propostos: Analisar como funciona e como se organiza a manifestação de PCI; Verificar qual a motivação dos participantes; Averiguar quais os novos sentidos associados à manifestação; e, Verificar se é conhecida a sua origem e propósitos iniciais, entre os participantes atuais. Assim, as questões foram ordenadas pelas seguintes categorias: Identificação do Participante, Conhecimentos sobre a Festa, Modo de Participação, Transformações da Festa ao longo do tempo, Motivação, e, Os sentidos associados à Festa.

Optámos por este método, o inquérito, pois partimos da ideia que cada participante é uma potencial fonte de informação sobre a Festa. Além disto, queríamos perceber a sua perspectiva em relação à manifestação e a sua ligação a esta. As respostas relativas aos ‘Conhecimentos sobre a Festa’ serviram, numa primeira fase, como fonte secundária de informação. Posteriormente, na fase da análise estatística, esta informação foi comparada com os dados da pesquisa histórica, resultando num barómetro para averiguar se os participantes tinham uma noção aproximada da realidade dos factos.

Esta análise e interpretação dos dados foram processos complementares; a primeira organizou e sintetizou os dados recolhidos, e com a interpretação procurou-se o sentido das respostas, estabelecendo a ligação a informações provenientes de outras fontes.

O inquérito foi administrado de forma indireta, ou seja, feita por um inquiridor, para se poder assim minimizar o espaço de dúvidas, e melhor garantir o preenchimento deste. No total, foram inquiridos 113 participantes, dos quais 47 são elementos femininos e 66 são masculinos. A amostra foi primariamente dividida por género, sectores Feminino e Masculino, e estratificada em faixas etárias. Esta distinção foi feita para verificar se ocorreria uma discrepância acentuada das respostas em função dos critérios (género e faixas etárias), a qual não se verificou na maioria das respostas.

As informações resultantes das respostas do inquérito, das quais algumas são referidas ao longo da dissertação, são fruto da amostra global, ou seja, de todos os participantes inquiridos. Sendo que a estimativa do número de participantes da Festa estará entre 500 e 600, o inquérito abrangeu assim 20,5% dos mesmos.

Os resultados apresentados foram obtidos através do tratamento dos dados recolhidos nos inquéritos, com recurso ao programa de cálculo *Microsoft EXCEL*.

Na secção seguinte, a apresentação dos resultados, incluem-se tabelas e gráficos aos quais se juntam os comentários aos resultados através de análise descritiva, destacando apenas as observações mais importantes que serão alvo de discussão e/ou comparação.

3.2.1 Apresentação dos resultados

A estrutura da apresentação dos resultados obedece à ordem das questões do inquérito, sendo esta numeração unicamente respeitante à mesma e independente do resto do corpo de texto da dissertação.

Apenas se incluem gráficos com resultados diferenciados por género (F/M) quando se torna interessante evidenciar uma similitude ou uma discrepância acentuada. Porém, todos os resultados constam em anexo, (Sector Feminino, Sector Masculino e Amostra Total).

A escolha da amostra geral incidia nos participantes da Festa da Pinha, e a escolha dos inquiridos foi aleatória.

Tabela 1 – Identificação do participante

1. Identificação do participante 1.1. Sexo 1.2. Idade	<i>Amostras Totais</i>	até 17	18 - 30	31 - 45	46 - 64	mais de 65	sem idade ¹¹⁸
Nº Mulheres	47	4	8	9	18	3	5
% Mulheres	42%	4%	7%	8%	16%	3%	4%
Nº Homens	66	1	10	15	21	10	9
% Homens	58%	1%	9%	13%	19%	9%	8%
Nº Total Inquiridos	113	5	18	24	39	13	14
% Total Inquiridos	100%	4%	16%	21%	35%	12%	12%

A tabela 1 apresenta a composição da amostra, diferenciando o Sector Feminino e o Masculino, estratificados por faixas etárias. Resultando daí o total de inquiridos, as suas idades e o referencial em percentagem. Dentro da amostra, o sector feminino representa 42% e o masculino 58%, o que se traduz numa diferença de 16% entre géneros. Verifica-se que a maioria dos participantes inquiridos, tanto mulheres quanto homens, enquadra-se na faixa etária dos 46 aos 64 anos.

¹¹⁸ ‘sem idade’ corresponde aos inquiridos maiores de 18 anos mas que não quiseram revelar a sua idade.

Gráfico 1 – Nacionalidade



O Gráfico 1 mostra que, tal como se previa, a grande percentagem dos participantes inquiridos são portugueses e que de facto os de origem estrangeira são uma pequena percentagem. As outras nacionalidades são: Argentina (1 homem), Brasil (2 mulheres), Cabo Verde (1 homem), e Reino Unido (1 mulher).

Gráfico 2 – Naturalidade

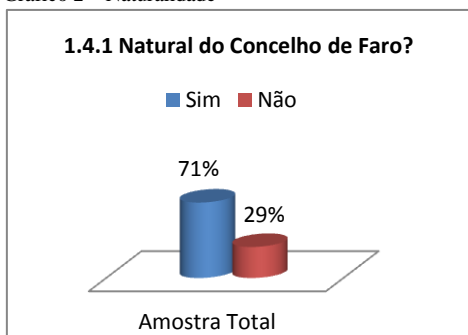
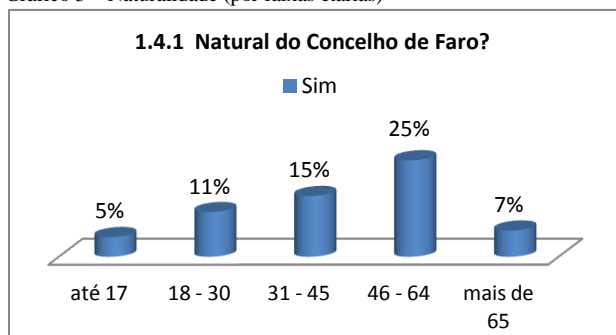


Gráfico 3 – Naturalidade (por faixas etárias)



Perante os Gráficos 2 e 3 podemos ver que a maioria dos participantes inquiridos é natural do Concelho de Faro, o mesmo onde se realiza a Festa. Este resultado confirmou as expectativas pois esta informação já era esperada.

Referente à informação da naturalidade de outros concelhos (29%), dada a dificuldade do seu tratamento informático e análise estatística, as respostas dadas pelos inquiridos são apenas nomeadas em referência; são estas: Olhão, Loulé, Monchique e Tavira. De outros distritos: Vila Real Trás-os-Montes, Lisboa, Setúbal, Sardoal, Portalegre, Lousã, Mação, Estarreja, Serpa, Almodôvar. De outros países: Argentina (1 homem), Brasil (2 mulheres), Cabo Verde (1 homem), França (1 mulher - nacionalidade portuguesa), e Reino Unido (1 mulher).

Gráfico 4 – Naturalidade (amostra total)

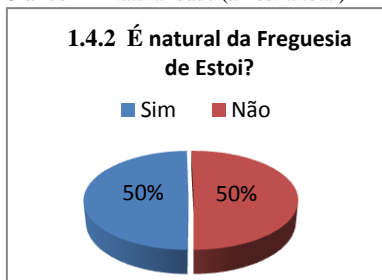
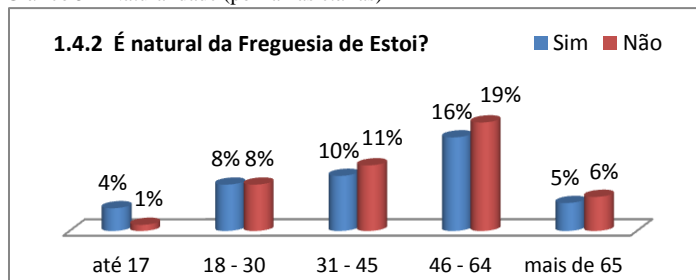


Gráfico 5 – Naturalidade (por faixas etárias)



Nos gráficos 4 e 5 pode ser verificado que metade dos participantes inquiridos é natural da Freguesia de Estoi.

No que se refere á outra metade, dada a dificuldade do seu tratamento informático e análise estatística, as freguesias respondidas pelos inquiridos são apenas nomeadas em referência; são estas: St^a Bárbara de Nexe de Nexe (Faro), S. Pedro (Faro), Sé (Faro), Conceição de Faro, S. Brás de Alportel, Olhão, Pechão (Olhão), Quelfes (Olhão), Moncarapacho (Olhão), St^a Catarina da Fonte do Bispo (Tavira), Monchique, Boliqueime (Loulé). De freguesias de outros distritos e/ou doutro país: Almodôvar (Alentejo), Mação (Ribatejo), Mouços (Vila Real Trás os Montes), Pardilhó (Estarreja), Lisboa.

Gráfico 6 – Residência (amostra total)

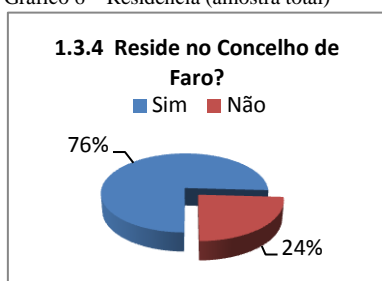
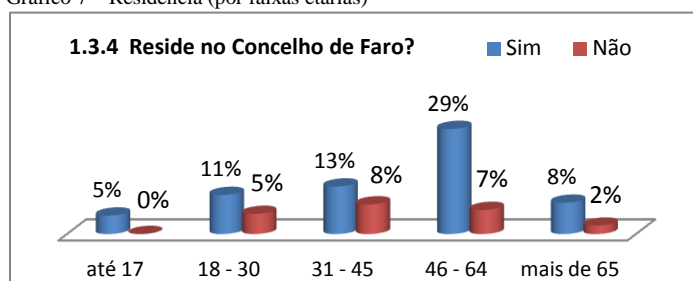


Gráfico 7 – Residência (por faixas etárias)



Verifica-se pelo gráfico 6 que a maioria dos participantes inquiridos reside no Concelho de Faro, salientando-se que a maior parte destes enquadram-se na faixa etária entre os 46 e 64 anos, como nos mostra o gráfico 7.

Referente à informação de inquiridos residentes em outros concelhos, dada a dificuldade do seu tratamento informático e análise estatística, as respostas são apenas nomeadas em referência, são estas: Pechão, Tavira, S. Brás de Alportel, Loulé, Albufeira e Portimão. De outro distrito: Lisboa.

Gráfico 8 – Residência (amostra total)

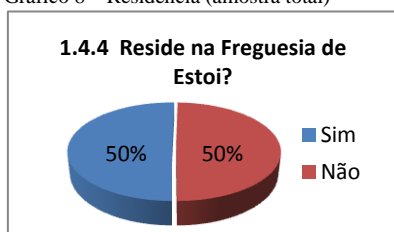
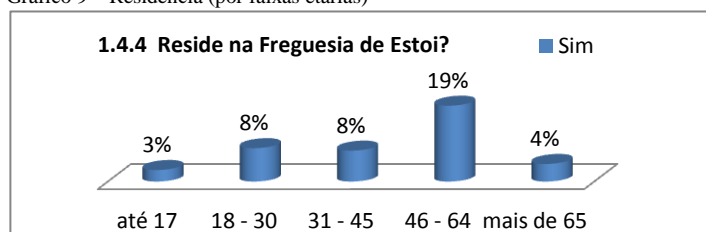


Gráfico 9 – Residência (por faixas etárias)



Como se pode observar nos gráficos 8 e 9, metade dos participantes inquiridos são residentes na Freguesia de Estoi (50%), salientando-se novamente (tal como

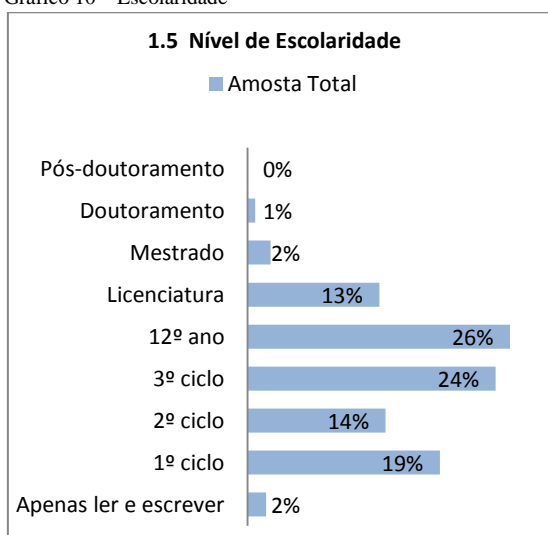
acontece nas questões acima) que a maior parte destes corresponde à faixa etária entre os 46 e 64 anos (19%).

No que se refere aos outros 50%, dada a dificuldade do seu tratamento informático e análise estatística, as Freguesias de residência dos inquiridos são apenas nomeadas em referência, são estas: St^a Bárbara de Nexe, S. Pedro, Sé, Conceição de Faro e Montenegro. Em outros concelhos: Barracha (S. Brás), Boliqueime (Loulé), Moncarapacho (Olhão), Quelfes (Olhão), Pechão (Olhão), St^a Catarina da Fonte do Bispo (Tavira), Alvor (Portimão) e Albufeira. Em outro distrito: Lisboa.

Não há uma amostra significativa que permita afirmar qual é a freguesia de onde vêm o maior número de participantes residentes em outras freguesias.

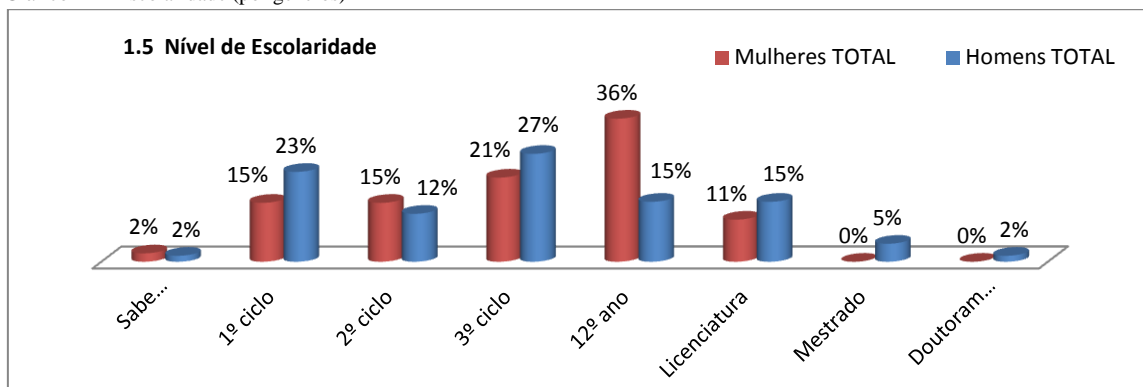
Conclui-se que todos os inquiridos são residentes em Portugal, incluindo os de naturalidade e/ou nacionalidade estrangeiras (Reino Unido, França, Cabo Verde, Brasil e Argentina).

Gráfico 10 – Escolaridade



Os resultados apresentados no gráfico 10 mostram o nível de escolaridade dos inquiridos. As três maiores percentagens correspondem ao 12º Ano, 3º Ciclo (9º Ano) e 1º Ciclo (ensino primário) respetivamente. A maioria dos inquiridos tem o 12º Ano de escolaridade. Entre os 113 inquiridos, 3 possuem grau de Mestre e apenas 1 grau de Doutor. A percentagem dos inquiridos que têm o 12º Ano corresponde à faixa etária entre os 18-30 anos, seguida dos 31-45, e 46-64.

Gráfico 11 – Escolaridade (por géneros)



Ao analisar os resultados diferenciados por género podemos verificar que o nível de escolaridade da maioria das mulheres inquiridas (36%) é o 12º Ano, seguido do 3º Ciclo (21%). No caso dos homens, a maioria dos inquiridos (27%) tem o 3º Ciclo, seguido do 1º Ciclo (23%).

A maior percentagem dos licenciados inquiridos são homens e corresponde a 15%.

Tabela 2 – Conhecimentos

2. Conhecimentos sobre a Festa	Amostra Total	até 17	18 - 30	31 - 45	46 - 64	mais de 65	sem idade
2.1 Conhece as origens da Festa?							
Sim	67%	4%	9%	17%	22%	7%	8%
Não	33%	1%	7%	4%	13%	3%	4%
Total %	100%						

Gráfico 12 – Conhecimentos

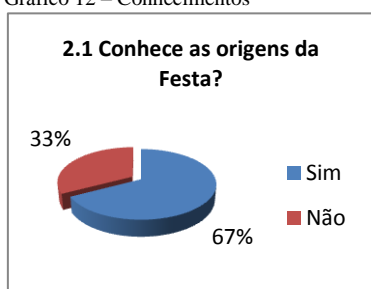
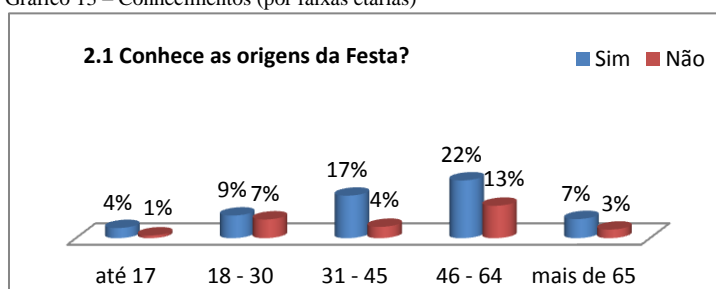


Gráfico 13 – Conhecimentos (por faixas etárias)



Como pode ser observado pelo gráfico 12, a maioria dos participantes inquiridos afirma conhecer as origens da Festa; o gráfico 13 indica que a maioria destes tem idades compreendidas entre os 31 e os 64 anos.

- **Pergunta 2.1.1 Sabe dizer QUEM começou e PORQUÊ?**

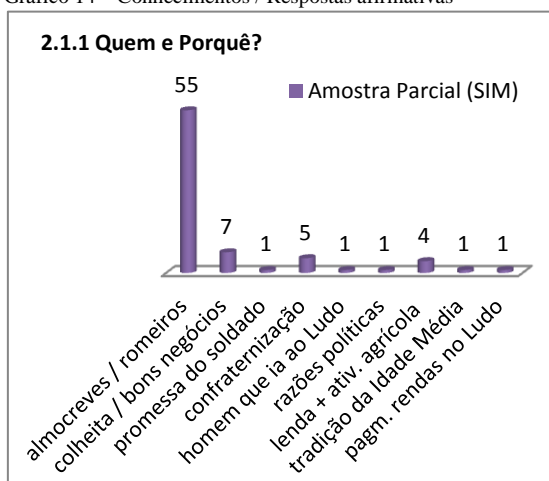
Esta pergunta era consequente de uma resposta afirmativa da anterior (2.1 Conhece as origens da Festa?). A questão era aberta. Pretendia-se averiguar qual era o tipo de informação, e posteriormente verificar respostas similares ou coincidentes.

Tabela 3 – Conhecimentos/ Descriminação das respostas afirmativas

2.1.1 Se sim, Quem e Porquê?	Amostra Parcial	até 17	18 - 30	31 - 45	46 - 64	mais de 65	sem idade
SIM %	67%	4%	9%	17%	22%	7%	8%
SIM (nº inquiridos)	77	4	10	19	26	9	9
almocreves / romeiros	55	3	7	14	17	7	7
colheita / bons negócios	7	1	1	2	2	0	1
promessa do soldado	1	0	0	0	1	0	0
confraternização	5	0	1	1	3	0	0
homem que ia ao Ludo	1	0	0	1	0	0	0
razões políticas	1	0	0	1	0	0	0
lenda + atividade agrícola	4	0	0	0	3	0	1
tradição da Idade Média	1	0	0	0	0	1	0
pagm. rendas no Ludo	1	0	0	0	0	1	0
não responde	1	0	1	0	0	0	0
Total	77	4	10	19	26	9	9

Como se pode verificar na Tabela 3 a grande maioria das respostas menciona os ‘almocreves’ e/ou os ‘romeiros’. Entre estas incluem-se as que fazem referencia à lenda dos almocreves “que prometeram fazer uma festa em honra da N^a S^a ao Pé da Cruz” para agradecer o bom êxito das trocas comerciais, das colheitas, e/ou o facto de regressarem são e salvos a casa (Estoi); diferindo entre elas apenas a parte do vilão da estória: os assaltantes e/ou os lobos.

Gráfico 14 – Conhecimentos / Respostas afirmativas



O gráfico 14 (à esq.) evidencia o tipo de respostas que constam na Tabela 3 e demonstra a diversidade de opinião entre os inquiridos que dizem conhecer a origem da Festa. O tipo de resposta mais frequente é a que faz referência aos almocreves.

Gráfico 15 – Resposta ‘almocreves’ (por faixas etárias)

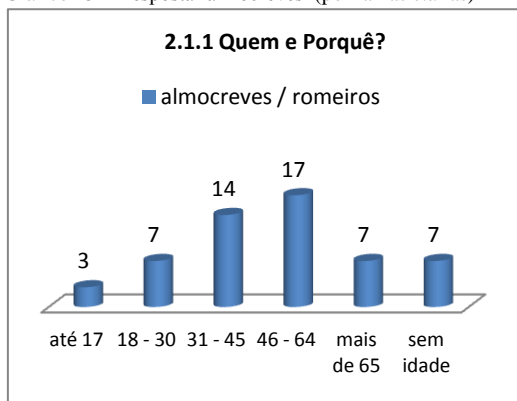
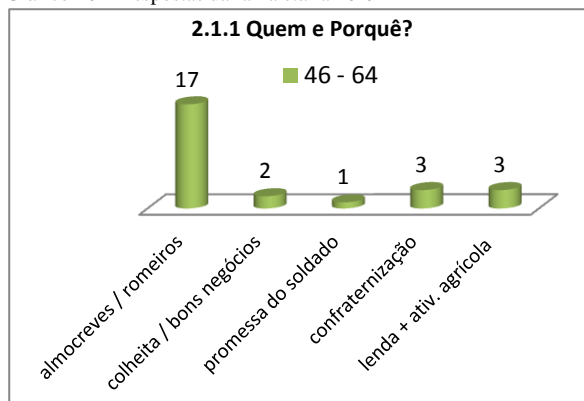


Gráfico 16 – Respostas da faixa etária 46-64



Dentro da amostra que deu uma resposta relacionada com os almocreves, foi feita uma análise baseada nas faixas etárias. Verifica-se que quem mais deu esta resposta foram os inquiridos da faixa etária 46-64.

Ainda com os mesmos dados fez-se a análise por outra perspectiva: os outros tipos de resposta dos inquiridos da mesma faixa etária (46-64); verificamos que estes têm pouca expressão.

Entre as demais respostas que diferem da resposta mais comum (almocreves/romeiros), seguem-se um exemplar de cada uma:

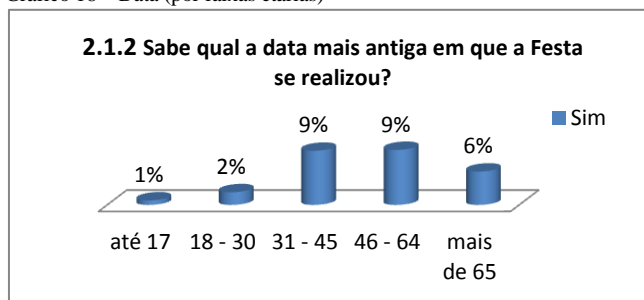
- Colheita / bons negócios: “Os mais antigos faziam a romaria e a festa em agradecimento”; “Os antigos agricultores negociavam os seus produtos alimentares e se tudo corresse bem faziam a festa em honra de N^a S^a”; “Tinha a ver com o fim das colheitas”; “Os homens da aceifa iam agradecer e faziam esta Festa”.
- Promessa do soldado – “Um soldado fez uma festa em cumprimento da promessa, se voltasse da guerra fazia uma festa em honra de N^a S^a do Pé da Cruz”.
- Confraternização: “Os mais ‘antigos’ começaram a fazer esta festa para confraternizarem”; “Começou há 150 anos, os romeiros levavam bens para o ludo e lá almoçavam segundo a tradição popular”
- Homem que ia ao Ludo: “Era um senhor que ia ao Ludo buscar lenha e depois começou a fazer esta festa”.

- Razões políticas – “Um grupo de Estoi para fugir à polícia política”.
- Lenda + atividade agrícola: “Normalmente os trabalhadores que voltavam da campanha da ceifa no Alentejo eram assaltados na serra. Um ano foi prometido a N^a S^a do Pé da Cruz que se não fossem assaltados faziam uma festa neste moldes que é feita hoje. Na altura eram apenas carroças e cavalaria enfeitada”;
“os agricultores algarvios, comerciantes no Alentejo (baixo e alto) prometiam que se não fossem assaltados, e se corresse tudo bem faziam um festejo à N^a S^a do Pé da Cruz”.
- Tradição da Idade Média – “É uma tradição que vem da Idade Média em agradecimento à N^a S^a do Pé da Cruz”.
- Pagamento de rendas no Ludo – “Os romeiros vinham pagar ao proprietário as respetivas rendas e faziam a Festa”.
- “Os nossos antepassados, que iam comercializar produtos, começaram a agradecer pelo sucesso da campanha, e confraternizar ”.

Gráfico 17 – Data (amostra total)



Gráfico 18 – Data (por faixas etárias)



Através dos gráficos 17 e 18 podemos conferir que a maioria dos participantes inquiridos afirma desconhecer a data mais antiga em que se realizou a Festa. Esta pergunta era aberta, permitindo a indicação de uma data ou um período de tempo (em décadas ou séculos por exemplo).

Entre as poucas respostas afirmativas constam algumas datas mas a maioria cita: ‘mais de 100 anos’, ‘mais de 200 anos’ e ‘centenária’.

Também são respostas recorrentes as seguintes expressões: ‘antigamente’, ‘no tempo dos Romanos’ (período de ocupação romana no Algarve), e ainda ‘tempos medievais’ (Idade média).

Outros inquiridos respondem com datas relativas entre o fim do séc. XIX, início do séc. XX. E outros ainda, indicam as datas de ‘1950’, e ‘mais de 45 anos’.

Apesar de não se poder apontar uma data de início da realização da Festa da Pinha, sabemos que nos moldes em que ela acontece hoje é uma representação da Festa realizada no início do séc. XX, que por sua vez já seria uma representação da romaria que acontecia no séc. XIX.

As respostas a estas perguntas sobre as ‘origens’ e os ‘motivos’ (‘como’ e ‘porquê’) desta manifestação cultural são mais complexas do que parece à primeira vista. Contudo, pela pesquisa documental, podemos concluir que as respostas afirmativas a esta pergunta, são incorretas quando tão longe da realidade referem uma data posterior ao início do séc. XX (como por exemplo a data ‘1950’).

Conclui-se que a maioria das pessoas afirma que não conhece a ‘data’ de origem da Festa. Apesar disso, a percentagem das respostas afirmativas (29%), contém afirmações corretas (se consideramos ‘corretas’ a margem das respostas mais próximas da possível realidade – festa de origens centenárias).

Gráfico 19 – Fonte da informação (amostra total)

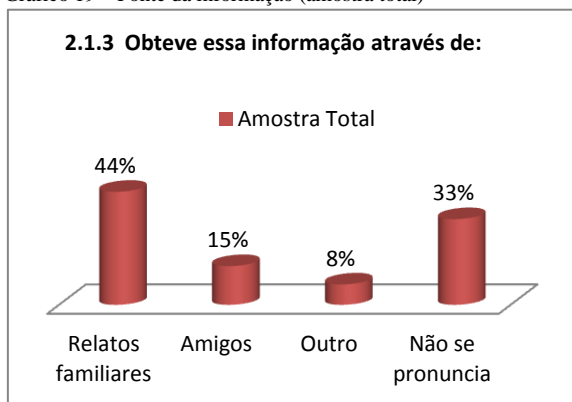
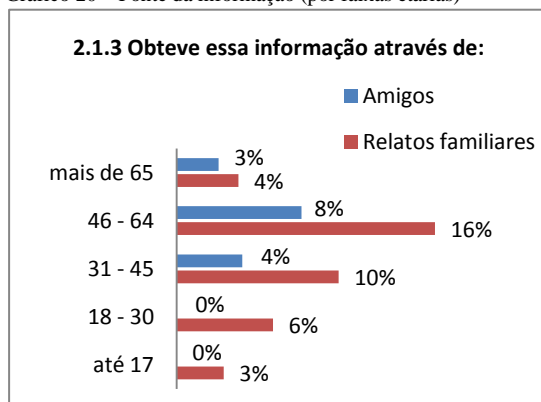


Gráfico 20 – Fonte da informação (por faixas etárias)



A pergunta 2.1.3 ‘Obteve essa informação através de:’ era decorrente da anterior, ou seja, pretendia saber qual era a fonte de informação da resposta do inquirido, no caso de este ter respondido afirmativamente.

Os gráficos 19 e 20 mostram que a maioria das pessoas afirmou que havia obtido a informação através de ‘relatos familiares’. A faixa etária que assim mais respondeu está entre os 46 e os 64 anos. Esta pergunta era de escolha múltipla e contemplava espaço para a anotação da fonte de informação além das opções à escolha – ‘outro’.

O indicador ‘Não se pronuncia’ é a classificação das respostas dadas como ‘não sei’. No campo ‘Outros’, das poucas indicações de outras fontes, constam respostas

como: ‘tudo’, ‘na Festa’, ‘em eventos de cavalos’, ‘pesquisa’ e ‘livros’. Quando os inquiridos responderam ‘tudo’, pretendiam dizer que tomaram conhecimento das origens da Festa através de todas as hipóteses mencionadas na pergunta.

Gráfico 21 – Caráter da Festa

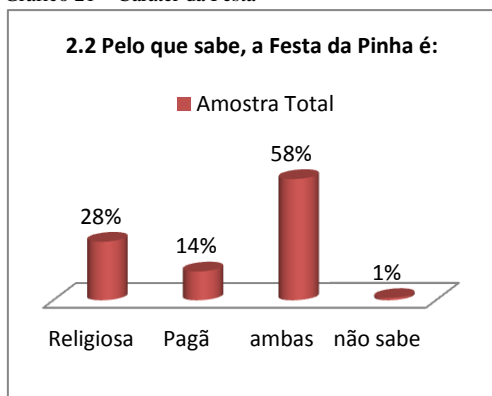
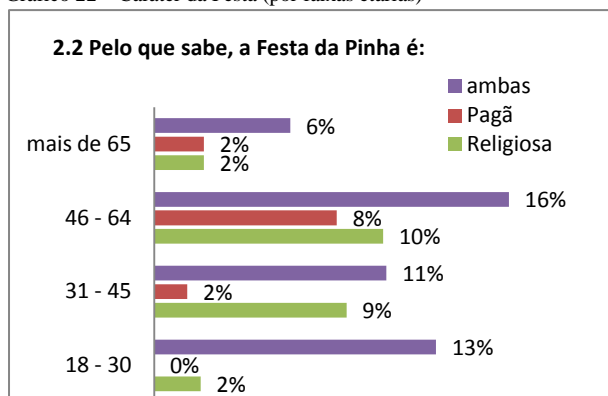


Gráfico 22 – Caráter da Festa (por faixas etárias)



Pelo gráfico 21, verificamos que quando questionados acerca do carácter da Festa (pagã ou religiosa) a maioria dos inquiridos opta pela resposta ‘ambas’ (58%). Ao analisarmos as respostas por faixas etárias, no gráfico 22, verificamos que em todas elas se mantêm maioritariamente a mesma resposta.

Gráfico 23 – Participação (amostra total)

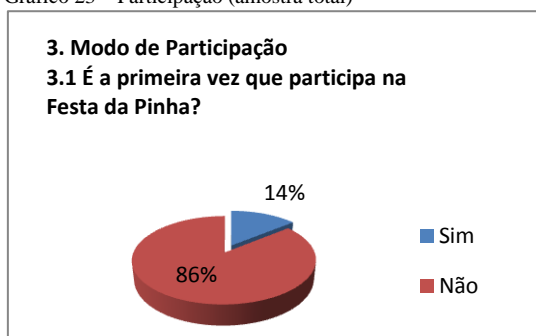
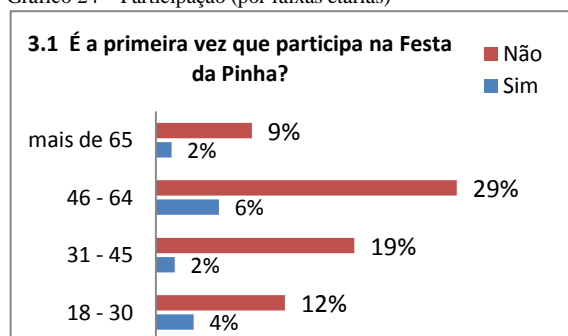


Gráfico 24 – Participação (por faixas etárias)



Pelo gráfico 23 podemos observar que apenas 14% dos inquiridos afirma ser a primeira vez¹¹⁹ que participam na Festa. No gráfico 24 salienta-se o facto de existirem participantes ‘estrepantes’ em todas as faixas etárias, desde os 18 aos maiores de 65 anos.

¹¹⁹ Referente ao ano 2011

Gráfico 25 – Anos de participação

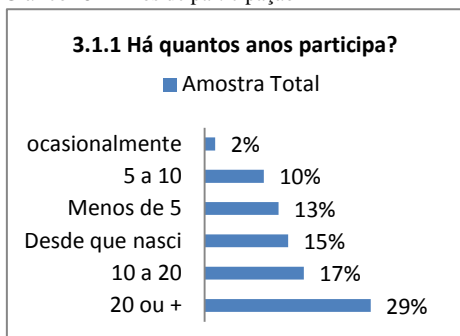
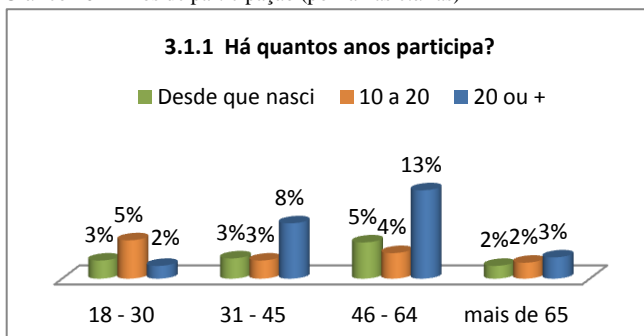


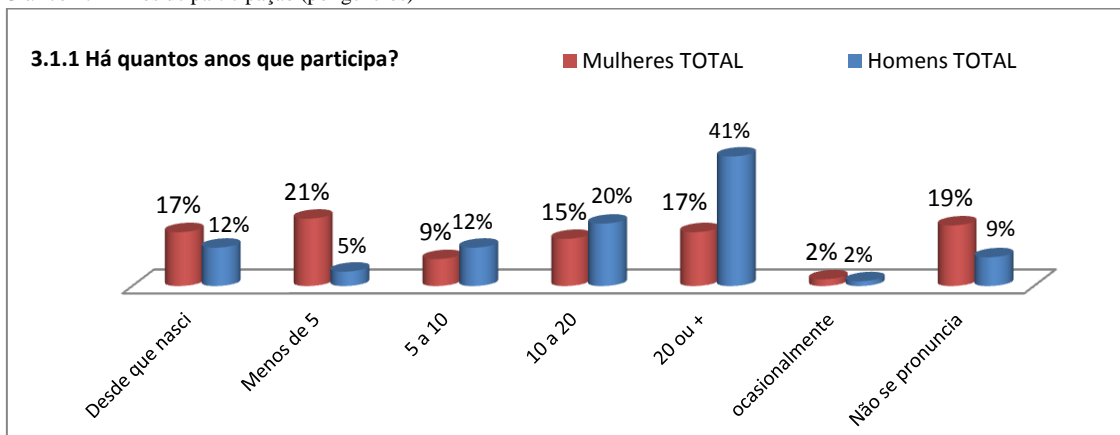
Gráfico 26 – Anos de participação (por faixas etárias)



Através do gráfico 25 constatamos que 29% dos inquiridos participam na Festa há mais de 20 anos e apenas 2 % afirma participar ocasionalmente.

Quando analisados os dados por faixas etárias (gráfico 26), verificamos que 13% dos inquiridos entre os 46 e 64 anos participa há mais de 20 anos, 5% afirma participar desde que nasceu, e apenas 4% situa a sua participação entre 10 e 20 anos. Podemos salientar ainda que na faixa etária 18-30 verificamos que 5% das pessoas participa entre 10 e 20 anos; 3% desde que nasceu e 2% há mais de 20 anos.

Gráfico 27 – Anos de participação (por géneros)



Perante a noção que a Festa na sua origem era exclusivamente masculina impunha-se uma análise das respostas a esta pergunta, diferenciando-as por género. Verifica-se que a maioria dos homens (41%) afirma participar há 20 anos ou mais. Contrastante a este facto é a presença feminina na Festa, em que a maior percentagem (21%) participa há menos de 5 anos.

Salientando-se que 19% das mulheres se coíbe de dizer há quantos anos participa na Festa.

Gráfico 28 – Tradição (amostra total)

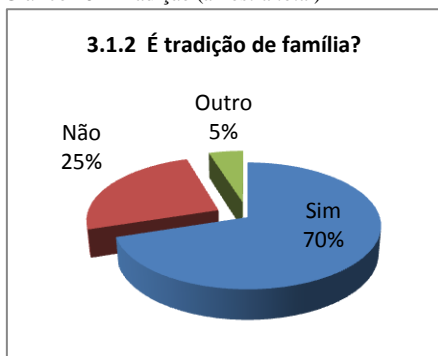
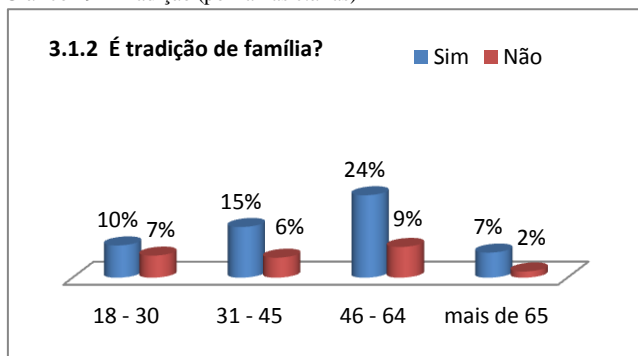


Gráfico 29 – Tradição (por faixas etárias)



Como se pode observar pelo gráfico 28, quando questionados se a sua participação na Festa é uma tradição de família, a grande maioria (70%) afirma que sim. Pelo gráfico 29 vemos que essa tendência é transversal a todas as idades.

Gráfico 30 – Tipo de participação

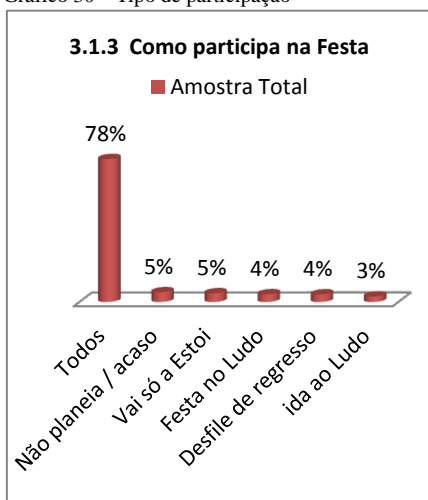
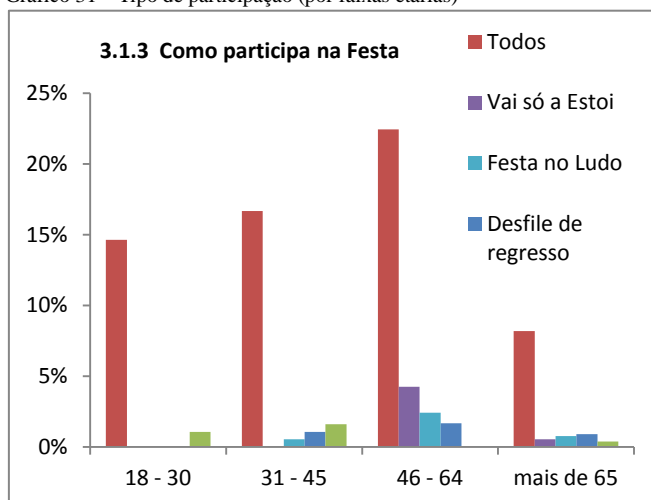


Gráfico 31 – Tipo de participação (por faixas etárias)



Como mostra o gráfico 30, a maioria dos participantes inquiridos (78%) integra a Festa na totalidade, ou seja, participa em todos os momentos. Pelo gráfico 31 verificamos que todas as faixas etárias têm grande representatividade ao longo de toda a Festa.

Gráfico 32 – Transporte

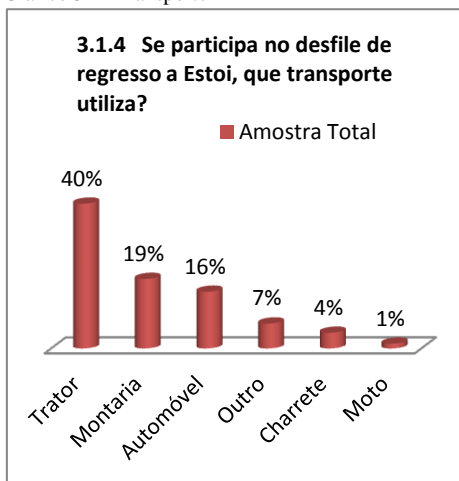
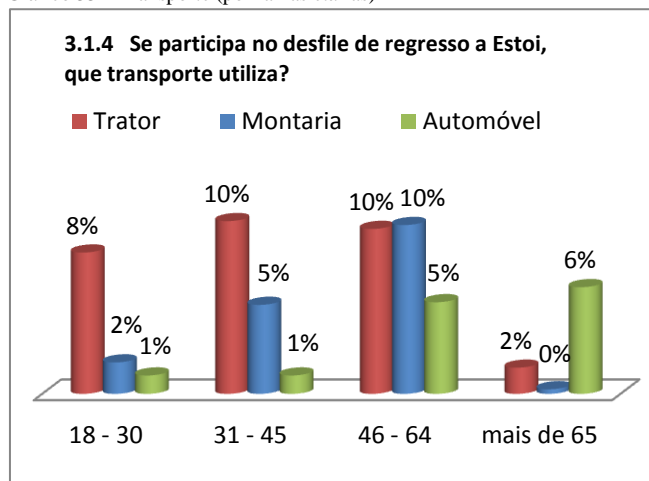


Gráfico 33 – Transporte (por faixas etárias)



A questão 3.1.4 é complementar à anterior. No gráfico 32 verifica-se que a maioria dos inquiridos que participa no desfile de regresso a Estoi utiliza como meio de transporte o ‘Trator’ agrícola com atrelado (40%), seguido da opção ‘Montaria’ (19%), e ‘automóvel’ - carrinhas de caixa aberta (16%). ‘Outro’ representa a respostas: ‘todos’, ‘já fui de todas as maneiras’, e ‘cada ano vou num transporte diferente’.

Analisando a mesma questão estratificada por faixas etárias demonstra algumas diferenças acentuadas entre meios de transporte, sendo que a os inquiridos entre os 18-30 e os 31-45, anos utilizam maioritariamente esse meio de transporte. Dentro da faixa etária 46-64, a ‘Montaria’ está a par do transporte por ‘Trator’, ambos com 10%.

- **Categoria - 4. Transformações da Festa ao longo do tempo**

- **Pergunta - 4.1. O que mudou na Festa desde que começou a participar até hoje?**

Dado que dentro da amostra dos inquiridos, o nível de conhecimentos acerca da Festa é variada, foram consideradas e destacadas as respostas mais elucidativas, independentemente da idade. Tendo presente que mesmo os inquiridos mais jovens podem ter conhecimento das alterações que ocorreram ao longo dos tempos.

Esta era uma pergunta aberta. Dada a dificuldade do seu tratamento informático e análise estatística, as respostas dadas pelos inquiridos são apenas nomeadas aqui em referência:

- “Antes haviam abarcas mas hoje em dia já não há, já não é tao bonita, a juventude não se sabe divertir” - (mulher, 52 anos);
- “Agora há mais pessoas e melhor organização” - (mulher, 52 anos);

- “Hoje há menos carroças e cavalos e mais automóveis e carrinhas” - (mulher, 57 anos);
- “Antes não havia cavalos” - (mulher, 60 anos);
- “Hoje em dia já participam mulheres” - (mulher, 68 anos);
- “Agora vêm mais ciganos e mais pessoas de fora da aldeia” - (homem, 22 anos);
- “Antes havia mais disciplina com os trajes” – (homem, 42 anos);
- “Agora há mais participantes, mais animação, mais jovens” - (homem, 61 anos);
- “A festa tem perdido a sua essência, antes de carácter masculino” - (homem, 62 anos);
- “Mais modernidade, mais tratores e veículos motorizados” - (homem, 62 anos);
- “Antigamente eram carros de besta enfeitadas com palmeiras e hoje há mais veículos motorizados” - (homem, 63 anos)
- “Antes eram os negociantes e agora é aberta a todos” - (homem, 70 anos);
- "A festa agora tornou-se mais bruta, antes era mais calma" - (homem, 70 anos);
- “Está mais liberal e há mais carros de mula enfeitados feitos por jovens” - (homem, sem indicação de idade).

Conclui-se que a maioria das respostas mais elucidativas, se verificaram dentro da percentagem de inquiridos que afirmam participar há mais de 20 anos e/ou desde sempre (‘desde que nasci’); correspondendo às faixas etárias entre os 46-64 anos, e maiores de 65 anos, conforme pode ser confirmado na pergunta 3.1.1. (‘Se não é a primeira vez, há quantos anos participa?’).

Gráfico 34 – Motivação

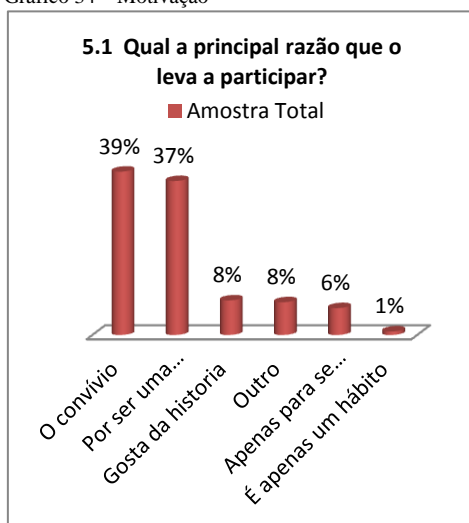
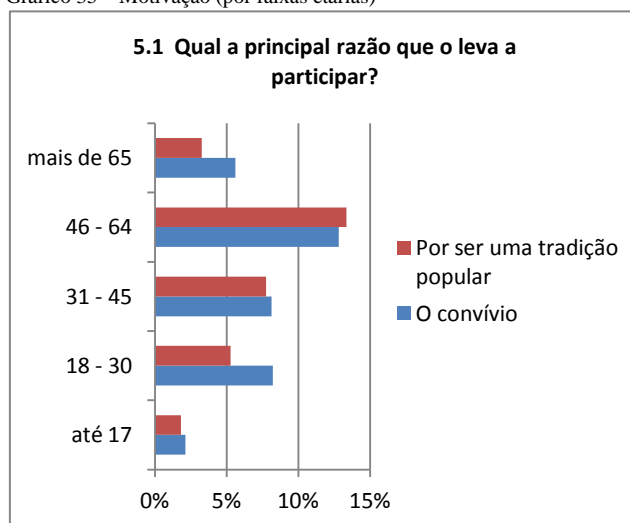


Gráfico 35 – Motivação (por faixas etárias)



Como podemos ler no gráfico 34, a grande maioria dos participantes inquiridos afirma que as duas principais razões que os levam a participar são ‘o convívio’ e ‘por ser uma tradição popular’. Pelo gráfico 35 podemos verificar que entre os que mais assim o afirmam, são os inquiridos com idades compreendidas entre 46 e 64 anos. Verifica-se ainda que a diferença de percentagens entre as duas razões principais é bastante equilibrada, não divergindo muito entre faixas etárias, à excepção dos jovens entre os 18 e 30 anos e os séniores (mais de 65 anos), para estes o ‘convívio’ é mesmo a maior motivação para participarem. ‘Outro’ - No que se refere às outras razões citadas por alguns inquiridos, dada a dificuldade do seu tratamento informático e análise estatística, as razões são expostas na lista abaixo apresentada:

- Por ser um evento de cavalos: Três pessoas afirmam que vão à Festa porque gostam de participar em eventos de cavalos.
- Visitante: Um dos participantes inquiridos explicou que tinha vindo visitar uma pessoa amiga por altura da Festa para poder participar e conhecer a Festa.
- Cinematográfica: Um inquirido afirmou gostar de ir à festa por esta lhe parecer ‘é *cinética*, um cenário d’um filme!’.
- “Pela alegria que transmite.”
- “Porque o meu neto veio.”

A participação apenas por hábito é inferior a 1%. Estas percentagens surgem porque alguns dos inquiridos afirmaram que iam à Festa por todos os motivos mencionados. Assim, nos cálculos estatísticos, o valor de 1 foi dividido pelas cinco razões/opções de resposta (0,2 cada).

Gráfico 36 – Motivação (por género)



No gráfico 36, analisando a mesma questão mas diferenciando os resultados por género, verifica-se que a maioria das mulheres inquiridas afirma que a razão principal que as leva a participar na Festa é “Por ser uma tradição popular” (40%), e seguidamente, pelo “Convívio” (30%). Na amostra dos homens verificamos que a razão

principal é o “Convívio” (49%), seguindo-se a razão “Por ser uma tradição Popular” (34%).

Gráfico 37 – Preferência

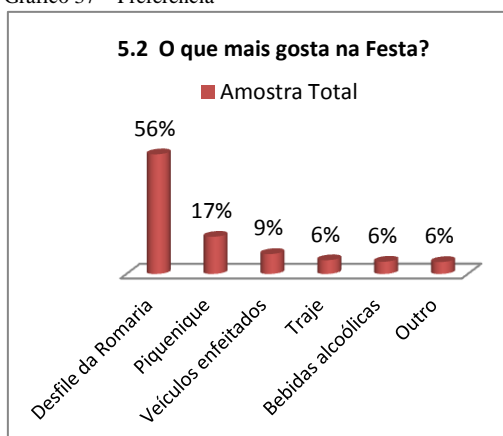
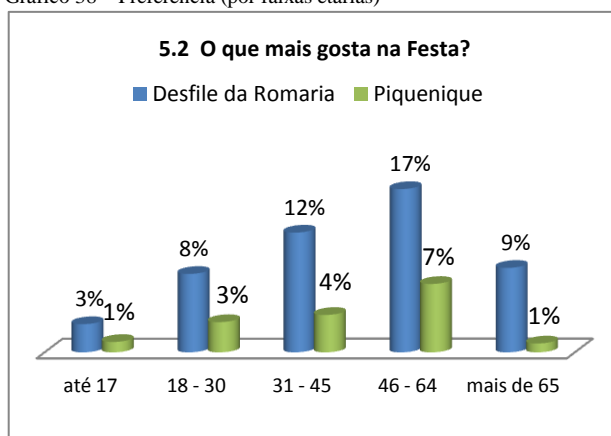
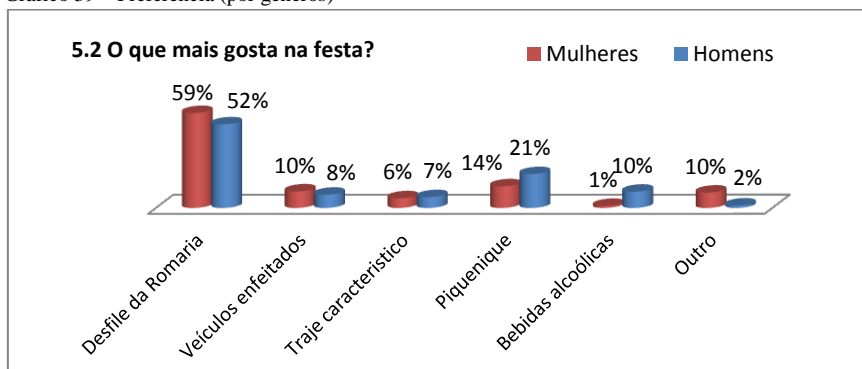


Gráfico 38 – Preferência (por faixas etárias)



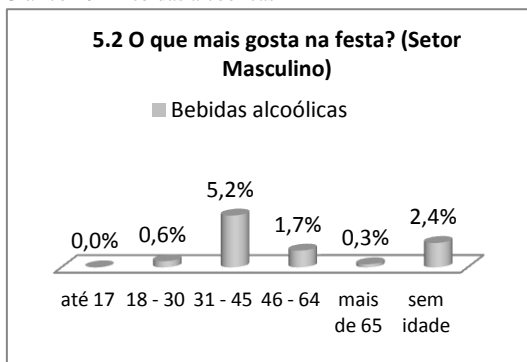
O gráfico 37 mostra que a grande maioria dos inquiridos (56%) afirma que o que mais gosta na Festa é o ‘desfile da romaria’, e a segunda maior preferência é o ‘piquenique (17%)’. No gráfico 38, numa análise destas duas maiores percentagens, por faixas etárias, verifica-se que esta preferência é visível em todas elas.

Gráfico 39 – Preferência (por géneros)



Na análise da questão por géneros (gráfico 39) esta questão apenas aponta 3 disparidades acentuadas: as ‘bebidas alcoólicas’, ‘piquenique’ e a opção ‘outro’. A percentagem da preferência das bebidas alcoólicas é constituída maioritariamente por homens (10%), tal como na opção ‘piquenique’. No que se refere a ‘Outro’, as respostas dos inquiridos que se encaixaram nesta opção foram: ‘Tudo’, ‘Convívio’, ‘Baile’, ‘Fogo de Artificio’, ‘Encontro de amigos’.

Gráfico 40 – Bebidas alcoólicas

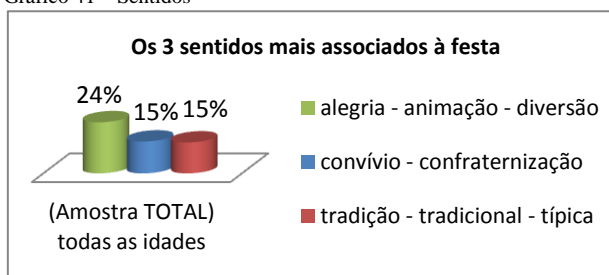


Dentro da amostra dos inquiridos cuja preferência foi a opção ‘bebidas alcoólicas’ podemos verificar que as maiores percentagens correspondem às faixas etárias 31-45 e os ‘sem idade’.

Tabela 4 – Sentidos

6. Os sentidos associados à Festa 6.1 Defina a Festa da Pinha em 3 palavras	Amostra Total
Alegria - animação - diversão	24%
Convívio - confraternização	15%
Tradição - tradicional - típica	15%

Gráfico 41 – Sentidos



Pela leitura da Tabela 4 podemos ver as três expressões mais utilizadas pelos inquiridos para definir a Festa (conforme as três maiores percentagens). As percentagens destas expressões são claramente superiores às restantes e dado que a quantidade de expressões/palavras diferentes é muito vasta, o gráfico não contém as percentagens dos restantes valores abaixo dos 5%, considerando que estes não constituem amostras tão significativas numa representação global. Contudo, devido à natureza da pergunta considera-se interessante referir as restantes expressões/palavras/sentidos na tabela 5 que se segue.

Tabela 5 – Expressões

abarcas	boa - bom	engraçada	não contabilizado	religiosa
acolhedor(ra)	cansativa	espanto! - espetacular	negócio	reviver - recordação
Agradável	Caracóis	espontânea	Original	rigor
almocreves	cerveja - bebedeira	familiar	paixão - apaixonante	surpreendente
amigos - amizade - camaradagem	comer - piquenique - petisco	festejo - Festa	paz	tem alma - espírito
amor	conhecida	gosto	perfeita - excelente	união
antiga(o) - intemporal	cor	grande	pessoas	única
aventura	coragem - audácia	gritar	popular	universalidade - universal
bairrismo	cultura	Insubstituível	Portugal - estoiense - algarve	veículos - carros
barata	emotiva	interessante	pular	viva
beleza - bonita - linda	empenho	maravilhosa - magnífica		

Gráfico 42 – Sentidos (sector masculino)

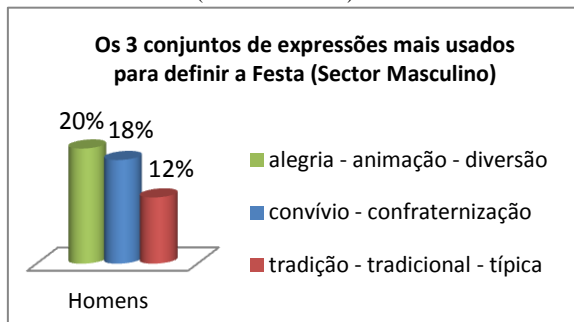
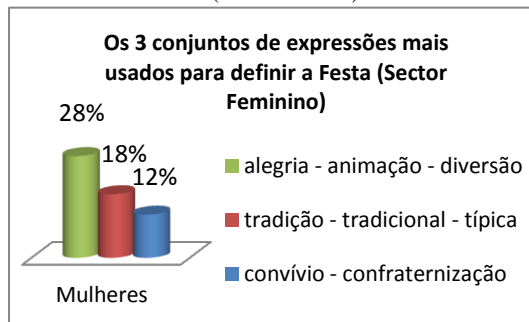


Gráfico 43 – Sentidos (sector feminino)



Quando analisamos os resultados desta questão na diferenciação por género, identificamos que as três expressões com maior percentagem são comuns, contudo as hierarquias são diferentes. Em ambos casos as expressões ‘alegria’, ‘animação’ e ‘diversão’ são as mais recorrentes. Para os homens, em segundo lugar está o ‘convívio’ e a ‘confraternização’, com uma diferença de apenas 2% e referem ‘tradição’ em último lugar (12%). No caso das mulheres a expressão ‘tradição’ está em segundo lugar (18%) e apenas depois referem o convívio (12%).

- **Os sentidos associados à Festa - diferenciação por faixas etárias**

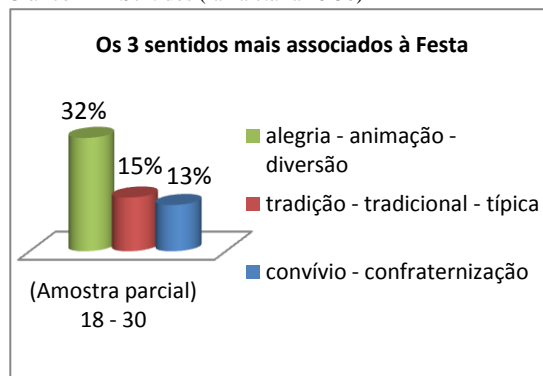
Na diferenciação por faixas etárias, dado que a quantidade de expressões/palavras diferentes é muito vasta, as representações, apresentadas nas tabelas e nos gráficos, não contêm as percentagens dos valores abaixo dos 3%, considerando que estes não constituem amostras significativas na representação global¹²⁰. São apresentados as tabelas e gráficos dos resultados correspondentes a cada uma das faixas etárias à excepção dos inquiridos menores de 18, (apenas 4 indivíduos). Neste acaso apenas referimos que para estes, os sentidos que mais associam são respetivamente: o ‘convívio’, a ‘Tradição’ e a ‘Animação’.

¹²⁰ Nos Anexos E1, E2 e E3 encontram-se todas as tabelas na íntegra.

Tabela 6 – Sentidos (faixa etária 18-30)

6.1.2 Defina a Festa da Pinha em 3 palavras	(Amostra parcial) 18 - 30
alegria - animação - diversão	32%
tradição - tradicional - típica	15%
convívio - confraternização	13%
beleza - bonita - linda	7%
festejo - Festa	5%
amigos - amizade - camaradagem	3%
espanto! - espetacular	3%

Gráfico 44 – Sentidos (faixa etária 18-30)

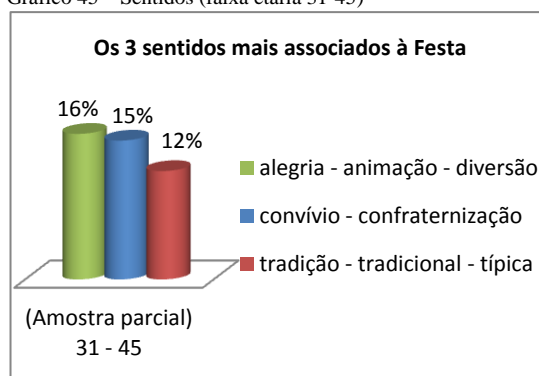


Para os inquiridos entre os 18 e 30 anos de idade, destaca-se com maior percentagem a ‘alegria’, ‘animação’ e ‘diversão’.

Tabela 7 – Sentidos (faixa etária 31-45)

6.1.2 Defina a Festa da Pinha em 3 palavras	(Amostra parcial) 31 - 45
alegria - animação - diversão	16%
convívio - confraternização	15%
tradição - tradicional - típica	12%
Não contabilizado	6%
festejo - Festa	5%
bonita - beleza - linda	4%
boa - bom	3%
amigos - amizade - camaradagem	3%
cerveja - bebedeira	3%
engraçada	3%

Gráfico 45 – Sentidos (faixa etária 31-45)

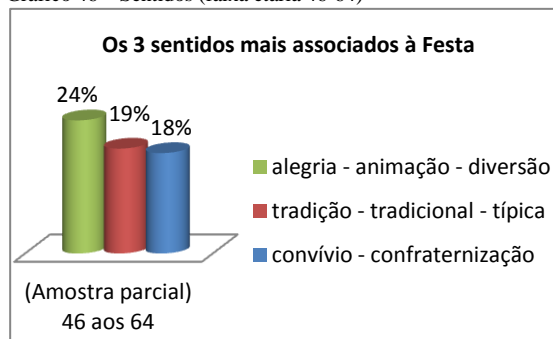


Para os inquiridos entre os 31 e 45 anos, associam a Festa à ‘Alegria’, contudo aqui a expressão entre os valores das percentagens não é acentuada mas sim equiparada.

Tabela 8 – Sentidos (faixa etária 46-64)

6.1.2 Defina a Festa da Pinha em 3 palavras	(Amostra parcial) 46 aos 64
alegria - animação - diversão	24%
tradição - tradicional - típica	19%
convívio - confraternização	18%
beleza - bonita - linda	4%
amigos - amizade - camaradagem	4%
única	3%

Gráfico 46 – Sentidos (faixa etária 46-64)

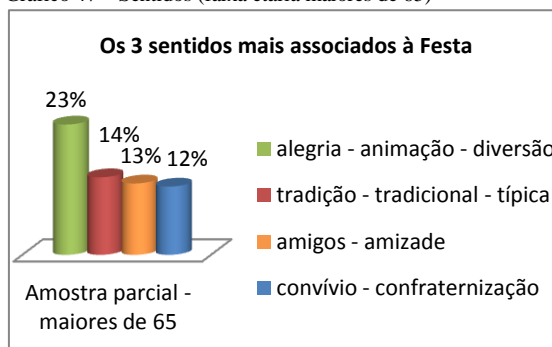


Na faixa etária dos 46 aos 64 anos, a ordem das expressões mais comuns para descrever a Festa são: ‘Alegria’ (24%), ‘Tradição’ (19%), e ‘Convívio’ (18%).

Tabela 9 – Sentidos (faixa etária maiores de 65)

6.1.2 Defina a Festa da Pinha em 3 palavras	Amostra parcial - maiores de 65
alegria - animação - diversão	23%
tradição - tradicional - típica	14%
amigos - amizade	13%
convívio - confraternização	12%
Original - Genuína	7%
única	7%
cerveja - 'bebedeira' - beber - 'copos'	5%
popular	5%
comer - piquenique - petisco	3%

Gráfico 47 – Sentidos (faixa etária maiores de 65)



Como se pode verificar pelos valores na tabela 9, a ‘Alegria-animação-diversão’, são as expressões mais associadas pelos inquiridos, à excepção dos menores (até 17 anos). Contudo as expressões são maioritariamente as mesmas, ‘Alegria’, ‘Tradição’ e ‘Convívio’.

3.2.2 Discussão dos resultados

Na discussão dos resultados optámos por refletir sobre alguns aspetos que na nossa opinião se destacaram durante a análise dos dados. A par destas observações são apontadas as limitações do estudo com que nos deparámos durante o tratamento dos dados e análise dos resultados.

Pretende-se verificar até que ponto os resultados contribuíram para atingir os objetivos propostos no trabalho a fim de darmos resposta à questão inicial.

Na categoria 1 - ‘Identificação do Participante

Primeiramente, procedemos à caracterização da amostra através dos resultados das perguntas sobre o perfil dos participantes inquiridos. Verifica-se que a globalidade da amostra dos inquiridos se distribui da seguinte forma:

A amostra é composta por 113 inquiridos, quando diferenciados por género o sector masculino corresponde 58% e o sector feminino representa 42%.

A maioria dos participantes inquiridos enquadra-se na faixa etária dos 46 aos 64 anos (35%) e é de nacionalidade portuguesa (95%).

Ao nível da Naturalidade e Residência dos inquiridos, a maioria é natural do Concelho de Faro (71%), sendo que 50% destes são naturais da Freguesia de Estoi. A

maioria dos participantes inquiridos (76%) reside no Concelho de Faro e metade são residentes na Freguesia de Estoi.

Relativo à Escolaridade, a maioria dos inquiridos tem o 12º Ano de escolaridade (26%), seguida do 3º Ciclo (24%) e 1º Ciclo (19%). Apenas 16% dos inquiridos têm estudos superiores.

Na categoria 2 - Conhecimentos sobre a Festa

Perante a pergunta ‘Conhece as origens da Festa?’ a maioria dos inquiridos responde afirmativamente (67%) e atribui a sua origem aos almocreves (ou ‘romeiros’), fazendo referência à “promessa de uma festa em honra e agradecimento a Nª Sª ao Pé da Cruz”. Apesar da maioria afirmar que conhece as origens, apenas 29% responde afirmativamente mas não indicam datas específicas, referem apenas ‘mais de 100 anos’, ‘mais de 200 anos’ e ‘centenária’; quando questionamos a fonte desta informação a maioria responde que os seus conhecimentos (acerca das origens da Festa) advêm de ‘Relatos familiares’. Quando questionados sobre o carácter da manifestação, se pagã ou religiosa, a maioria responde que a Festa é composta por ‘ambas’ as vertentes.

Na categoria 3 – Modos de Participação, a grande maioria (86%) dos inquiridos afirma que não é a primeira vez que participa na Festa; destes, a maioria indica participar há vinte anos ou mais. Grande parte (13%) destes indivíduos corresponde à faixa etária dos 46 e 64 anos.

A maioria dos inquiridos 70% afirma que participar na Festa da Pinha é uma tradição de família.

Sendo a manifestação composta por uma sequência de atividades que se desenvolvem em diferentes locais ao longo do dia (2 de maio), a grande maioria dos inquiridos (78%) afirma que participa na Festa desde o início até ao fim; a maior parte destes indica que faz o percurso do cortejo em ‘trator’ (40%), a segunda opção mais utilizada é a ‘montaria’ (19%), seguida da opção ‘automóvel’, as carrinhas de caixa aberta.

Na categoria 4 – Transformações da Festa ao longo do tempo

Quando questionados sobre as mudanças da manifestação, os testemunhos são variados mas identificam-se algumas observações análogas frequentes em que referem:

a participação feminina, a substituição/modernização dos meios de transporte e a abertura da Festa a participantes de outras freguesias.

Na categoria 5 – Motivação

A maioria dos inquiridos revela que as suas principais motivações para participar na Festa são o ‘Convívio’ (39%), e ‘Por ser uma Tradição popular’; e indicam que o que mais gostam na manifestação é o ‘Desfila da romaria’ (56%).

É de salientar que em ambas perguntas sobre a motivação, muitos inquiridos afirmam que apreciam a Festa no seu conjunto, ou seja por todas as características.

Na categoria 6 – Os sentido associados à Festa

As expressões que mais definem a Festa pelos seus participantes são ‘Alegria’, ‘Convívio’ e a Tradição’.

Considera-se que teria sido mais interessante colocar esta questão no início do inquérito pois as expressões indicadas parecem ser fruto da sugestão das opções da pergunta 5.1.

- A questão da Tradição está presente em 2 perguntas do inquérito, na 3.1.2 ‘É tradição de Família’ (sim/não/outro), na 5.1 ‘Qual a principal razão que o leva a participar’ (uma das 6 opções) e surge nas respostas à última pergunta (aberta), 6.1 ‘Defina a Festa da Pinha em três palavras’. Pelos resultados da pergunta 3.1.2 conclui-se que a maioria das pessoas (70%) respondeu afirmativamente. Pela análise das respostas a estas perguntas entendemos que deveríamos ter especificado melhor a pergunta 3.1.2, fazendo-a de forma direta como por exemplo ‘A Festa é uma tradição na sua família?’. Isto porque, verificámos que muitas das pessoas que responderam que ‘sim - é uma tradição de família’ eram inquiridos que não participavam na Festa há muitos anos, ou que estavam a participar pela primeira vez, na altura do inquérito (verificado na pergunta anterior (3.1.1 Se não é a primeira vez, há quantos anos participa?). Perante este facto surgiu a questão: será que estas pessoas consideram a Festa uma tradição na sua família ou no seu conceito, enquanto ‘Festa tradicional’?

Esta situação ressurge na última pergunta do inquérito quando a expressão ‘tradição’ é uma das palavras mais usadas pelos inquiridos para definir o sentido que dá à Festa, representando 15% da amostra, a par do ‘convívio’ (15%). Nesta questão, onde

se pediam apenas 3 palavras, muitos inquiridos responderam ‘É a tradição de um povo’, ou ‘É tradição de Estoi’.

Nesta linha de raciocínio conclui-se que a generalidade dos inquiridos, independentemente do seu conceito de tradição ser relacionada ao sentido de ‘família’ ou ‘comunidade’, considera a Festa da Pinha como uma tradição, algo que é identitário da aldeia e da comunidade.

- Na pergunta 5.2 ‘O que mais gosta na Festa’, perante as opções 5 opções colocadas, (‘Desfile da Romaria’, ‘Veículos enfeitados’, o ‘Traje característico’, o ‘Piquenique’, as ‘Bebidas alcoólicas’, e ‘outro’) muitas pessoas respondiam ‘Tudo’ pois afirmavam a Festa é o conjunto e que não era possível enumerar apenas uma opção. Concluimos que nesta pergunta se devia ter contemplado a opção ‘tudo’ de modo a clarificar melhor os resultados obtidos.

- Participação das mulheres na Festa

Mesmo sendo a amostra constituída aleatoriamente, a diferença de 16% a mais de inquiridos masculinos parece refletir a realidade da Festa.

Não tendo aferido o número total de participantes, não é possível averiguar com certezas mas por observação pode afirmar-se que a maior percentagem de participantes da Festa são homens. Poderá ser um reflexo de uma das suas características originais: uma Festa realizada apenas por homens. Conforme já descrito no subcapítulo Almocreves – o sujeito central da manifestação, na lista onde constam os nomes dos almocreves de Estoi¹²¹ e arredores não se verifica nenhuma mulher com esta profissão. Sendo esta uma Festa dos Almocreves seria natural que as mulheres apenas participassem na parte religiosa da mesma.

Pela ilustração do gráfico 27 podemos verificar que os homens são aqueles que participam na Festa há mais anos, o que vem confirmar os relatos orais a este respeito. Segundo os testemunhos dos participantes mais antigos, a Festa da Pinha (piquenique e cortejo) era exclusivamente masculina até meados da década de 60 do século XX; sendo que a participação feminina era restringida ao arraial na aldeia e à componente religiosa (missa). Só a partir da mudança de regime político dada com o 25 de abril é que as mulheres começaram pouco a pouco a ser aceites e conquistaram gradualmente o seu

¹²¹ *Processo de Eleição da Freguesia de Estoi*, 1878.

lugar na Festa. Na ‘Entrevista 2’ a entrevistada refere que é a única mulher no seu grupo que é composto por 17 ou 18 participantes.

- Inquiridos menores de idade

Aquando do planeamento do inquérito, optou-se por estipular a idade mínima dos inquiridos a partir dos 18 anos por ser considerada a maioridade. Contudo houveram quatro jovens (até 17 anos de idade) que pediram para dar o seu contributo e responderem ao inquérito. Verificou-se que estes jovens participantes tinham conhecimentos e opiniões concretas acerca da manifestação. Todos estes afirmam que ‘a Festa é uma tradição de família’ e que têm participado há mais de 5 anos.

Há uma grande camada de jovens que não foram inquiridos por causa dos motivos acima referidos. Estima-se que devem rondar os 100 participantes.

- Amostra por faixas etárias e género

Verificámos que os resultados seriam mais concretos se fosse possível fazer a contabilização do número total dos participantes mas isto torna-se inviável uma vez que a Festa é de entrada livre. Dadas as características da Festa, sendo esta composta por vários momentos diferentes, o número de participantes em cada um deste é variável. Seria interessante contabilizar o número total de participantes, estratificando-os por faixas etárias e por géneros a fim de se fazer uma caracterização mais específica dos participantes e não apenas uma amostra.

Também se concluiu que dentro da amostra, poderia ser mais elucidativo se tivéssemos inquirido o mesmo número de indivíduos por cada faixa etária, e igualmente o mesmo número por género.

3.2.3 Conclusões

Um dos objetivos principais do estudo é verificar a motivação, o motivo que leva as pessoas a participarem, o que faz com que a Festa da Pinha ainda seja realizada, pois sem a aderência da população a manifestação não teria continuidade.

Com base no resultado dos inquéritos verifica-se que a motivação mais evidente é o ‘Convívio’ (com 39%), seguindo-se a ‘Tradição’ (com 37%). Acrescentam-se ainda, a percentagem dos inquiridos cuja motivação que os leva a participar é o facto de

gostarem da ‘História da Manifestação’ (8%). Apurou-se, à margem do inquérito,¹²² que muitos dos participantes inquiridos que responderam que a ‘Tradição’ era a maior motivação para continuarem a participar na festa são descendentes de almocreves.

Para além das respostas explícitas que resultaram do questionamento direto aos participantes inquiridos, observam-se questões relacionadas com a motivação, pois o núcleo de pessoas que afirma que a maior motivação para participar se prende com o facto de esta ser uma tradição, reconhece o valor histórico desta. Acrescenta-se o facto, de que a maioria das pessoas inquiridas (70%) afirma que a Festa é para elas uma tradição de família.

Assim pode concluir-se que a tradição é o fator chave para manter a realização da Festa, mesmo que se agreguem a esta o convívio e todos os restantes fatores¹²³.

Também é de referir que há muitos anos deixou de haver a actividade de almocreve mas os seus descendentes continuam a sentir necessidade e o dever de recriar a sua Festa. Em algumas famílias ficou a marca dessa actividade, reconhecendo alguns dos inquiridos que graças aos seus pais e avós terem sido almocreves conseguiram maior prosperidade económica; construíram património e graças a isso os seus descendentes puderam prosseguir estudos, concluindo as suas licenciaturas, sendo-lhes assim proporcionado uma forma de vida menos árdua.

Percebemos que com todos os seus componentes, sejam eles mais próximos ou mais distantes da versão original, a Manifestação tem contribuído para manter o sentido de comunidade, comunhão e autoestima coletiva, que assume a forma de agradecimento aos antepassados almocreves, (e de louvor à padroeira N^a S^a ao Pé da Cruz), e que devido à atividade de almocrevaria, a aldeia e os seus habitantes reconhecem que devem em parte a sua prosperidade.

Concluída a análise dos resultados do inquérito, podemos afirmar que foram alcançados os objetivos inicialmente propostos: Verificar qual a motivação dos participantes; Averiguar quais os novos sentidos associados à manifestação; e, Verificar se é conhecida a sua origem e propósitos iniciais, entre os participantes atuais.

Além disto, os dados recolhidos contribuíram para os outros dois objetivos: ‘Investigar a origem e as transformações ocorridas até hoje’, e ‘Analisar como funciona e como se organiza a manifestação’, já tratados no Capítulo II Festa da Pinha.

¹²² Não tendo sido contemplada, no inquérito, uma pergunta para saber se o inquirido era ‘descendente de almocreves’, a informação foi transmitida oralmente ao inquiridor.

¹²³ Outros motivos citados pelos inquiridos mas que constituem uma percentagem pouco expressiva (por ser um ‘evento com cavalos’, por ‘divertimento’, ou ‘apenas hábito’)

IV Gestão Cultural

Neste último capítulo, perante as informações resultantes da investigação e as conclusões retiradas do trabalho de campo, confrontando estas com o Estado da Arte da manifestação, tomando em consideração o panorama atual do local onde este se insere, pretendemos fazer uma reflexão e encontrar novos caminhos que contribuam para fazer a diferença entre o antes e o após o estudo.

Pretendemos refletir sobre a forma como a informação acerca da manifestação cultural é veiculada e sobre a imagem desta aos olhos de quem não conhece a sua base histórica, social e cultural. Perante alguns exemplos com os quais nos deparámos durante o estudo, constatamos que a falta de informação sobre a Festa leva a erros de interpretação. Pensamos ser necessário encontrar um meio para inverter esta situação, e que o real contexto histórico chegue a todos.

Também se faz a reflexão sobre o património num todo, como uma fundamentação para uma proposta de Gestão Cultural. Propomos a criação de um Espaço de Memórias como polo museológico do Museu de Faro, que possibilite a partilha e transmissão da informação sobre a manifestação e, para que, em ligação com o múltiplo património da freguesia, possa servir simultaneamente de ponto de referência, informação e atracção no sector do Turismo Cultural.

Consideramos que disponibilizar uma fonte de informação fidedigna, é fundamental para a interpretação do património existente em Estoi, e desta maneira contribuir para a sua valorização, dignificação e reconhecimento.

4.1 A importância da informação acerca da Manifestação

Como já mencionado no Estado da Arte¹²⁴ a pouca quantidade de informação acerca da manifestação, em nosso entender, deixando margem, havendo um espaço vazio, para riscos de uma interpretação incorreta da Festa e passamos a explicar o porquê.

A investigação pelo método do inquérito tinha como público-alvo os participantes da festa. No entanto, também existem os expectadores, público que assiste ao cortejo, e que reconhece-a como uma tradição, parte integrante da cultural local.

¹²⁴ Cf. Estado da Arte, Introdução.

Portanto, as opiniões acerca da Festa, destes dois grandes grupos, coincidem entre si, e com a verdadeira essência da mesma, sobretudo valorizam o seu carácter de agradecimento. Informalmente, também se abordou o tema da Festa com pessoas que a conhecem a nível muito superficial, e observou-se que a noção que estas têm da manifestação cultural, é muito generalista e por vezes um pouco negativa.

Constata-se que esta diferença de opiniões está associada à falta de conhecimento sobre a Festa, quer das suas origens, da sua história, e ainda do seu propósito. Estas pessoas descrevem-na como um simples passeio a cavalo com piquenique, encerrando com a fogueira e o baile, ignorando o simbolismo dos seus elementos. A isto agrega-se o facto de haver quem exagere um pouco no álcool durante o almoço convívio. E quem a descreve sem a conhecer, faz deste pormenor, uma caracterização geral da mesma¹²⁵. Também é facto que dentro do público inquirido muitos participantes se mostraram incomodados com estas situações, tanto pelos excessos, como pelos maus juízos que daí advêm. Por norma estes são os participantes mais conservadores, que se auto-identificam como os mais ligados à manifestação cultural, tanto pelas suas raízes familiares e pessoais como pela tradição.

Este tipo de pré-conceito, e falta de informação também se verificou a propósito da pesquisa de documentos que suportassem a origem de carácter religioso da manifestação. Na procura de um acervo paroquial de Estoi na sede diocesana do Algarve, ao expor o assunto a dois sacerdotes, as suas opiniões foram incisivas. Estes identificaram a Festa da Pinha como exclusivamente pagã, dissociando-a da tradicional festa religiosa que tinha lugar no dia 3, apesar da Bênção sacerdotal ao início da romaria e da missa de encerramento das festividades. Lembrando ainda, estes priores, o desvincular por parte da Igreja em relação a outras celebrações, festas religiosas, que ao tomarem um rumo mais popular, e pelas características que assumiram causadas pelos excessos festivos cometidos, deixaram de ser realizadas as manifestações no exterior da igreja, celebrando-se apenas a missa.

¹²⁵ Embora algumas pessoas afirmem que a Festa serve apenas como pretexto para excessos, principalmente no consumo de bebidas alcoólicas, isso não corresponde à realidade. Nestes contextos é comum haverem participantes que se excedem mas não se pode fazer uma generalização por este facto. Existem participantes que têm a seu cargo a condução dos animais ou viaturas e são muito conscientes do seu papel e responsáveis pelos seus atos, mantendo-se sempre sóbrios. A maioria dos participantes é alegre e divertida mas sóbria e por altura do inquérito, realizado durante a festa, muitos afirmaram que não necessitam de álcool para se divertirem.

4.2 O que distingue a Festa da Pinha das ‘Festas Medievais’?

Na continuação das situações supra citadas, outra conotação errada associada à Festa da Pinha, é a referência a esta como uma recreação primitiva, ao estilo das que acontecem nas feiras medievais.

É verdade que nos dias que correm, assiste-se a outro tipo de revivalismos, do lembrar e celebrar os tempos passados, para além da prática desta festa, o que não acontecia no início do séc. XX, aquando da realização da mesma nos antigos moldes. Exemplo disto são as ‘Festas ou feiras Medievais’ nos espaços mais antigos das urbes, como, Castro Marim, Silves, e Paderne. Sendo que na Freguesia de Boliqueime, Concelho de Loulé, é realizado o ‘Mercado dos Almocreves’, há três anos consecutivos. Este evento faz parte de um projeto educativo que envolve a participação de alunos e professores, organizado pela Escola local¹²⁶ em parceria com a Autarquia de Loulé.

Os principais objetivos destes eventos são a recreação, o entretenimento, o comércio, a dinamização da comunidade onde se insere, servindo também como grande fator de atracção de turística. Estas festas têm atraído um número avultado de visitantes, que enchem as ruas, e continuam a crescer, quer em público, quer em dimensão, pois os perímetros destas têm vindo a aumentar consideravelmente.

Pode dizer-se que, estes eventos têm contribuindo para aumentar o interesse da população em geral sobre a História, e a importância do património edificado - castelos, fortalezas, ruínas e vilas a dentro. Recriam o modo de vida dos seus antepassados, as actividades socioeconómicas, principalmente as agropecuárias e as mercantis, as histórias ligadas à história, das épocas retratadas. Mas, de um modo geral, o sentido destas feiras é comum, considerando que para além do cunho particular e a história própria de cada vila/local onde estas se realizam, é portanto, universal. Relembrando aqui que todas recriam as remotas épocas medievais.

Havendo que ressaltar a diferença entre estas, e o que acontece na manifestação aqui estudada. Pois no que concerne à Festa da Pinha, esta retrata uma atividade específica, a almocrevaria, e uma data festiva em particular, dias 2 e 3 de Maio, de homenagem e agradecimento à sua padroeira. Actividade medieval que perdurou até inícios do século XX. Por esta altura, o transporte de mercadorias deixou gradualmente de ser feita por almocreves, mas estes e os seus descendentes continuaram a realizar a

¹²⁶ Escola Básica Integrada Prof. Dr. Aníbal Cavaco Silva.

sua festa e honrar a sua padroeira. A manifestação perdurou no tempo, mas foi sendo adaptada aos modernos meios de transporte, e por consequência sofreu alterações.

A figura do Almocreve é englobada como uma personagem típica desse tempo, como a do ferrador, dos profetas, e dos bobos, todas elas caracterizadas em feiras medievais¹²⁷. Contudo a Festa da Pinha, pela sua história e pelas razões já mencionadas, não poderá ser comparada com estes eventos, e não deveria correr o risco de ser interpretada desta forma.

Dado que, com o presente estudo se verifica a sua origem religiosa, esta poderá ser mais uma diferenciação a ser assumida definitivamente.

4.3 Proposta: um Espaço de Memórias

O que a Gestão Cultural permite e pretende, é organizar a informação e disponibilizá-la de forma coerente, perceptível e direta, ao maior número de pessoas possível. Tampouco se trata de uma seleção elitista, mas sim veicular um conhecimento que é património de todos, para todos.

A nossa proposta de criação de um Espaço de Memórias pretende ser uma ação que se enquadre com os recursos já existentes, neste sentido consideramos que este poderia ser um polo-museológico do Museu de Faro, museu que integra a rede Portuguesa de Museus e a Rede de Museus do Algarve. O Espaço de Memórias de Estoi seria uma extensão do Museu de Faro articulando-se com este quer em termos temáticos, quer de serviços partilhados.

Este Espaço serviria para contar uma história, sem manipular a memória mas sim despertando o interesse pelo património imaterial e material da aldeia, e deixando-o em aberto.

Este conceito tem o mesmo sentido orientador do que levou à projeção do Núcleo museológico em processo de concretização em Bordeira¹²⁸ e, à semelhança do

¹²⁷ *Feira Medieval de Coimbra*, (informação à imprensa), 26 de Maio de 2010. Disponível em: http://www.turismodecoimbra.pt/index2.php?option=com_docman&gid=622&lang=en&task=doc_view&Itemid=32. [Consult. 17/10/2012].

¹²⁸ Bordeira é um dos sítios da freguesia de Santa Bárbara de Nexe, Concelho de Faro. É conhecido pela forte tradição dos trabalhos na pedra, a Cantaria, como também pelos tradicionais cantares de ano novo (charolas) e pelo gosto do acordeão (sendo uma localidade referência de reconhecidos acordeonistas intérpretes e compositores).

que aconteceu com o das ruínas romanas de Milreu. No seu artigo dedicado a este tema, no qual refere todo o percurso e as linhas orientadoras do Museu de Faro, desde a sua génese, em relação aos núcleos museológicos, Dália Paulo chama a atenção para a seguinte premissa:

“Musealizar o território ou trabalhar um território com as ferramentas da museologia?” [...] O Museu como parceiro e orientador de processos museológicos “autónomos” ou o Museu como centro desse processo? O Museu como polo irradiador para um território e para a sua fruição levou a que a opção fosse, num primeira fase, a de centro desse processo museológico, com a constituição de núcleos territorialmente descentralizados”¹²⁹.

Tomando isto em consideração, a nossa proposta de criação de um Espaço de Memórias de Estoi, assenta nesta linha de atuação cujo Museu de Faro será o orientador no processo museológico do Espaço de Memórias de Estoi.

Questionar as origens da Festa fez com que se levante a questão sobre todas as partes que a compõem. Depois da investigação chegaram-se a conclusões sobre a razão de ser da cada componente. Reunindo todos os elementos da Festa, repartidos entre as suas várias etapas, ou momentos, agora com o entendimento dos porquês, é uma forma de validação da manifestação cultural. Em nosso entender, esta investigação dos factos foi necessária para haver um melhor entendimento da manifestação de modo a se poder propor uma gestão.

A Festa da Pinha e o evento maior no qual esta se integra, as festividades de maio, como descrito no ponto Eventos e Festividades¹³⁰, já estão contemplados na agenda cultural do Município de Faro, o concelho ao qual pertence.

A divulgação do acontecimento feita nestes suportes vem muitas vezes acompanhada de uma pequena sinopse de informação acerca do carácter da Festa.

Existe informação na internet (além das referencias pontuais), na página em linha da Direção Regional da Cultura do Algarve, e em *blogues*, como o ‘Festa da Pinha’¹³¹, e ‘Aldeia de Estoi’¹³², como também pelas redes sociais virtuais

¹²⁹ PAULO, Dália, “A musealização de um território: o caso de Bordeira, Santa Bárbara de Nexe, Faro”, MUSEAL - Revista do Museu Municipal de Faro Nº4 – *Núcleos museológicos. Que sustentabilidade?*, 2009, p. 70.

¹³⁰ Cf. Capítulo I A Freguesia de Estoi, subcapítulo Eventos e Festividades.

¹³¹ *Festa da Pinha, (Blogue)*, Disponível em: <http://festadapinha.blogspot.pt/> [Consult. 15/10/2012].

¹³² *Aldeia de Estoi, (Blogue)*, Disponível em: aldeiadeestoi.blogspot.com/, [Consult. 13/10/2012].

(*Facebook*¹³³), com uma ‘página de evento’ destinado à divulgação deste, convidando todos a participar da Festa, e a comparecerem no dia e local que manda a tradição. É de salientar a importância deste tipo de divulgação universal, principalmente a que é feita através de membros ativos e participantes da Festa, como é o caso dos *blogues*. Apesar de não fornecerem conteúdos aprofundados sobre a história da Festa, é relevante a quantidade de informação, que aqui se pode encontrar, relacionada com os vários temas no âmbito da Freguesia de Estoi e da Festa em si. Observamos que estes meios contribuem para a divulgação do património da aldeia, para mobilizar a população e refletem a dinâmica dos membros mais empenhados em manter vivas as tradições.

Apesar de todos estes veículos e esforços, em nosso entender, parece não ser o suficiente para fazer chegar a informação à população da região em geral, um potencial público da Festa.

Outro tipo de informação é aquela que se encontra em obras escritas, não sobre a temática da manifestação mas sim sobre a Freguesia. Pelo contexto histórico e património cultural podemos verificar mais uma vez, que esta aldeia tem lugar cativo na história¹³⁴. São em número considerável as obras, antigas e contemporâneas, que já se debruçaram sobre um ou outro aspeto desta aldeia. A quantidade de informação disponível sobre este local é vasta, desde a temática da romanização, arqueologia, património edificado, até à arte, arquitetura, entre outros. Neste âmbito têm contribuído investigadores de várias áreas científicas bem como individualidades locais e interessados na aldeia e suas particularidades. Em 2011 foram realizados dois minidocumentários sobre aspetos da aldeia, dois ofícios ali ainda exercidos que foram alvo de registo no âmbito do *Projeto Documentar Faro Interior*¹³⁵.

Como referido no ponto dos ‘Eventos e Festividades’, dentro das manifestações culturais que se repetem todos os anos, temos a Festa da Pinha e os maios, as procissões e as charolas. Tem também outros eventos como a Feira do Cavalo e vai buscar as raízes típicas equestres que caracterizam esta aldeia e o seu desenvolvimento económico-social, ligado à agricultura que nessa época dependia unicamente dos animais e da mão do homem. A existência de um mercado antigo e tradicional,

¹³³ *Festa da Pinha de Estoi!*, Evento em Página de aplicação de rede social Facebook, Disponível em: <https://www.facebook.com/events/104726992945521/>, [Consult. 15/10/2012].

¹³⁴ Ruínas de Milreu e Palácio de Estoi.

¹³⁵ Projeto levado a cabo pela associação Algarve Film Commission com o objetivo de promover a valorização e divulgação do Património Cultural Local e gerar uma nova dinâmica em torno das Atividades Criativas ligadas ao Audiovisual. Através da criação de conteúdos, pretende-se contribuir para a Preservação, Recuperação, Valorização e Promoção da Cultura, Memória e Identidades Locais. Conteúdos disponíveis em: <http://farointerior.documentar.org/> [Consult. 12/10/2012].

‘Mercado de Estoi’ (e inclusive o MARF na sua zona industrial) também atesta o papel importante que da actividade económica que tem existido neste local que é afinal esta é uma aldeia bastante ativa que teima em manter-se viva e tradicional através dos seus habitantes. Este facto evidencia que a sua história não ficou estagnada num determinado período temporal e que, para além do património edificado, existem mais pontos de interesse para serem visitados e preservados.

Milreu tem, para além das suas ruínas e Casa Rural, outras valências que dinamizam actividades, entre as quais destacamos exposições e visitas de estudo são realizadas regularmente, assim Milreu consegue assim estender-se até à população.

Como já referido, outro polo de atracção de Estoi é o seu Palácio, hoje convertido a uma das Pousadas de Portugal. Muito já se escreveu sobre esta ‘obra’, da sua existência, história e arquitetura. Este é um património único na região, inserido numa pequena aldeia que afinal se mostra cheia de história e memória.

A casa do poeta e médico Emiliano da Costa é propriedade privada, é no entanto um caso peculiar pois a sua antiga proprietária, entretanto falecida, conservava a moradia tal como o poeta a tinha deixado e permitia visitas para dar a conhecer o espaço e as histórias desta personalidade algarvia. Agora permanece ainda indefinido qual o seu destino. Reúne o potencial para um espaço cultural, visitável ao público.

As características singulares presentes na sua arquitetura e urbanismo de Estoi motivou a abertura do procedimento administrativo para a Classificação como Conjunto de Interesse Municipal do Núcleo Urbano Antigo de Estoi; pretendendo-se desta forma proteger, preservar e valorizar o património da aldeia.

O núcleo de Estoi foi alvo de um estudo científico, com uma profunda análise do espaço urbano, intitulado “Estoi, Identidade e Memória”. Ao abordar o tema da salvaguarda e valorização do património cultural a autora do estudo, Patrícia Mallobbia refere que «A identidade de um lugar não está assim exclusivamente ligada a um objeto isolado. Ela estende-se a um campo mais vasto, composto por partes que vivem interdependentes e em permanente transformação.»¹³⁶ Esta visão é coincidente com o que defendemos no presente estudo, reforçando as ideias que aqui já expusemos.

Com os vários pontos de interesse patrimonial, existentes em Estoi, consideramos justificável e ideal a criação de um polo museológico que reunisse em si e

¹³⁶ MALLOBIA, Patrícia, *op. cit.*, p. 22.

disponibilizasse informação sobre a sua história, e a desse a conhecer com maior abrangência.

O facto de esta aldeia (ou qualquer um dos seus aspetos) continuar a suscitar interesse para investigações e estudos académicos, significa que esta é ainda uma fonte de informação proveniente da história e da memória. Verifica-se assim como as diferentes vertentes da cultura coabitam e são vividas na contemporaneidade do presente séc. XXI. Aproveitando o facto da já existência de vários estudos dedicados a estas matérias (sobre uma aldeia tão singular, que se mantém viva pela força da sua população e pelo interesse que suscita a quem a estuda e a visita), uma forma de dinamizar a própria oferta cultural, seria justamente a integração destes saberes numa única fonte, o polo museológico, acessível a todos, qualquer que seja o propósito do visitante.

Sem pretensão e pela natureza dos factos históricos, todos os aspetos expostos neste estudo podem, em nosso entender, contribuir para um projeto deste tipo. Uma das medidas seria tornar visitável a ermida da N^a S^a ao Pé da Cruz. Contudo seria imprescindível a presença da sua história no acervo no núcleo da exposição do Museu.

Apesar de não se entrar numa planificação detalhada, pois este seria mais um estudo por si só, a composição da exposição do polo-museológico parece clara. Aproveitando o facto da existência de património testemunho de cada época, esta seguiria idealmente uma cronologia histórica. Desde a existência da vila romana, nas ruínas de Milreu, passando pela história da actividade socioeconómica desta aldeia com os almocreves, pelo palácio, até às manifestações atuais, características da aldeia.

No Espaço de Memórias, para além de constar o património edificado e o PCI, seria lógico, através dos estudos sobre as vias romanas, identificar troços que compunham a rota do comércio do tempo da vila romana de Milreu e elaborar um percurso explicável. Na nossa visão, seria ideal criar um percurso visitável virtualmente, ou seja, que possa ser percorrido sem sair do polo-museológico, um deles por exemplo, o trajeto que ainda hoje toma a romaria da Festa da Pinha; saindo de Estoi, passando por Sta. Barbara de Nexe, atravessando depois a ponte da ribeira de S. Lourenço em direção ao Ludo (Ponte do “Caminho Árabe”), como se o espectador fizesse parte integrante do cortejo.

A ligação do polo-museológico da aldeia com a sua Festa da Pinha, para além do óbvio, do registo da memória e identidade, e função informativa (a transmissão aos

visitantes, da informação sobre a origem e existência da manifestação), a sua contextualização na história da aldeia, possibilitaria acrescentar esta vertente interativa por parte do público. Os habitantes da aldeia reconhecem a importância da Festa e o Espaço de Memórias seria um complemento que ainda mais a dignificaria, explicaria a sua existência, retribuindo com o seu papel informativo e educativo, algo valioso à população de Estoi, um ponto de encontro com o passado.

Integrando o calendário de eventos das Festividades do Maio e da Festa da Pinha, seria interessante realizar um ciclo de encontros no polo-museológico e convidar todos os interessados, desde a população até aos investigadores, a darem o seu contributo. Isto poderia acontecer através de palestras, ou partilha de história e estórias que foram sendo transmitidas dentro das famílias, entre gerações e chegaram aos dias de hoje, e desta maneira passarem a fazer parte do património coletivo identitário da aldeia. Cada um traria e acrescentaria as suas próprias memórias, que registadas resultariam num espólio de inestimável valor, um contributo para o património cultural imaterial regional.

Assim, a visão pessoal de cada um dos grupos em relação ao mesmo ponto conduziria a uma saudável e necessária discussão sobre o tema, indo de encontro a um dos objetivos deste espaço; como a autora Ana Carvalho expõe numa descrição do papel dos museus junto do PCI:

“O museu no papel de catalisador deve ser capaz de provocar a reflexão e mobilização das comunidades. (...) sensibilizando-as para a importância do PCI e para os problemas que concorrem para o seu desaparecimento. Para além disso, pode caber ao museu a tarefa de informar sobre as possibilidades de desenvolver estratégias de salvaguarda (ex. inventários, sistemas de transmissão, etc.) e, não menos importante, sobre como explorar o PCI em benefício das comunidades e do desenvolvimento local. (...) devem ser as comunidades a preservar o seu património, cabendo, por exemplo, aos profissionais de museus o papel de facilitadores neste processo.”¹³⁷

Já em 2003, a CCDRALg apresentou uma proposta de intervenção em Estoi¹³⁸ que contemplava uma vasta lista intervenções, dos quais apenas três planos foram realizados, para além da requalificação urbana, foram estas, as obras de requalificação do edifício do Cinema Ossónoba, das Igreja Matriz e da Igreja do Pé da Cruz. Estavam

¹³⁷ CARVALHO, Ana, *O Museus e o Património Cultural Imaterial, Estratégias para o desenvolvimento de boas práticas*, (Tese de Mestrado) CIDEHUS, 2011, pp.125-126.

¹³⁸ *Planos de Intervenção das Aldeias do Algarve - Volume 3 - Estoi, Querença, Paderne*. Comissão de Coordenação e Desenvolvimento do Algarve, 2003. Disponível em: http://www.ccdralg.pt/ccdr/parameters/ccdr-alg/files/File/documentos/pi_aldeias03.pdf, acedido em 12 Junho 2012.

ainda indicados os projetos como o Polo Museológico da Água, a criação da Aldeia do Artesão, Rota dos Almocreves, mas estes até à data, não foram concretizados.

Aquando da entrevista que realizámos ao Dr. António Paula Brito, Presidente da Junta de Freguesia, este referiu a obra prevista (a terem início ainda em 2012) da reestruturação do edifício do mercado, onde está localizada a Sede de Freguesia e onde será integrado o Posto de Turismo, no Largo Ossónoba. Nessas obras estão contempladas a construção de duas salas dedicadas a polo-museológico, onde está pensada a recriação da sala, e da biblioteca, da casa do Dr. Emiliano da Costa, utilizando o respetivo espólio. O presidente também mencionou a sua intenção que esse espaço albergue a caracterização etnográfica da freguesia bem como um outro espaço destinado a uma pequena biblioteca. Uma outra hipótese que se coloca para este espaço museológico que está previsto é o museu do brinquedo com um espólio do município de Faro. À luz do presente estudo, considera-se que o projeto de intervenção é louvável, de ótima localização, e apesar do espaço físico ser limitado este pode apresentar uma solução como a incorporar de uma exposição que comunique os elementos históricos e culturais da aldeia.

4.3.1 Relação entre Museu e Turismo Cultural em Estoi

A Festa da Pinha, e as atividades que lhe estão associadas, já são um foco de atração de visitantes pela natureza, do seu carácter festivo e quase teatral, que atrai todos os anos espectadores das freguesias e concelhos limítrofes, para assistir aos festejos. Nem todas as iniciativas de integração da actividade económica turística são mal direccionadas ou pejorativas. Pensa-se que o museu seria uma mais-valia neste contexto, para além de ser o local de memória, identidade e informação por excelência, é também ponto incontornável de qualquer visitante do turismo cultural.

Para além do património de Estoi, o qual podemos observar a olho nu, todos os estudos realizados sobre a aldeia vêm comprovar e atestam o valor da sua inegável riqueza histórica. De tal maneira a História e o Património aqui coabitam que merecem destaque próprio, o que justifica a existência e um local que englobe, abrigue e mostre ao visitante o seu singular e apreciável espólio. Mesmo sendo uma freguesia do Concelho de Faro, é detentora de uma identidade cultural apreciável. Constituir aqui, um núcleo museológico complementar, valoriza não só o local como todo o concelho.

Quando um visitante, um turista, quer saber o que visitar em Faro, Estou mostra-se como um *ex-libris*. Existe variada informação, independentemente ser a fonte fidedigna ou não, disponibilizada através da internet (por isso acessível a todos em qualquer parte do mundo e sem a barreira de “fuso horário”), por exemplo aquando da planificação de umas férias no Algarve, o que muito facilita os turistas interessados, na escolha dos sítios a visitar. Encontra nos postos de turismo toda a informação, tanto em atendimento personalizado como em brochuras e modo *on-line* através de algumas plataformas informativas de entidades como a da Associação de Turismo do Algarve.

Uma manifestação cultural não é, nem pode ser, por si só uma atração turística, esta tem que estar contextualizada e integrada num alargado número de acontecimentos. É o que sucede neste estudo de caso, a Festa da Pinha é parte integrante de um conjunto de iniciativas, que no seu todo e com o suporte histórico devidamente identificado num museu, adquire a dimensão e a credibilidade que lhe são devidas. Não se quer apenas um turismo cultural sazonal, mas sim uma estratégia, que atraia visitantes durante todo o ano. Que para além de visitarem as ruínas de Milreu e o Palácio, os visitantes percorram um circuito pelos outros pontos da aldeia (ex. igrejas e museu) e que a divulgação da festa possa também ser feita através da visita ao espaço museológico.

É importante haver um ponto de confluência como um museu, que convide público a este potencial sector da economia local, um turismo de cultura e de qualidade.

A sinestesia entre os elementos Identidade, Algarve e Turismo é há muito tempo caso de reflexão. Pode dizer-se que o símbolo mais flagrante e menos positivo, reflexo do Turismo na região na década de oitenta, é a paisagem urbana desproporcional e descaracterizada que surgiu como cogumelos em alguns pontos mais turísticos do litoral algarvio. Mas considera-se mais grave e acentuada, a descaracterização da cultura, começando pela Língua, passado pela oferta cultural, e culminando na baixa autoestima, resultante da caricaturada região.

Estes fenómenos associados ao Turismo serviram no entanto para se perceber que a qualidade deste está associada à preservação e não da alteração dos bens culturais. Tal como acontece com o turismo de natureza, ou o denominado turismo rural, que somente existe pelas características únicas e singulares desse meio que se pretende divulgar, pois quando descaracterizado perde a razão de ser. Assim é a cultura, pois o que é genuíno se diferencia, e isso é algo que traz um acréscimo de valor.

Numa perspectiva de gestão cultural considera-se que, a diversidade cultural é um valor central, imprescindível nas políticas de turismo.

A colaboração entre decisores políticos, gestores do território e urbanistas, gestores culturais, e do ambiente, é necessária para reforçar a dimensão cultural no desenvolvimento da região. Tal como é importante a participação das comunidades, quer seja na definição de políticas regionais, nas estratégias, ou planos de desenvolvimento de uma localidade.

Todos estes elementos, fatores e fenómenos, negativos e positivos, foram refletidos de uma forma ou outra, na Carta Internacional sobre o Turismo Cultural¹³⁹ do ICOMOS; o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, ligada à UNESCO, uma organização não-governamental que se dedica à conservação dos monumentos e sítios no mundo. Trabalha para a conservação e proteção dos locais de património cultural¹⁴⁰. Enalte-se a forma positiva os benefícios que podem advir do turismo cultural, onde na linha três da Carta, pode ler-se:

«O turismo cultural é aquela forma de turismo que tem por objectivo, entre outros fins, o conhecimento de monumentos e sítios histórico-artísticos. Exerce um efeito realmente positivo sobre estes tanto quanto contribui - para satisfazer seus próprios fins - a sua manutenção e protecção. Esta forma de turismo justifica, de facto, os esforços que tal manutenção e protecção exigem da comunidade humana, devido aos benefícios socioculturais e económicos que comporta para toda a população implicada.»

O texto refere ainda, no ponto nove, a importância da diversidade cultural como uma das bases de atuação a que se propôs este Conselho:

«(...) o respeito e a protecção da autenticidade e diversidade dos valores culturais, tanto nos países e regiões em vias de desenvolvimento como nos industrializados, e há que a sorte do património cultural da humanidade é realmente idêntica ante a perspectiva do provável desenvolvimento e expansão do turismo.»

Apesar desta Carta de debruçar sobre o Património dos Monumentos e Sítios, será legítimo fazer uma ligação com o PCI, como elemento de identidade cultural e coletivo de um dado território que se trata.

¹³⁹ Carta de Turismo Cultural, ICOMOS, 1976. Tradução Judite S. Primo e Daniella Reboúças Silva, Cadernos de Museologia, Nº 15, 1999.p.181-185. <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/338/247>. [Consult. 12/08/2012].

¹⁴⁰ Tradução livre, ICOMOS is a non-governmental international organisation dedicated to the conservation of the world's monuments and sites. Works for the conservation and protection of cultural heritage places. Respetivamente, <http://www.icomos.org/index.php/en>. e <http://www.icomos.org/en/about-icomos/mission-and-vision/mission-and-vision>. [Consult. 12/08/2012].

Depois desta visão ampla e geral, da relação entre Cultura e Turismo, e ação de preservação, voltando ao panorama da região em que se insere o presente trabalho, resta mais uma reflexão que conduz à essência da manifestação cultural estudada.

Horta Correia numa comunicação apresentada ao V Congresso do Algarve em 1988, intitulada «A identidade do Algarve e o seu Património Cultural», fez uma reflexão sobre a relação entre identidade cultural e património coletivo no contexto do Algarve. Ao abordar a questão do “problema da identidade”, associado à descaracterização cultural da região, já na década de oitenta, o autor sublinha a importância do conhecimento profundo da sua história (pré-História) para se perceber o quanto desta terá contribuído «para a formação e consolidação do seu espaço cultural». Prosseguindo o raciocínio, o autor afirma que «o estudo do substrato pré-romano será decisivo para o entendimento das raízes algarvias»¹⁴¹.

Estas afirmações supra citadas, referem-se mais ao património arquitetónico, mas parecem poder ser aplicáveis aos demais âmbitos do património cultural. Nelas se espelham dois aspetos que o presente estudo pretende sublinhar a importância. Primeiramente a dos percursos romanos, e a dos caminhos que se assumiam como 'estradas' do trânsito comercial, dessa época da história, e a contribuição que as heranças destas culturas, mais antigas que as medievais, deixaram impregnadas na identidade cultural deste território e perdura até hoje nas suas manifestações culturais.¹⁴²

Considera-se que estes pontos são fundamentais, e para que o público tenha uma maior acessibilidade a eles, seria através de uma exposição e divulgação, num local adequado que não necessitando ter um grande espaço físico, poderia transmitir a informação por meios alternativos, como o virtual, o interativo.

É neste sentido que se considera que a criação de um espaço museológico seria uma solução adequada, acarretando benefícios, quer para a população e imagem da freguesia quer como um fator de atração de turismo cultural com repercussões positivas para a região.

O presente estudo aponta para uma possível solução que se traduziria na criação de um 'Espaço de Memórias'. Contudo, o desenvolvimento em profundidade deste ponto sairia fora do âmbito deste trabalho pois um projeto dessa natureza terá que ser precedido por um estudo de viabilidade e planificação. Neste sentido, este trabalho de

¹⁴¹ CORREIA, José Eduardo Horta, *O Algarve em Património*, Olhão : Gente Singular, 2010, p.115.

¹⁴² Apenas se refere ao tempo dos romanos sem aprofundar os outros povos históricos. Sobre este assunto pode consultar-se *Monografia de Estoi, Cap. VI, Povos históricos*. p.49.

investigação poderá ser a base para a elaboração de um guião científico para o Espaço de Memórias, que por sua vez precederá o programa museológico e posteriormente o projeto de museográfico. O Espaço não deve ser uma pequena coleção visitável autónoma mas deve sim ficar articulado com o Museu de Faro porque, em nosso entender, este deverá funcionar como um espaço de depoimentos servindo às pessoas, consistindo num referencial de autenticidade da tradição.

Este Espaço de Memórias deverá remeter para os vários espaços materiais imóveis que têm um significado neste património imaterial.

Todas as partes que concernem à criação do museu, as estratégias específicas para ir de encontro ao público e o atrair para o museu, seriam tópicos a serem trabalhados no estudo posterior que viesse completar este estudo.

Reflexões Finais

Na sequência do estudo efetuado para a realização deste trabalho pode apurar-se que é das raízes culturais que se alimenta toda a estrutura das tradições e do património de cada indivíduo, ou coletividade, nas suas diferentes escalas. Mais se acrescenta, considerando que as representações e os comportamentos individuais ou coletivos estão, de modo consciente ou inconsciente, bem enraizados em simbolismos e crenças.

Propusemo-nos com este trabalho, verificar como funciona a manifestação de PCI, quais as transformações ocorridas desde a sua origem, e de que forma esta é vivida hoje. Para isto foi necessário procurar as suas raízes e identificar as mudanças que ocorreram ao longo da sua existência. Só assim foi possível entender a sua história e escrever sobre ela pois estes dois elementos são as bases essenciais para atribuir um maior sentido à manifestação. Pretendeu-se também com este estudo fundamentar as raízes históricas da mesma. O primeiro procedimento foi contextualizar o território onde a manifestação acontece. Assim, o enquadramento geográfico e histórico revela-se uma parte importante. Aqui verificamos que a localização e o posicionamento da aldeia de Estoi, no Barrocal do Algarve Central, foram estratégicos e relevantes ao longo da história, no desenvolvimento, tanto da aldeia, como da região. A pesquisa histórica fundamenta esta afirmação nos vestígios que confirmam uma forte presença romana no local¹⁴³, e durante muitos anos, pensou-se ter sido esta a localização da importante cidade de Ossónoba. Tendo este local sido palco de anteriores ocupações que também deixaram as suas marcas, Fenícios, Gregos, Celtas e posteriormente árabes, deixaram uma herança patente ainda nas demonstrações culturais que chegaram aos nossos dias, caso concreto do património imaterial. Observa-se desde cedo a importância dos fluxos de água abundantes na região, esta era indispensável para uma agricultura próspera, e os seus cursos facilitavam o transporte e a comercialização da produção. Isto constituía um fator de atração sobre estes povos, o que conduzia à fixação dos mesmos. Dado que Estoi era detentora deste manancial, o florescimento do lugar foi uma evolução natural.

Os dados e factos que foram ocorrendo durante a pesquisa são reveladores da autenticidade de uma história profunda e realista, digna de ser considerada e preservada como Património Cultural Imaterial que é.

¹⁴³ Ruínas de Milreu.

Para além dos documentos escritos tivemos como instrumentos de trabalho fontes orais, as pessoas com as quais fomos comunicando; das mais simples às mais instruídas todas revelaram em comum o orgulho nas suas tradições, na sua Festa da Pinha, na sua aldeia e nos seus antepassados. Os seus relatos, testemunhos e opiniões são convergentes no que se refere aos pontos fundamentais nos quais assenta este trabalho. Aludimos à “origem”, às “alterações ao longo do tempo”, à “forma atual” e ao sujeito central da manifestação, o “almocreve”; ‘referências’ que têm acompanhado esta Festa ao longo dos tempos e cujo seu reflexo se mantêm até hoje.

Verificou-se que a profissão de almocreve, a sua importância na vida socioeconómica da região que se amplifica pela ação comercial e social que lhe estava associada, (quer por meios terrestres, fluviais ou marítimos), nunca foi posta em causa nem foi adulterada. Somente bases sólidas e verdadeiras têm capacidade de fazer durar e perdurar manifestações com este carácter, significado e abrangência.

Assim, só refletindo sobre estas evidências se pode compreender facto de mesmo após tantos anos decorridos desde a extinção da almocrevaria esta actividade continue a ser lembrada no espírito dos estoienses e tenha ultrapassado há muito os limites da aldeia.

Perante o estudo que realizámos, aferimos que as pessoas não sabem identificar com exatidão a razão de ser da Festa para além de fazerem referência à lenda: “festa dos almocreves em agradecimento à N^a S^a do Pé da Cruz”. No entanto, ao estudarmos a manifestação verificamos que esta tem raízes mais profundas; para além de toda a sua contextualização/enquadramento nos rituais festivos das comemorações da primavera, ela de facto recria uma peculiar parte da ‘cena’ da vida dos almocreves locais. Como se pode verificar, contradizendo a leitura simplista que a maioria das pessoas faz hoje desta manifestação cultural, encontram-se fortes motivos escondidos e bem arraigados num passado remoto.

Partindo da reflexão que fizemos sobre a figura do “Almocreve”¹⁴⁴, seria de todo o interesse complementar a informação resultante do presente estudo com uma investigação sobre a ligação entre este ‘agente’ e a devoção à N^a S^a do Pé da Cruz. Em nosso entender a importância desta actividade na época medieval, enquadrada na administração do reino poderá coincidir com alguma devoção em particular à figura da

¹⁴⁴ Cf. Capítulo II, O Almocreve – O sujeito central da manifestação.

“N^a S^a ao Pé da Cruz” ou relacionado às “Ermidas do Pé da Cruz”. Tendo em conta que isto sairia fora do âmbito dos objetivos deste trabalho, este ponto ficará em aberto para ser por ventura realizado a título de parceria num novo projeto. Tal como é nossa intenção acompanhar, e contribuir na medida das nossas possibilidades, o desenvolvimento de futuras investigações arqueológicas e históricas sobre “Farroilhas”, este extinto ponto nevrálgico da região; a fim de suportar a tese (a razão de ser do piquenique no Ludo) que defendemos no presente estudo.

No que se refere à aldeia de Estoi, existindo um património cultural material tão identitário se a este aliarmos o PCI das suas tradições, verificamos um conjunto muito singular. Ao articular estes dois patrimónios, e através do reconhecimento e valorização deste conjunto, pode ser conseguida a preservação de um local histórico, ativo e economicamente autossustentável.

Um espaço museológico, além de ser um espaço de memórias e de identidade, deverá ser encarado como um lugar vivo; este também pode ser visto como gerador de riqueza pois é com certeza gerador de informação e desenvolvimento. Os espaços culturais apostam hoje em dia em novas estratégias para ir de encontro ao público que ainda o desconhece, assumem uma função muito importante na vida sociocultural e educativa das pessoas, contribuem para o sentido de identidade e autoestima de uma comunidade e de uma cultura na medida em que são o reflexo das mesmas. Neste sentido, em nosso entender, a gestão cultural adequada deve ser planeada com o objetivo da valorização e a sua intervenção deverá incidir sobretudo na potencialização dos recursos existentes.

Antecedendo a qualquer projeto, como a proposta do Espaço de Memórias aqui apresentada, no seguimento deste trabalho pretendemos avançar no sentido da inventariação desta manifestação cultural. Acreditamos que o estudo contém toda a informação imprescindível ao preenchimento da “Ficha de Património Imaterial”, disponibilizada pela plataforma MatrizPCI.

Esta medida é o primeiro passo para, em partilha com a comunidade, registar a manifestação no Inventário Nacional e assim contribuir-se para a salvaguarda da Festa da Pinha no panorama do PCI nacional, precedendo eventualmente uma candidatura à “Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade”.

Numa consideração final, em nosso entender, o reconhecimento desta manifestação como PCI através do seu registo e criação do Espaço de Memórias, dignificaria a mesma, valorizando ao mesmo tempo a aldeia onde esta se realiza bem como as pessoas que mantêm viva a tradição com a sua recriação anual. Somente existindo um 'referencial de autenticidade' poderão ser tomadas mediadas para que a manifestação não incorra no risco da descaracterização e/ou extinção.

Pode concluir-se que, mesmo com os condicionalismos que um trabalho desta natureza se depara (a pesquisa por meio de fontes de informação inéditas que se cruzam) foram atingidos todos os objetivos inicialmente propostos.

A investigação pelo Estudo de Caso funcionou como fio condutor no desenvolver do trabalho, esta serviu para esclarecer o passado de modo a melhor entender o presente e para dar um maior sentido à existência da manifestação de PCI "Festa da Pinha".

Referências Bibliográficas

“Auto da Padeira de Aljubarrota per Diogo da Costa”, Lisboa 1749, Officina dos herdeiros de Galvão, in LOPES, João Baptista da Silva, *Corografia ou Memoria Económica, Estatística e Topográfica do Reino do Algarve*, (1841), Faro: Algarve em Foco Editora, 2º vol., 1988.

“Mappa geral Estatístico de 1864-1865”, in OLIVEIRA, Ataíde, *Monografia do Concelho de Loulé*, 1905, 3a ed. Faro: Algarve em Foco, 1989.

ALARCÃO, Jorge, *Portugal Romano*. Lisboa: Verbo, Col. História Mundi, 1973.

BEJA, Nuno, *Transcrição de documentos relativos à História do Algarve, Anais do Município de Faro*, vol. XIX/XXX, 1999-2000, p. 209-247.

BELL, Judith, *Doing your research project: a guide for the first-time researchers in education and social science*. 2. reimp. Milton Keynes, England: Open University Press, 1989.

BERNARDES, João Pedro, “A relação campo/cidade – Os casos de Milreu e Ossonoba” in PAULO, Dália, et al, *Caminhos do Algarve Romano*, 2005, *Caminhos do Algarve Romano*. Faro: Edição da Câmara Municipal de Faro, 2005.

BRITO, Salustiano Lopes de, *A tomada de Faro: a locução; As memórias paroquiais da cidade de Faro*, Separata de Anais do Município de Faro, ano XVII, 1987, pp. 43-56.

CABRAL, Clara, “A Convenção da UNESCO: Inventários e Salvaguarda”, in *Museus e Património Imaterial: agentes, fronteiras, identidades*. Instituto dos Museus e da Conservação e Softlimits, 2009.

CADETE, Rogério, e EVARISTO, Nuno, *A Festa da Pinha*, Grupo Desportivo e Cultural-Jograis António Aleixo, 2000, p. 2.

CARVALHO, Ana, *O Museus e o Património Cultural Imaterial, Estratégias para o desenvolvimento de boas práticas*, pp.125-126. (Tese de Mestrado) CIDEHUS Universidade de Évora, Edições Colibri, 2011.

CORREIA, José Eduardo Horta, *A identidade do Algarve e o seu património cultural*, 5º Congresso do Algarve : comunicações / org. Racal Clube . - Silves : Racal Clube, 1º vol., p.185-190, 1988.

CORREIA, José Eduardo Horta, *O Algarve em Património*, Olhão : Gente Singular, 2010.

COSTA, Paulo Freire da, “Introdução”, *Museus e Património Imaterial: agentes, fronteiras, identidades*, Edição: Instituto dos Museus e da Conservação e Softlimits, 2009, pp. 15-29.

Dicionário de Língua Portuguesa, Universal, Texto Editores, 8ª Ed., 2006.

Fabião, C. (1999) – “O Algarve romano”, in *O Algarve da Antiguidade aos nossos dias*, coord. Maria da Graça Maia Marques, Lisboa : Colibri, 1999.

FRANCO SÁNCHEZ, Francisco, “Vias Y Defensas Andalusies En La Mancha Oriental”, 1995. pp. 57-58, in RODRIGUES, Sandra, *As vias romanas do Algarve*, Faro : Centro de Estudos do Património da Universidade do Algarve, CCR Algarve, 2004.

GUEDES, Lívio da Costa, *Aspectos do Reino do Algarve nos séculos XVI e XVII : a descrição de Alexandre Massaii (1621)*, Lisboa : Arquivo Histórico Militar, 1988-1989. - 2 vol., (Separata do Boletim do Arquivo Histórico Militar), 1988.

GUINOTE, Paulo Jorge e LOPES, António, “Os tempos da festa: elementos para a definição, caracterização e calendário da festa na 1ª metade do século XVIII”, p. 384 in *A Festa*, Vol.1, Comunicações apresentadas no VIII Congresso Internacional, A Festa. Coordenação de Maria Helena Carvalho dos Santos. Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII, Universitária Editora. Lisboa, 1992.

IRIA, Alberto, *Descobrimentos Portugueses: O Algarve e os Descobrimentos*, Vol. II, tomo I, Lisboa, 1956.

LAMEIRA, Francisco Ildefonso C. e PAULO, Dália, *Aldeia de Estoi (percurso 3) / fot. Hélio Ramos*, Faro : Câmara Municipal, 1999.

LAMEIRA, Francisco, “Contributo para o estudo da arquitetura setecentista algarvia: a Quinta de Estoi”, in *Revista Monumentos*, nº22, 2005.

LEAL, B. “A Igreja no Algarve nos séculos XVII e XVIII”, in *O Algarve da antiguidade aos nossos dias : elementos para a sua história / coord. Maria da Graça Maia Marques ; colab. Ana Cristina Balbina, Rui Manuel Loureiro*. Colibri, 1999.

Livro 1º de Cortes, doc. 29, fol. 118, Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Lisboa, in MORENO, Humberto Baquero, *op. cit.*, 1979.

LOPES, João Baptista da Silva, *Corografia ou Memoria Económica, Estatística e Topográfica do Reino do Algarve*, (Lisboa, Edição Fac-simile da Academia das Ciências de 1841), Faro: Algarve em Foco Editora, 2 vol., 1988.

MACEDO, Jorge Borges “Problemas de História da Indústria Portuguesa do Século XVIII”, Lisboa, 1963, p.132, in MORENO, Humberto Baquero, *A acção dos almocreves no desenvolvimento das comunicações inter-regionais portuguesas nos fins da Idade Média*, Porto : Brasília, 1979.

MALLOBIA, Patrícia, *Estoi _ Identidade e Transformação*, (Tese de Mestrado), Faro: Câmara Municipal, 2009.

MALOBIA, Patrícia, "A aldeia de Estoi: formação e transformação", in Revista *Monumentos*, nº 24, 2006, pp. 210 - 217.

MANTAS, Vasco Gil. *As civitates: esboço da geografia política e económica do Algarve Romano in Noventa séculos entre a Serra e o Mar. Ministério da Cultura. IPPAR*, pp. 238-309, Lisboa. 2005.

MANTAS, Vasco Gil, “As cidades marítimas da Lusitânia” 1990, p. 189. in VIEGAS, Catarina, *A ocupação romana do Algarve: estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, 2011.

MARQUES, A. H. de Oliveira, “A Sociedade Medieval Portuguesa”, 1ª ed., Lisboa, 1964, pp.147-148, in MORENO, Humberto Baquero, *A acção dos almocreves no desenvolvimento das comunicações inter-regionais portuguesas nos fins da Idade Média*, Porto : Brasília, 1979.

MARQUES, Maria da Graça Maia, et al., *O Algarve Da Antiguidade aos Nossos Dias: Elementos para a sua História*. Lisboa: Edições Colibri, 1999.

OLIVEIRA, Ataíde, *Monografia de Estói*, 1914. Faro: Algarve em Foco. 1993.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, *Festividades Cíclicas em Portugal*, Lisboa : Dom Quixote, 1984.

OLIVEIRA, Leal de, *Subsídios para a localização de Farrovilhas, antigo porto do termo de Loulé*, Anais do Município de Faro, VII, Faro: Câmara Municipal de Faro, 1977, pp. 231-273.

PAULO, Dália, “A musealização de um território: o caso de Bordeira, Santa Bárbara de Nexe, Faro”, MUSEAL - Revista do Museu Municipal de Faro Nº4 – *Núcleos museológicos. Que sustentabilidade?*, 2009, p. 70.

Planos de Intervenção das Aldeias do Algarve - Volume 3 - Estoi, Querença, Paderne. Comissão de Coordenação e Desenvolvimento do Algarve, 2003. Disponível em: http://www.ccdr-alg.pt/ccdr/parameters/ccdr-alg/files/File/documentos/pi_aldeias03.pdf, [Consult.12/06/2012]

RODRIGUES, Sandra, *As vias romanas do Algarve*, Faro : Centro de Estudos do Património da Universidade do Algarve, CCR Algarve, 2004.

SALGADO, Vicente, Frei, *Memórias eclesiásticas do Reino do Algarve*. Lisboa: Regia Officina Typografica, Cap. VIII, 1786.

VEIGA, S.E., *Antiguidades monumentais do Algarve : tempos pré-históricos*, (1886), pref. Teresa Júdice Gamito, Vol. 4, Faro : Universidade do Algarve, 2005.

VIEGAS, Catarina., dir. Victor S. Gonçalves. *A ocupação romana do Algarve: estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, 2011.

YIN, K. Robert, *Case study research : design and methods*, Newbury Park: Sage Publications, 1993.

Documentos ADF

Contas das Confrarias e Irmandades, manuscrito, ADF, Maço 35, 1851/1911.

Processos de eleição das freguesias de São Brás de Alportel, São Pedro e Estoi do Concelho de Faro, Governo Civil do Distrito de Faro, Eleições Paroquiais, ADF, Maço 24, 1878.

Periódicos

A Lupa Mágica, ACESTOI, ano 1, nº 1, Faro: 2012.

A Lupa Mágica, ACESTOI, ano 1, nº 2, Faro: 2012.

Jornal “O Algarve”, 27 de Maio de 1928. Arquivo da Biblioteca Municipal de Faro.

Jornal “O Algarve”, 5 de Maio de 1940. Arquivo da Biblioteca Municipal de Faro.

Jornal *O Povo Algarvio*, Ano II, Nº 39, 4 de Junho de 1910.

Jornal *O Povo do Algarve*, 11 de Maio de 1917, Biblioteca Nacional.

Jornal *Povo Algarvio*, 1 de Maio de 1955; e 29 de Abril de 1956. Arquivo da Biblioteca Municipal de Faro

Jornal *Província do Algarve*, 11 de Junho 1911.

Legislação

Decreto-Lei n.º 115/2012

Decreto-Lei n.º 139/2009

Decreto-Lei n.º 97/2007, de 29 de março, e respetiva Portaria n.º 377/2007, de 30 de março.

Decreto-lei n.º 215/2006, de 27 de Outubro.

Despacho n.º 1018/2011, de 12 de janeiro

Diário da República, I/S, n.º 69, de 9 de abril de 2010

Recursos da Internet

Aldeia de Estoi, (Blogue), Disponível em: aldeiadeestoi.blogspot.com/, [Consult. 13/10/2012]

BRITO, José António de Paula, “Lenda da Festa da Pinha” in ZACARIAS, Fernanda, *Mitos, Crenças e Superstições no Concelho de Faro*, Departamento de Cultura, Divisão de Museus, Arqueologia e Restauro, 2010, p. 21. Documento disponível em: http://cms.cm-faro.pt/upload_files/client_id_1/website_id_1/museu/projetos/Mitos,%20crencas%20e%20supersticoes%20no%20Concelho%20de%20Faro.pdf [Consult. 16/01/2013]

CARVALHO, Ana, “Cátedra UNESCO de Património Imaterial na Universidade de Évora”, entrevista a com Filipe Themudo Barata [04/03/2013], in *Blog No Mundo dos Museus*, disponível em: <http://nomundodosmuseus.hypotheses.org/5275> [Consult. 28/04/2012]

Feira Medieval de Coimbra, (informação à imprensa), 26 de Maio de 2010. Disponível em: http://www.turismodecoimbra.pt/index2.php?option=com_docman&gid=622&lang=en&task=doc_view&Itemid=32. [Consult. 17/10/2012]

Festa da Pinha de Estoy!, Evento em Página de aplicação de rede social Facebook, Disponível em: <https://www.facebook.com/events/104726992945521/>, [Consult. 15/10/2012]

Festa da Pinha, (Blogue), Disponível em: <http://festadapinha.blogspot.pt/> [Consult. 15/10/2012]

ICOMOS <http://www.icomos.org/en/about-icomos/mission-and-vision/mission-and-vision>. [Consult. 12/08/2012]

ICOMOS, *Carta de Turismo Cultural*, 1976. Tradução Judite S. Primo e Daniella Rebouças Silva, *Cadernos de Museologia*, Nº 15, 1999, p. 181-185. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/338/247>. [Consult. 12/08/2012]

Inventário do Património Arquitectónico e Arqueológico Concelhio, Plano Diretor Municipal, Relatório, Anexo IV, Évora, 2005, p. 93. Disponível em: http://www2.cm-evora.pt/PDME/01_ANEXO_IV/Anexo_IV.pdf [Consult. 12/10/2013]

Matriz PCI www.matrizpci.imc-ip.pt [Consult. em 10/04/2012]

Matriz PCI http://www.ipmuseus.pt/pt-PT/patrimonio_imaterial/ContentDetail.aspx [Consult. em 10/04/2012]

Matriz PCI <http://www.matrizpci.imc-ip.pt/matrizpci.web/Inventario/InventarioFiltrar.aspx> [Consult. em 12/03/2013]

Pedra da Pinha, Percorso de Monfurado, Percursos Ambientais de Évora, Centro de Interpretação do Concelho de Évora, disponível em:

Projecto Documentar, Algarve Film Commission, <http://farointerior.documentar.org/> [Consult. 12/10/2012]

UNESCO - *Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural*, 1972. Disponível em <http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf> [Consult. 10/01/2013]

UNESCO <http://whc.unesco.org/>

UNESCO <http://www.unesco.org/new/en/unesco/about-us/who-we-are/introducing-unesco/>

UNESCO, Cátedra com o título “Intangible Heritage and Traditional Know-how: Linking Heritage”, disponível em: <http://www.unesco.org/en/university-twinning-and-networking/access-by-region/europe-and-north-america/portugal/unesco-chair-in-intangible-heritage-and-traditional-know-how-linking-heritage-1007/> [Consult. 28/04/2013.]

UNESCO, *Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Folclore*, Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, Paris, 1989. Disponível em: http://cvc.instituto-camoes.pt/cpc2007/patrimonio/bloco2/recomendacao_%20sobre_a_salvaguarda_da_cultura_tradicional.pdf [Consult. 10/01/2013]

UNESCO, *Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Folclore*, 1989. Disponível em: http://cvc.instituto-camoes.pt/cpc2007/patrimonio/bloco2/recomendacao_%20sobre_a_salvaguarda_da_cultura_tradicional.pdf [Consult. 10/01/2013]

ZACARIAS, Fernanda, *A Festa da Pinha, uma manifestação do património imaterial de Estoi*,
Jornal Postal do Algarve, 2012, p. 11. Disponível em:
http://www.clipquick.com/Files/Imprensa/2012/11-02/1/1_1929630_C07791D7384956B262ABE244D4F27FB9.pdf. [Consult. 16/01/2013]

<http://aldeiadeestoi.blogspot.pt/> [Consult. 01/02/2012]

<http://imprompto.blogspot.pt/2006/05/mapas-das-vias-romanas-sul-de-portugal.html> [Consult. 17/07/ 2012]

<http://medinsuevora.wordpress.com/> [Consult. 28/04/2013]

<http://purl.pt/762/1/P17.html> [Consult. 01/08/2012]

<http://viasromanas.planetaclix.pt/>. [Consult. 01/08/2012]

<http://www.aea.pt/almancil/farrobilhas.html>. [Consult. 01/08/2012]

<http://www.aea.pt/almancil/farrobilhas.html>. [Consult. 17/07/ 2012]

<http://www.ccdr-alg.pt/ccdr/parameters/ccdr-alg/files/File/documentos/arqueologia.pdf>.
[Consult. 01/08/2012]

http://www.ccdr-alg.pt/ccdr/parameters/ccdr-alg/files/File/documentos/pi_aldeias03.pdf.
[Consult. 01/07/2012]

http://www.evora.net/percursos/persurso_monfurado.htm [Consult. a 10/06/1012]

http://www.geocaching.com/seek/cache_details.aspx?wp=GC1G1NT. [Consult. 01/08/2012]

<http://www.igespar.pt/media/uploads/trabalhosdearqueologia/23/3.PDF> [Consult. 17/07/ 2012]

http://www.jf-almancil.pt/index.php?article=47&visual=1&id_area=18. [Consult. 01/08/2012]

http://www.jornalsabores.com/noticia.php?id=134&id_edit=10. [Consult. 01/07/2012]

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1. [Consult. 01/10/ 2012]

<http://www.portugalromano.com/2012/01/page/2/>. [Consult. 01/08/2012]

<http://www.projectotasa.com/about/> [Consult. 15/01/2013]

Ilustrações BNP - Fichas Bibliográficas

Ilustração Almocreve n° 1

Almocreves em viagem, Visual gráfico, 1 gravura : buril, p&b. Ano 17--?, data provável baseada em características formais. Dimensões da composição: 28x38 cm. Resumo: Em caminho rural, dois viajantes com burros carregados cuidam de um deles.

Disponível em: <http://purl.pt/4373>. [Consult. 01/08/2012]

Ilustração Almocreve n° 2

PALHARES, João, ca 1810? - ca 1890?

Almocreve [Visual gráfico] / Palhares lith. - [S.l. : s.n., ca 1850 (Lisboa) : : Lith. R. N. dos M.es, n° 14). - 1 gravura : litografia, aguarelada ; 20,5x18,8 cm (imagem com letra). - ([>1ª Colecção Palhares<] ; 35). - Data provável, atribuída segundo o período de actividade conjugável do autor e do impressor. - Título da col. atribuído pelo catalogador, baseado em H. Lima. - Dim. f.: 31x22 cm PTBN E. 1140 P.. - Soares, E. - Inv. da col. de est., n.º 1140. - Lima, Henrique de Campos F. - Costumes Portugueses. Lisboa, 1917, p. 25.

Disponível em: <http://purl.pt/22473/1/>. [Consult.01/08/2012]

Fotografias

PB - Pedro Barros, fotografias cedidas pelo autor.

EP - Eduardo Pinto, fotografias cedidas pelo autor.

(Não identificadas) – fotografias da autora do presente estudo.

Vídeo

FRAGA, Carlos, *Estoi em Festa*, Livremeio Produções, 2011. Vídeo Vd HD – cor. 45 min..

Trailer disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yMGNjOlyf_g.

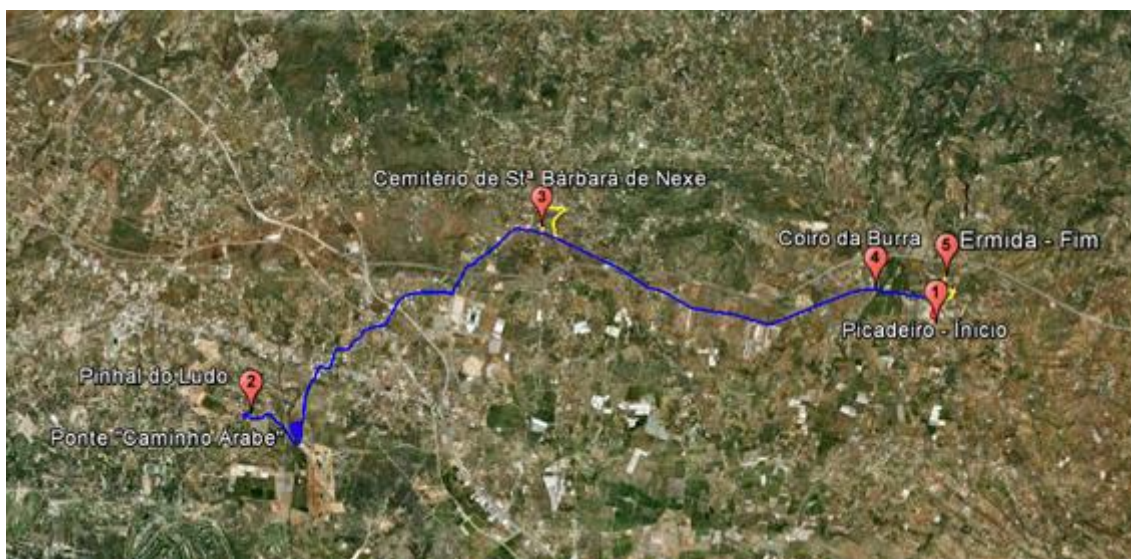
Música (e Letra)

Hino da Festa da Pinha, (CD – 7'52 min.), Produção ACESTOI. Letra e música da autoria de Fernando Inês.

ANEXOS

ANEXO A - Descrição visual da Festa da Pinha (fotografias e mapas)

Como complemento às fotografias que acompanham a descrição promonorizada, inserida no capítulo II Festa da Pinha, segue-se uma descrição visual com o apoio de mapas para melhor se entender todo o percurso, os momentos e os componentes do cortejo da Festa da Pinha. Partindo do geral ao particular, apresentamos em primeiro lugar o mapa geral¹⁴⁵ onde se encontra assinalado o trajeto e os pontos principais; de seguida repartimos o percurso em quatro partes para serem ilustradas por secção.



Mapa 3 - percurso completo do cortejo da "Festa da Pinha"

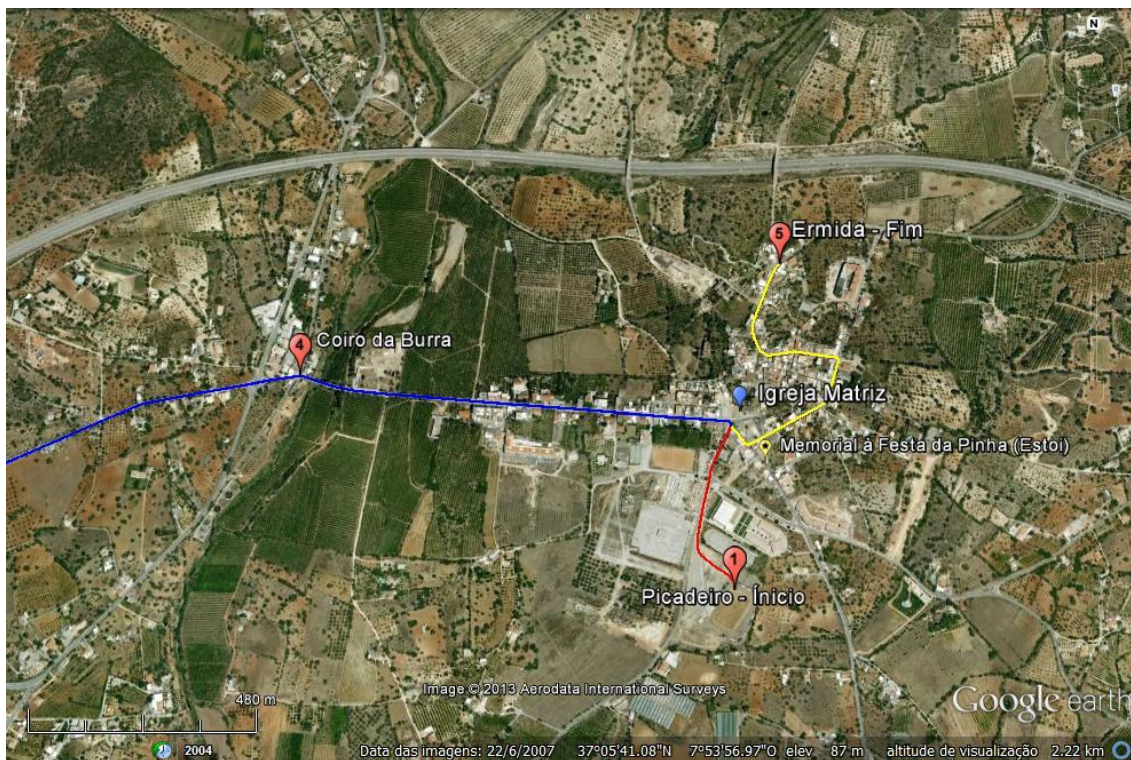
Legenda:

- INÍCIO do trajecto: Picadeiro (Rua do Cemitério) → intersecção com o Largo da Liberdade/Igreja Matriz (Rua de Faro) (↑)
- Trajecto comum de ida e de regresso: Largo da Liberdade/Igreja Matriz → Pinhal do Ludo (e vice-versa) (↔)
- Alteração do trajecto:
 - 3 passagem por Stª Bárbara de Nexe (⤴)
 - 5 Largo da Liberdade/Igreja Matriz → Ermida Nª Sª do Pé da Cruz (FIM) (⤵)

- 1 Picadeiro da aldeia (INÍCIO - reunião dos participantes; 7h00)
- 2 Pinhal do Ludo (Piquenique convívio; 12h00-18h30)
- 3 Passagem por Stª Bárbara de Nexe (Paragem em frente ao cemitério, homenagem ao Pe. Júlio Tropa; 20h00)
- 4 Sítio Coiro da Burra (local de paragem: acender das tochas / agregação dos representantes do poder local e da Banda Filarmónica; 22h30 / 23h00)
- 5 Ermida do Pé da Cruz (chegada à ermida da padroeira / local da "Fogueira" / fim do percurso da romaria; 23h00)
- Ponte "Caminho Árabe" (travessia da ponte / entrada do percurso na zona do Ludo)

¹⁴⁵ A representação do mapa obedece às coordenadas geograficas Norte-Sul; assim, tendo em consideração que o ponto 1 do trajecto se encontra à direita na imagem, a leitura deverá ser efectuada numa orientação da direita para a esquerda de acordo com a numeração dos pontos-chave do percurso.

Ponto 1 - Início: Reunião dos participantes e veículos no picadeiro da aldeia



Mapa 4 – secção 1 (pormenor do mapa)



Imagem 1 – reunião de participantes e veículos no picadeiro da aldeia (PB, 2013)



Imagem 2 - carro n° 1, trator com atrelado (PB, 2013)



Imagem 3 – Participantes reunidos no picadeiro (PB, 2013)

Início do Cortejo: Saída do Picadeiro (ainda no Ponto 1)



Imagem 4 – D. Ana Maria e o seu “Burro João”, 1ª participante na ordem do cortejo (2011)



Imagem 5 – saída picadeiro (2011)



Imagem 6 – saída picadeiro (2011)



Imagem 7 – saída picadeiro (2011)



Imagem 8 – saída picadeiro (2011)



Imagem 9 – saída picadeiro (2011)

Passagem do Cortejo pelo sítio do “Coiro da Burra” (ida)



Imagem 10 – passagem pelo sítio “coiro da Burra” (2011)



Imagem 11 – passagem pelo sítio “coiro da Burra” (2011)



Imagem 12 – passagem pelo sítio “coiro da Burra” (2011)



Imagem 13 – passagem pelo sítio “coiro da Burra” (Charrete) (2011)

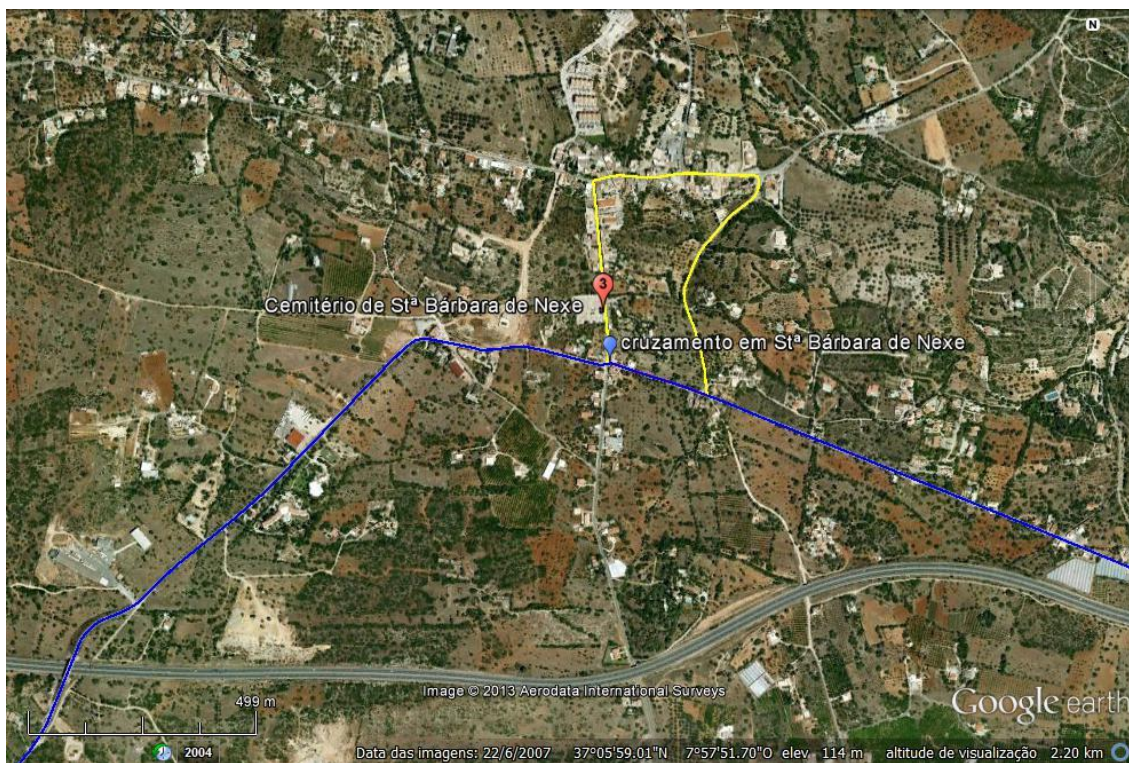


Imagem 14 – passagem pelo sítio “coiro da Burra” (2011)



Imagem 15 – passagem pelo sítio “coiro da Burra” (2011)

Passagem do Cortejo pelo cruzamento de Stª Bárbara de Nexe (ida)



Mapa 5 - secção 2 (pormenor do mapa)



Imagem 16 - Passagem pelo cruzamento de Stª Bárbara de Nexe (2011)

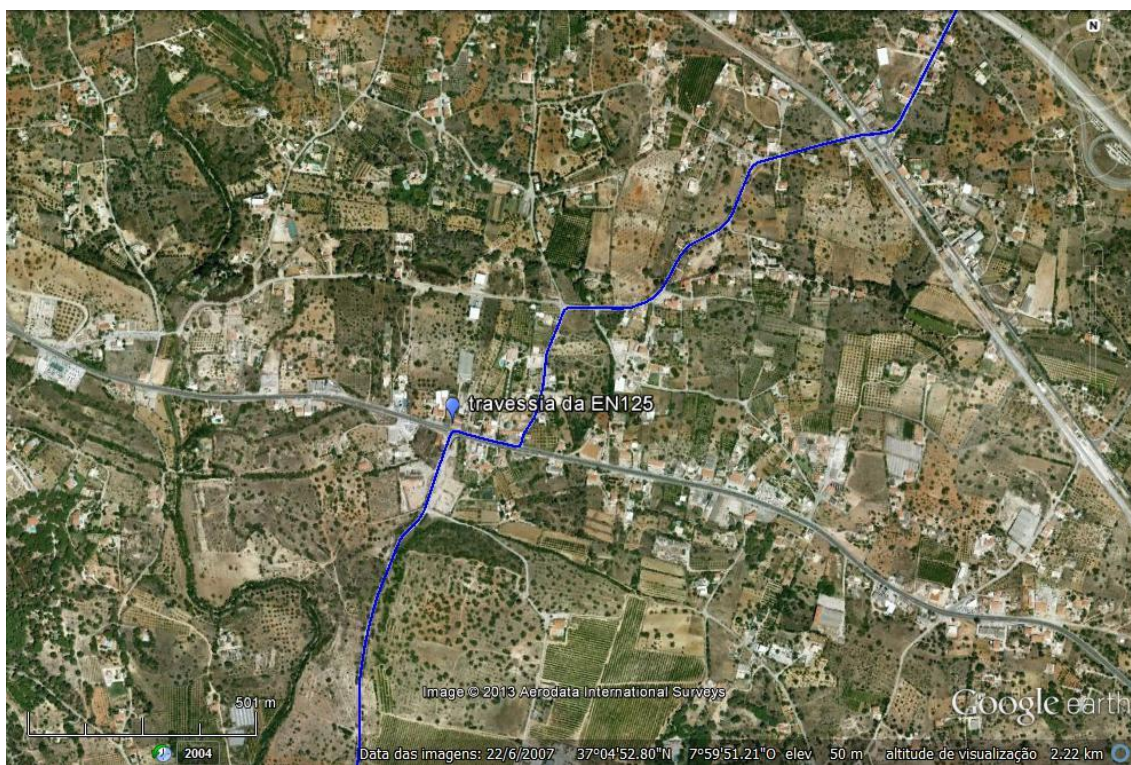


Imagem 17 - Passagem pelo cruzamento de Stª Bárbara de Nexe (2011)



Imagem 18 - CRUZAMENTO de Stª Bárbara de Nexe (crianças a assistirem ao cortejo) (2011)

Travessia da EN125 em direção à Estrada do Ludo (ida)



Mapa 6 - secção 3 (pormenor do mapa)



Imagem 19 – entrada do cortejo na Estrada do Ludo (2011)



Imagem 20 – cortejo na estrada do ludo (cavaleiros) (2011)



Imagem 21 – cortejo na estrada do ludo (charretes) (2011)



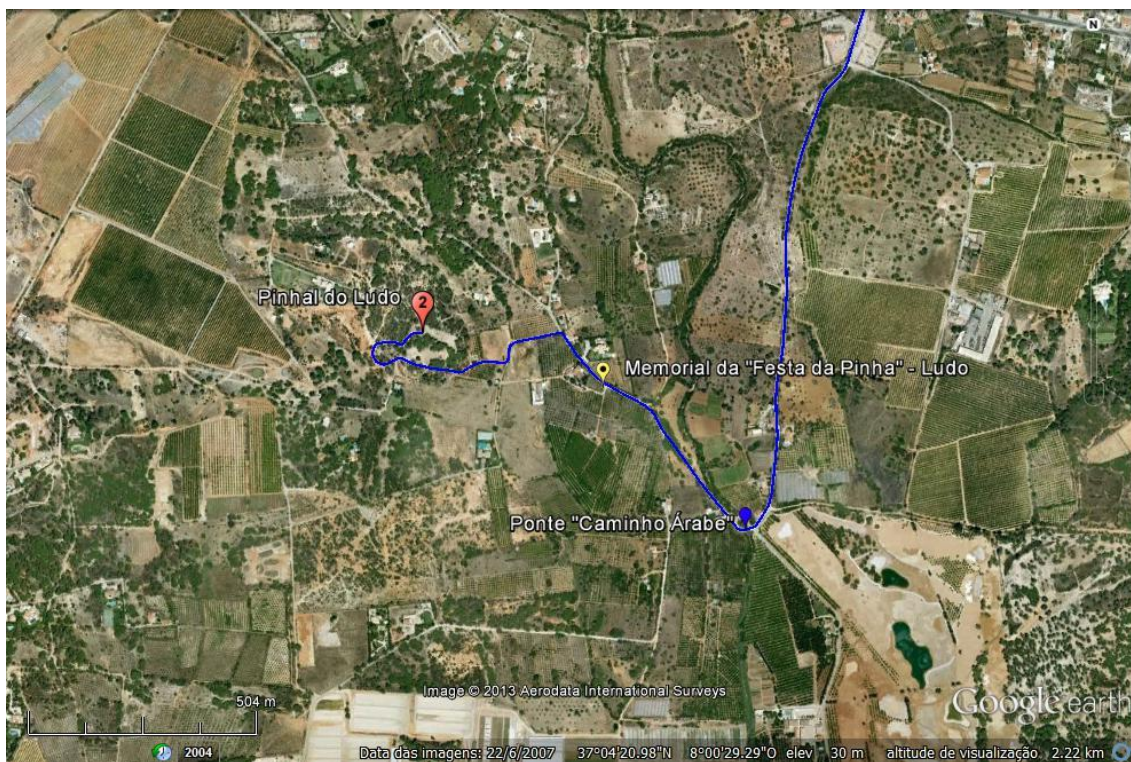
Imagem 22 – cortejo na estrada do ludo (trato com atrelado) (2011)



Imagem 23 – cortejo na estrada do ludo (trato com atrelado) (2011)

Travessia da Ponte “Caminho Árabe” e passagem pelo “Memorial à Festa da Pinha”

Ponto 2 – Chegada ao pinhal do Ludo: Piquenique convívio



Mapa 7 - secção 4 (pormenor do mapa)



Imagem 24 – rádio simão (1º veículo) a atravessar a ponte (2013)



Imagem 25 – cavaleiros a atravessar a ponte



Imagem 26 – travessia da ponte (fim dos cavaleiros – início das carroças)



Imagem 27 – travessia da ponte (carroça algarvia)



Imagem 28 – travessia da ponte (tratores com atrelado)



Imagem 29 – “memorial à Festa da Pinha” (Ludo), passagem do último carro do cortejo



Imagem 30 – vista panorâmica da chegada do cortejo à zona do pinhal do Ludo (2012)



Imagem 31 – CHEGADA do cortejo (cavaleiros) à zona do pinhal do Ludo (2012)



Imagem 32 – Pinhal do loudo: palco e estandartes (2013)



Imagem 33 – confraternização no pinhal do Ludo (2012)



Imagem 34 – veículos no pinhal do Ludo (2012)



Imagem 35 – Piquenique (PB, 2013)



Imagem 36 – cavalos em repouso durante o piquenique (2012)



Imagem 37 – cavalos em repouso durante o piquenique (2012)



Imagem 38 – trator junto a um grupo (convívio no pinhal do ludo) (2012)



Imagem 39 – jogo dos “puxos de corda” (2011)



Imagem 40 – jogo dos “puxos de corda” (PB, 2013)

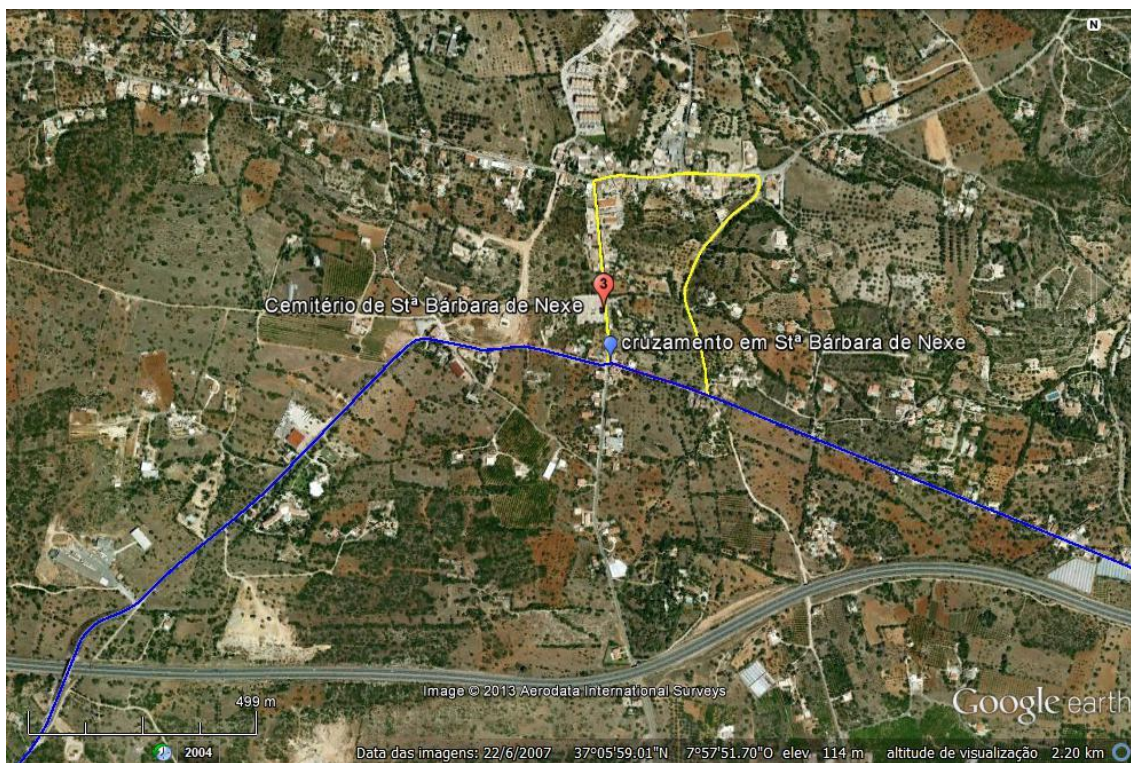


Imagem 41 – baile durante o piquenique (2011)



Imagem 42 – lançamento do foguete que marca o início do cortejo do regresso (Ludo) (PB, 2013)

Cortejo de regresso à aldeia: Travessia da EN125 em direção ao Ponto 3 do percurso



Mapa 8 - secção 5 (pormenor do mapa)



Imagem 43 – cortejo de regresso (travessia da EN125) (PB, 2013)



Imagem 44 – Igreja Matriz de Estoi (Espectadores à espera da chegada do cortejo) (2011)



Imagem 45 – espetáculo musical no Largo da Liberdade (frente à igreja matriz) (2013)



Imagem 46 – espetadores à espera da chegada do cortejo (vista desde o adro da Igreja matriz / Largo da liberdade) (2013)

Ponto 4: chegada do cortejo ao “Coiro da Burra” e entrada na aldeia de Estoi
Ponto 5: chegada à Ermida do Pé da Cruz / Fogueira

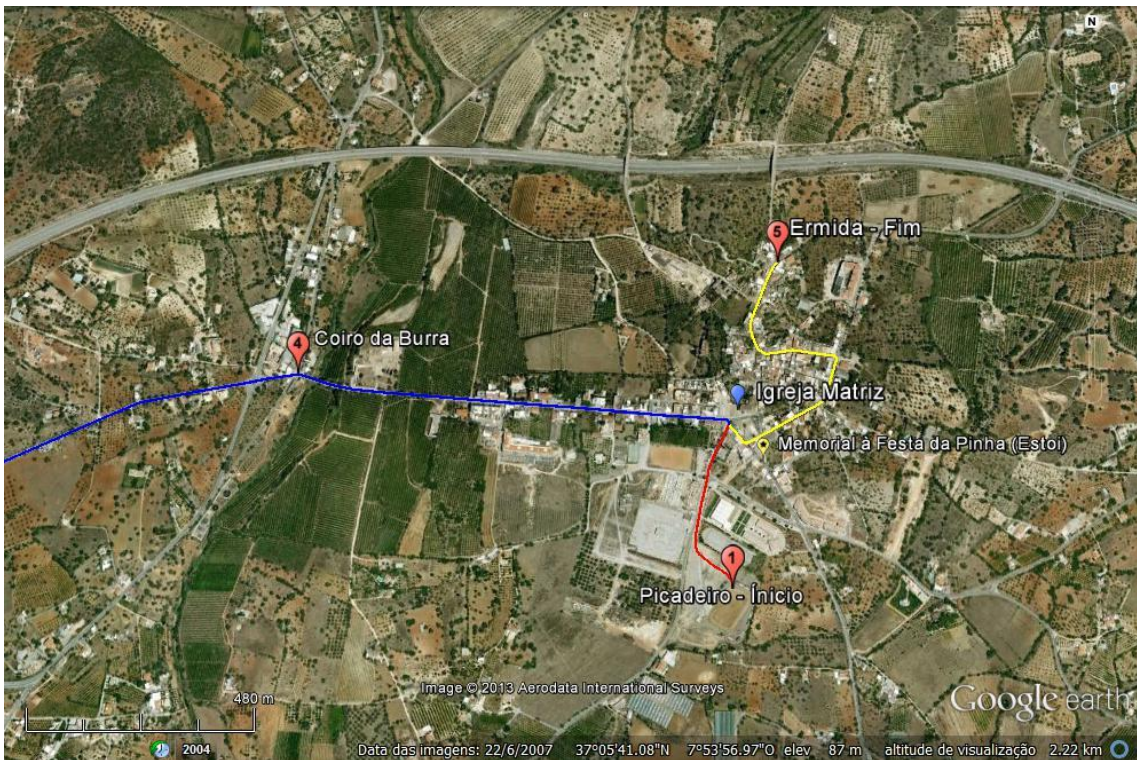




Imagem 47 – FOGO-DE-ARTIFÍCIO a assinalar a chegada do cortejo ao Sítio do “Coiro da Burra” e entrada na aldeia de Estoi (PB, 2013)



Imagem 48 – aspeto da entrada do cortejo (Rua de Faro/Largo da Liberdade) (2013)



Imagem 49 – cortejo a chegar à aldeia (cavaleiros) (2012)



Imagem 50 – entrada do cortejo na aldeia (tratores) (2012)



Imagem 51 – vista da entrada na aldeia: estandarter e banda filarmónica a abrir o cortejo (rossio da aldeia - Largo da Liberdade/ Igreja Matriz) (2013)



Imagem 52 – entrada do cortejo na aldeia (tratores) (2013)



Imagem 53 – Fim do percurso: passagem do cortejo frente à Ermida / Fogueira (2013)



Imagem 54 - Fim do percurso: passagem do cortejo frente à Ermida / Fogueira (PB, 2013)



Imagem 55 – arraial popular com baile no Largo Ossónoba (término do dia 2) (2013)



Imagem 56 – Ermida do Pé da Cruz: altar preparado para celebração da missa de encerramento da “Festa da Pinha” (dia 3 de maio) (2012)

Imagens de promenores da Festa



Imagem 57 - janela da Ermida enfeitada para a Festa da Pinha (PB, 2013)



Imagem 58 – (PB, 2013)



Imagem 59 – (PB, 2013)



Imagem 60 – (PB, 2013)



Imagem 61 – (PB, 2013)



Imagem 62 – (2011)



Imagem 63 – (2011)



Imagem 64 – (2013)



Imagem 65 – (PB, 2012)



Imagem 66 – (PB, 2013)



Imagem 67 (2012)



Imagem 68 – (PB, 2013)



Imagem 69 – (PB, 2013)



Imagem 70 – (PB, 2013)



Imagem 71 - (PB, 2013)



Imagem 72 - (PB, 2012)



Imagem 73 - (PB, 2013)



Imagem 74 – (PB, 2013)



Imagem 75 – (PB, 2013)



Imagem 76 – (PB, 2012)

ANEXO B – Vistas da Aldeia de Estoi (fotografias)



Imagem 77 – vista da Rua de Faro (rua de entrada do cortejo na aldeia) (2013)



Imagem 78 – habitação particular (Rua de Faro) (2013)



Imagem 79 – Edifício adornado com “PINHAS” nos varandins (Rua de Faro) (2013)



Imagem 80 - pormenor dos varandins ornamentados com “PINHAS” (2013)



Imagem 81 – Habitação na rua de faro (2013)



Imagem 82 - Habitação na Rua de Faro (2013)



Imagem 83 – edifício na Rua de Faro



Imagem 84 – pormenor do varandim adornado com “Pinhas”



Imagem 85 – vista da interseção da Rua do Cemitério com a Rua de Faro (Largo da Liberdade à dir..) (2013)



Imagem 86 – Igreja matriz de S. Martinho de Estoi



Imagem 87 – pormenor de pináculos adornados com “PINHAS” (Igreja Matriz) (2013)



Imagem 88 – vista da Rua da Igreja



Imagem 89 – Largo da Liberdade (rossio da aldeia), vista a partir da Igreja Matriz (2013)



Imagem 90 – vista da Rua das olarias (2013)



Imagem 91 – Largo da Liberdade (nº15) (2013)



Imagem 92 – Largo General Humberto Delgado



Imagem 93 – vista do Largo General Humberto Delgado



Imagem 94 – Nº1 Largo Humberto delgado (2013)



Imagem 95 – pormenor da platibanda (pinha) (2013)



Imagem 96 - Largo Ossónoba (2013)



Imagem 97 – Edifício da Farmácia Ossónoba (Largo Ossónoba) (2013)



Imagem 98 - vista da Rua da Barroca (2013)



Imagem 99 - Rua da Barroca (2013)



Imagem 100 - pormenor da Rua da arroca (2013)



Imagem 101 - pormenor da Rua Furriel João Manuel Pinheiro Canal (2013)



Imagem 102 – Vista para a Rua da Bica



Imagem 103 – Lavadouro público “A Presa” (Rua da Bica) (2013)



Imagem 104 – vista da Rua da Barroca



Imagem 105 – vista da Rua do Pé da Cruz



Imagem 106 – vista da Rua do Pé da Cruz

ANEXO C - Cartaz do Programa da Festa da Pinha 2013



The poster features a background image of a street scene at night with people and a bonfire. A woman in traditional dress is shown in the lower-left corner. The text is overlaid on the image in various colors and sizes.

festa da pinha 2013

ESTOI

festa dos maios

1. e 2. de maio

festa do caracol

feira rural

DIA 1 DE MAIO - DIA DOS MAIOS

- 08.00 h - Atacar o Maio
- 09.00 h - Início da Exposição de Maios pelas Ruas da Aldeia
- 10.30 h - Abertura da Feira do Espaço Rural, Velharias e Antiquidades
- 12.00 h - Programa Gastronómico Especial na Pousada do Palácio de Estoi
- 16.00 h - Festa do Caracol e Petiscos com animação musical:
Rancho Folclórico, Grupo ACESTOI, Tunas - UAIG, Hip-Hop, Karaté
- 18.00 h - Entrega de flores à Senhora do Pé da Cruz
- 21.00 h - Lg. da Liberdade - Arrabal Popular com Baile - com o grupo BAILASONS

DIA 2 DE MAIO - FESTA DA PINHA

- 07.00 h - Alvorada com foguetes e morteiros
- 08.00 h - Início da chegada dos Romeiros ao picadeiro
- 09.30 h - Bênção dos Romeiros e partida do Cortejo para o Ludo
- 12.00 h - Almoço Campestre no Pinhal do Ludo
Festival Gastronómico - Palácio de Estoi
- 18.00 h - Partida dos Romeiros do Ludo
- 20.00 h - Desfile da Romaria em S. Bárbara de Nexe
- 20.30 h - Espectáculo Musical no Largo da Liberdade - Tributo aos Xutos e Pontapés
- 22.00 h - Cortejo dos Archotes, terminando com a grande fogueira
frente à igreja Srª do Pé da Cruz
- 23.30 h - Arrabal popular com Gil Rosa - Baile - Largo Ossónoba

DIA 3 DE MAIO

- 19.00h - Missa de Agradecimento à Senhora do Pé da Cruz

espetáculos artesanato folclore



ANEXO D - Documento da "Confraria de N^a S^a do Pé da Cruz 1875 - 1877"

Verba da cera. Capít. 4.º § 2. Logo que o corpo do fallecido irmão ou irmã for depositado na Igreja, a Confraria dará a cera para cera ou metado da cera se o defuncto é comprado d'outra Confraria desta Parochia para allumiar o corpo, &c. Capít. 6. Todos os annos no dia 2 de Fevereiro, que é o dia festa da Purificação de Nossa Senhora se dará por conta da Confraria umta velta de tres em arrotal a todos os empregados da Missa, como remuneração de seus serviços que em todo o anno fazem á mesma Confraria. Capít. 7.º §§ 1 e 3.

D.º da Missa de pensão Capít. 7.º § 1. Todos os annos no dia 3 de Maio que é o dia Invenção da Santa Cruz se fará a Nossa Senhora do Pé da Cruz na sua Ermida umta missa cantada por cantochão. Cujas missas poderão ser a da pensão, precedendo a Novena de Nossa Senhora a qual começará sempre no dia 24 de Abril.

D.º da festa. Capít. 7.º § 3. A festa solenne da Senhora do Pé da Cruz se fará na Igreja Matriz com missa cantada e Sermon, e em fim com toda a pompa que for possível, e a confraria pesso' fará, e fundu a festa regressará a Senhora em processão solenne para a sua Ermida acompanhando todos os irmãos. &c.

D.º dos supragios Capít. 4.º § 3. Pelo irmão ou irmã defunctos a Confraria por meio do irmão Recebedor lhe mandará fazer com brevidade possível os supragios pela sua alma, a saber = Meio officio e seis missas rezadas, &c.

D.º da gratificação para a escola. Alvará do Governo Civil de Faro de 25 de Julho de 1875.